



AS MOTIVAÇÕES E PREOCUPAÇÕES DOS PROFESSORES

Apresentação dos resultados de um inquérito

Joaquim Azevedo (coord.)

João José Veiga

Duarte Ribeiro

Título: As preocupações e motivações dos professores: apresentação dos resultados de um inquérito

Autoria: Joaquim Azevedo (coordenação), João Veiga, Duarte Ribeiro

Propriedade: Fundação Manuel Leão | Centro de Estudos Sociais

Data: Agosto 2016

Local: Vila Nova de Gaia

© 2016 . Fundação Manuel Leão

www.fmleao.pt | fmleao@mail.telepac.pt | 223 708 681

Índice geral

Introdução	9
I. Apresentação do inquérito aos professores	10
II. Resultados do estudo	15
Parte 1 . Os professores e a sua profissão	15
Destaques parte 1 . Os professores e a sua profissão	44
Parte 2 . Os professores, a evolução das políticas públicas de educação	46
Destaques parte 2 . Os professores, a evolução das políticas públicas da educação	54
Parte 3 . Satisfação profissional	55
Destaques parte 3 . Satisfação profissional	61
Parte 4 . Relação com alunos, pais e colegas	63
Destaques parte 4 . Relação com alunos, pais e colegas	66
Parte 5 . Autoconceito e autoestima	67
Destaques parte 5 . Autoconceito e autoestima	73
Parte 6 . Opinião sobre os atuais alunos	74
Destaques parte 6 . Opinião sobre os atuais alunos	77
III. Comentário final: Um tempo propício à fatalidade ou à responsabilidade? Joaquim Azevedo	78
Algumas chaves de leitura	81
IV. Anexos	88

Índice de quadros

Quadro 1 . Caracterização dos respondentes, por género	12
Quadro 2 . Caracterização dos respondentes, por titularidade do estabelecimento de ensino	13
Quadro 3 . Caracterização dos respondentes, por nível/ciclo de ensino que lecionavam	13
Quadro 4 . Caracterização dos respondentes, por tempo de serviço docente	14
Quadro 5 . Número e tipologia dos estabelecimentos de ensino dos respondentes	14
Quadro 6 . Denominação escolhida para definir o que é ensinar	15
Quadro 7 . Definição de ensinar, conforme o tempo de serviço docente	18
Quadro 8 . Termo que cada professor associa ao trabalho de ensinar	18
Quadro 9 . Termo associado ao trabalho de ensinar, conforme o tempo de serviço	20
Quadro 10 . Razão indicada para escolher ser professor	21
Quadro 11 . O que cada docente gostaria de fazer nos próximos cinco anos	21
Quadro 12 . O que os docentes gostariam de fazer, a médio prazo, conforme o tempo de serviço	22
Quadro 13 . Grau de satisfação em relação ao início da vida profissional	23
Quadro 14 . Variação do grau de satisfação em relação ao início da vida profissional	24
Quadro 15 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao volume de trabalho	25
Quadro 16 . Evolução, nos últimos anos, do volume de trabalho	26
Quadro 17 . Evolução, nos últimos anos, em relação às tarefas burocráticas e administrativas	26
Quadro 18 . Evolução, nos últimos anos, das tarefas burocráticas e administrativas	27
Quadro 19 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao prestígio da profissão docente, devido à informação veiculada pela comunicação social	27
Quadro 20 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao prestígio da profissão docente	28
Quadro 21 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao controlo sobre o trabalho profissional	29
Quadro 22 . Evolução, nos últimos anos, em relação à exigência da prestação pública de contas	29
Quadro 23 . Evolução, nos últimos anos, da prestação pública de contas	30
Quadro 24 . Evolução, nos últimos anos, em relação à autonomia e poder de decisão dos professores	30
Quadro 25 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao tempo e condições que os professores têm para refletir sobre as suas práticas educativas	32
Quadro 26 . Evolução, nos últimos anos, do tempo e condições para os professores refletirem sobre as suas práticas	32
Quadro 27 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao trabalho colaborativo entre professores	33
Quadro 28 . Evolução, nos últimos anos, em relação à partilha regular de ideias e materiais pedagógicos	33
Quadro 29 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao individualismo do trabalho docente	34
Quadro 30 . Evolução, nos últimos anos, do individualismo do trabalho docente	35
Quadro 31 . Grau de concordância/discordância em relação aos professores se sentirem motivados para ensinar	36
Quadro 32 . Grau de concordância/discordância em relação à motivação para ensinar	38
Quadro 33 . Grau de concordância/discordância em relação à sociedade valorizar os professores	38
Quadro 34 . Grau de concordância/discordância em relação ao Ministério da Educação valorizar o trabalho dos professores	39
Quadro 35 . Grau de concordância/discordância em relação aos alunos valorizarem o trabalho dos professores	39
Quadro 36 . Grau de concordância/discordância em relação aos pais dos alunos valorizarem o trabalho dos professores	41

. As preocupações e as motivações dos professores .

Quadro 37 . Grau de concordância/discordância em relação à afirmação de que os alunos do estabelecimento de ensino de cada professor saem academicamente bem preparados	42
Quadro 38 . Evolução da Educação em Portugal, na última década	46
Quadro 39 . Como os professores encaram à partida, o anúncio de alguma reforma ou mudança educativa	47
Quadro 40 . Como os professores encaram à partida, o anúncio de alguma reforma ou mudança educativa, por tempo de serviço	48
Quadro 41 . Fator(es) mais importante(s) para o sucesso dos alunos	49
Quadro 42 . Impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à qualidade da educação	50
Quadro 43 . Impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à equidade da educação	50
Quadro 44 . Impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à democratização do acesso à educação	51
Quadro 45 . Impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à melhoria das práticas docentes	52
Quadro 46 . Impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à melhoria dos métodos e conteúdos usados no ensino	52
Quadro 47 . Impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à concorrência entre estabelecimentos de ensino	53
Quadro 48 . O que dá aos docentes maior satisfação no seu trabalho	55
Quadro 49 . O que dá aos docentes maior satisfação no seu trabalho, por tempo de serviço	56
Quadro 50 . O que causa aos docentes maior insatisfação no seu trabalho	57
Quadro 51 . Fontes de formação que contribuíram para a melhoria do trabalho docente	57
Quadro 52 . Principal problema, entre as opções, que coloca mais dificuldades aos professores	58
Quadro 53 . Principal problema, entre outras opções, que coloca mais dificuldades aos professores	59
Quadro 54 . Como os professores valorizam o trabalho em equipa com os colegas	60
Quadro 55 . Valorização do trabalho em equipa, entre docentes	60
Quadro 56 . Causas de maior insatisfação para os professores, na relação com os alunos	63
Quadro 57 . Causas de maior satisfação para os professores, na relação com os pais dos alunos	63
Quadro 58 . Causas de maior insatisfação para os professores, na relação com os pais dos alunos	65
Quadro 59 . Frequência com que os professores falam, com algum colega, sobre os problemas que encontra no seu ensino	65
Quadro 60 . Distribuição das escolhas dos professores para definirem a sua relação com o trabalho docente	67
Quadro 61 . Distribuição das respostas dos professores para definirem a sua relação com o trabalho docente	69
Quadro 62 . Distribuição das opções escolhidas pelos professores para refletir o seu estado de espírito mais habitual quando estão na escola.	70
Quadro 63 . Distribuição das respostas dos professores que refletem o seu estado de espírito mais habitual quando estão na escola, por tempo de serviço	71
Quadro 64 . Distribuição das escolhas dos professores sobre o que consideram ser a maior virtude do seu trabalho docente	72
Quadro 65 . Distribuição da opinião dos professores sobre os atuais alunos, em relação aos de há uma década	74
Quadro 66 . Principais problemas que os professores percecionam nos atuais alunos	75
Quadro 67 . Principais problemas que os professores percecionam nos atuais alunos, em função do tempo de serviço	76

Índice de gráficos

Gráfico 1 . Definição de ensinar, por género	16
Gráfico 2 . Definição de ensinar, por titularidade do estabelecimento de ensino	16
Gráfico 3 . Definição de ensinar, por nível/ciclo de ensino lecionado	17
Gráfico 4 . Termo associado ao trabalho de ensinar, por género	19
Gráfico 5 . Termo associado ao trabalho de ensinar, por titularidade de estabelecimento de ensino	19
Gráfico 6 . Termo associado ao trabalho de ensinar, por nível/ciclo de ensino lecionado	20
Quadro 9 . Termo associado ao trabalho de ensinar, conforme o tempo de serviço	20
Gráfico 7 . O que os docentes gostariam de fazer, a médio prazo, por género e titularidade de estabelecimento de ensino	23
Gráfico 8 . Variação do grau de satisfação, em relação ao início da vida profissional, por titularidade do estabelecimento de ensino	24
Gráfico 9 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao volume de trabalho, por titularidade de estabelecimento de ensino	25
Gráfico 10 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao prestígio da profissão docente, devido à informação veiculada pela comunicação social, por nível de ensino lecionado	28
Gráfico 11 . Evolução, nos últimos anos, em relação à autonomia e poder de decisão dos professores, por nível de ensino lecionado	31
Gráfico 12 . Evolução, nos últimos anos, em relação à autonomia e poder de decisão dos professores, por titularidade de estabelecimento de ensino	31
Gráfico 13 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao individualismo do trabalho docente, segundo a titularidade de estabelecimento de ensino, género e localização geográfica	34
Gráfico 14 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao individualismo do trabalho docente, por nível de ensino lecionado	35
Gráfico 15 . Grau de concordância/discordância em relação aos professores se sentirem motivados para ensinar, por titularidade de estabelecimento de ensino	37
Gráfico 16 . Grau de concordância/discordância em relação aos professores se sentirem motivados para ensinar, por nível/ciclo lecionado	37
Gráfico 17 . Grau de concordância/discordância em relação aos alunos valorizarem o trabalho dos professores, por titularidade de estabelecimento de ensino	40
Gráfico 18 . Grau de concordância/discordância em relação aos alunos valorizarem o trabalho dos professores, por género	40
Gráfico 19 . Grau de concordância/discordância em relação aos alunos valorizarem o trabalho dos professores, por nível de ensino	41
Gráfico 20 . Os alunos deste estabelecimento de ensino saem academicamente bem preparados, por nível de ensino lecionado	43
Gráfico 21 . Como os professores encaram à partida, o anúncio de alguma reforma ou mudança educativa, por tipo de estabelecimento de ensino	47
Gráfico 22 . Fator(es) mais importante(s) para o sucesso dos alunos, por nível/ciclo de ensino	49
Gráfico 23 . Impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à qualidade, à equidade e à democratização do acesso à educação	51
Gráfico 24 . O que dá aos docentes maior satisfação no seu trabalho, por nível de ensino lecionado	56

. As preocupações e as motivações dos professores .

Gráfico 25 . Principal problema que coloca mais dificuldades aos professores, por nível de ensino lecionado	58
Gráfico 26 . Causas de maior satisfação para os professores, na relação com os pais dos alunos, segundo o tipo de estabelecimento de ensino	64
Gráfico 27 . Distribuição das respostas dos professores para definirem a sua relação com o trabalho docente, por género	67
Gráfico 28 . Distribuição das respostas dos professores para definirem a sua relação com o trabalho docente, por tipo de estabelecimento de ensino	68
Gráfico 29 . Distribuição das respostas dos professores para definirem a sua relação com o trabalho docente, por nível/ciclo de ensino lecionado	69
Gráfico 30 . Distribuição das respostas dos professores que refletem o seu estado de espírito mais habitual quando estão na escola, por tipo de estabelecimento de ensino	71
Gráfico 31 . Distribuição da opinião dos professores sobre os atuais alunos, em relação aos de há uma década, segundo o nível/ciclo de ensino lecionado	74
Gráfico 32 . Distribuição da opinião dos professores sobre os principais problemas que percecionam nos atuais alunos, segundo o nível/ciclo de ensino lecionado	76
Quadro 67 . Principais problemas que os professores percecionam nos atuais alunos, em função do tempo de serviço	76

Siglas usadas

PE - Pré-escolar

1º CEB - Primeiro Ciclo do Ensino Básico

2º CEB - Segundo Ciclo do Ensino Básico

3º CEB - Terceiro Ciclo do Ensino Básico

ES - Ensino Secundário

EP - Ensino Profissional (Escolas Públicas, Particulares e Escolas Profissionais)

EscP - Escolas Profissionais

CFAE's – Centros de Formação de Associações de Escolas

Introdução

A Fundação Manuel Leão é uma instituição que se dedica à promoção do bem comum, privilegiando as áreas da educação e da cultura. Para celebrar os 20 anos da sua constituição, está a promover um conjunto de iniciativas, articuladas também com a celebração simultânea dos 30 anos da aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo.

Para além dos dois encontros, já realizados, sobre "A educação do futuro está aqui", vai promover um outro encontro, a 9 de setembro, com dois objetivos principais:

- (i) dar a conhecer e debater os principais resultados do inquérito aos professores portugueses sobre o estado atual das suas "emoções e preocupações";
- (ii) divulgar e debater o estado da educação em Portugal, na perspetiva do Programa AVES – Avaliação Externa de Escolas; ao fim de quinze anos de aplicação contínua de uma bateria de questionários sobre a qualidade da educação das escolas portuguesas, a Fundação vai devolver à sociedade portuguesa o conhecimento que foi acumulando sobre as suas escolas.

Quais os resultados escolares dos alunos? Como tem evoluído a opinião dos pais, dos alunos e dos professores sobre as suas escolas?

Como temos poucas leituras sólidas e independentes acerca do que se passa na Educação, em Portugal, e a voz dos docentes também precisa de se fazer ouvir, foi aplicado aos professores um questionário para inquirir sobre as suas “motivações e preocupações”.

Este relatório tem como finalidade apresentar os resultados desse questionário, num momento em que muito se fala do cansaço, do esgotamento, do "burnout" que acampou entre os docentes portugueses, cada vez mais envelhecidos. Será verdade? Ou essa é uma visão que alguém quer fazer passar sobre o que sentem os professores? Sendo verdade, como é que isso deve ser lido, hoje, em Portugal, quarenta anos após a implantação da escola democrática? Mas, o que sentem de facto, os professores no termo do ano letivo 2015/16?

I. Apresentação do inquérito aos professores

Para contribuir para elucidar essas questões, a Fundação Manuel Leão e o seu Programa AVES – Avaliação Externa de Escolas, promoveram a aplicação desse questionário, constituído por 30 questões, de resposta fechada, com 6 opções de resposta.

O inquérito foi estruturado em seis partes, para além da parte inicial para a recolha dos dados profissionais e pessoais dos respondentes. A primeira parte incidiu sobre a profissão docente, enquanto a segunda centrou-se na educação e no sistema educativo português. A terceira parte inquiriu os docentes sobre a sua satisfação profissional e a parte seguinte pretendeu inquirir aspetos relevantes do sistema relacional em que os docentes estão envolvidos – relações com os alunos, com os encarregados de educação e com os colegas de estabelecimento de ensino. O inquérito termina com, uma área de questões sobre o autoconceito e a autoestima dos professores e, por fim, uma outra sobre a opinião que os docentes têm sobre os atuais alunos.

Fontes

Para elaborar este questionário, a fonte principal foi o trabalho desenvolvido em vários países pela Fundación Santa Maria, através do Instituto de Evaluación y Asesoramiento Educativo-IDEA, de Espanha. Estas instituições têm coordenado vários estudos baseados na aplicação de inquéritos a docentes, entre os quais salientamos: “Las emociones y representaciones de los actores escolares, aplicado no Chile, em 2009, e “Las emociones y los valores del profesorado”, aplicado em Espanha, de 2008. A outra fonte foi o Projeto TEL (*Teachers Exercising Leadership* - Os professores e o exercício da liderança), que é um projeto de investigação-ação integrado numa rede internacional (International Teacher Leadership), que “tem a finalidade de desenvolver e alargar o profissionalismo dos professores através do exercício da liderança, entendendo-se a liderança do professor não apenas envolvendo a liderança do ensino e da aprendizagem na sala de aula, mas também a liderança de inovações e a construção de conhecimento profissional dentro e para além da sala de aula e da escola”.

Objectivo geral e objectivos específicos

Objetivo geral:

- conhecer o estado de espírito atual dos professores, as suas autorepresentações, o que os satisfaz e os tem deixado mais insatisfeitos, como valorizam o seu trabalho e que perceção têm do modo com a sociedade os valoriza.

Objetivos específicos:

- conhecer representações e opiniões dos professores acerca da sua profissão, da sua identidade profissional, incluindo as variações ocorridas nos últimos anos;

. As preocupações e as motivações dos professores .

- compreender o estado de espírito dos professores sobre o seu exercício profissional atual (satisfação e insatisfação, dificuldades e virtudes) e sobre as representações que outros atores sociais têm dos professores (Ministério da Educação, pais e alunos);
- conhecer a opinião dos professores sobre o impacto das reformas educativas empreendidas nos últimos anos sobre vários aspetos da educação e do funcionamento das escolas e dos seus resultados;
- compreender as percepções dos professores sobre os pais e os alunos atuais e sobre as representações que os pais e os alunos têm do seu trabalho.

Metodologia

O estudo empregou uma metodologia descritiva de tipo quantitativo. O instrumento empregado foi um questionário fechado dirigido aos professores de todos os graus de ensino (exceto o ensino superior), do ensino público e privado, com 30 perguntas. O universo é composto por escolas e agrupamentos escolares, escolas profissionais e colégios. Foi aplicado um pré-teste em Maio de 2016. A aplicação do questionário decorreu entre o fim de maio e o fim de julho de 2016. O questionário foi endereçado aos diretores de agrupamentos escolares e escolas envolvidas no Programa de Avaliação Externa de Escolas (AVES), a que se juntaram outras escolas com as quais os colaboradores do Programa e colegas seus têm trabalhado.

Análise descritiva

Considera-se uma análise descritiva, com frequências percentuais e cruzamentos relevantes, com variáveis de segmentação. As variáveis de segmentação são: sexo, tipo de escola pública ou privada, grau de ensino e tempo de leccionação.

Procedeu-se à introdução dos dados quantitativos no programa estatístico Statistical Package for Social Sciences – SPSS (versão 21.0). Foram realizadas análises por frequência e descritivas no sentido de explorar os dados obtidos.

Participantes

Para este estudo foi possível contar com 2910 respostas válidas de professores do pré-escolar ao ensino secundário (regular e profissional), a exercer funções docentes em estabelecimento de ensino público ou particular. A amostra não é estatisticamente representativa do universo dos docentes, em termos rigorosos de estratificação, mas fica muito próxima desse modelo (se se considerar um intervalo de confiança de 8%). Trata-se, pois, de uma amostra por conveniência, nos termos explicitados

Os dados deste estudo foram recolhidos via *online* ou em papel, de todo o país, distribuídos por 130 escolas ou agrupamentos, anonimamente e com a garantia da confidencialidade dos dados recolhidos.

Para cada escola ou agrupamento que tenha colaborado mais significativamente com um considerável número de respostas é elaborado um pequeno relatório analítico, que permite, como sempre fazemos no AVES, uma análise comparativa dos resultados da escola ou agrupamento com o todo nacional.

Limites do estudo

Este estudo deverá ser completado quer com outros semelhantes realizados em Portugal e em outros países, entre os quais já referimos dois, quer com outro tipo de dados de enquadramento político e social do exercício profissional docente.

Não existe uma comparação histórica, que permita situar o antes e o depois, a respeito das percepções, emoções e opiniões dos professores. Fica realizada, para já, esta fotografia e, mais tarde, veremos se podemos e é oportuno regressar a este tipo de inquérito.

Caracterização dos Participantes (variáveis de segmentação)

Dos 2910 professores participantes, 1921 são do sexo feminino e 970 são do sexo masculino, uma distribuição maioritariamente feminina. Relativamente à titularidade do estabelecimento de ensino, 2309 docentes (79,3%) lecionam no setor público. Quanto ao tempo de serviço na docência, o escalão com maior número de participantes situa-se entre os 21 e 30 anos (38,6%).

Nos Quadros que se seguem, apresentam-se as características dos respondentes do questionário, de uma forma mais detalhada, segundo o género, a titularidade do estabelecimento de ensino onde exerciam funções, o nível/níveis ou ciclo(s) de ensino que lecionavam no passado ano letivo e o número de anos de serviço docente.

Quadro 1 . Caracterização dos respondentes, por género

	<i>n</i>	%
Masculino	970	33,3%
Feminino	1 921	66,0%
Não responderam	19	0,7%

Tomando por referência os dados do “Perfil do docente 2014/2015”, publicado pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciências, em julho de 2016, verifica-se que a amostra está subdimensionada em relação ao sexo feminino, pois a sua percentagem no *Perfil* é de 77,8%.

Quadro 2 . Caracterização dos respondentes, por titularidade do estabelecimento de ensino

	<i>n</i>	%
Público	2 309	79,3%
Privado	587	20,2%
Não responderam	14	0,5%

Em relação à percentagem de respondentes, considerando a titularidade do estabelecimento de ensino de pertença, a amostra está alinhada com a distribuição do *Perfil*, em que existem 81,6%¹ de professores no ensino público.

Quadro 3 . Caracterização dos respondentes, por nível/ciclo de ensino que lecionavam

	<i>n</i>	%
Pré-escolar	225	5,3%
1º CEB	605	14,3%
2º CEB	657	15,6%
3º CEB e Ensino Secundário	2 072	71,2%
Ensino Profissional	649	15,4%
Não responderam	10	0,2%

A distribuição dos inquiridos, por nível/ciclo de ensino que lecionavam, está subdimensionada na Educação Pré-escolar e no 1º CEB (10,8% e 18,5%, respetivamente no *Perfil*), e sobredimensionada no 2º CEB e no 3º CEB e Ensino Secundário (13,9% e 49,7%, no *Perfil*). No entanto, chama-se a atenção para o facto de muitos docentes lecionarem cumulativamente o 3º CEB e o Ensino Secundário com outros níveis/ciclos de ensino, como sejam, o 2º CEB e o Ensino Profissional, pelo que a percentagem de 71,2% não é comparável com a de 49,7% indicada no *Perfil*.

A representação do Ensino Profissional não pode ser comparada pois, o *Perfil* não indica o número de docentes que lecionam o Ensino Profissional, mas sim os docentes das Escolas Profissionais públicas e privadas. Acresce ainda que, uma parte dos respondentes da amostra são docentes daquele tipo de ensino, em estabelecimentos públicos, mas estão contabilizados no *Perfil* no quadro docente a que pertencem (3º CEB e Ensino Secundário).

¹ Excluindo os docentes do Ensino Especial.

Quadro 4 . Caracterização dos respondentes, por tempo de serviço docente

	<i>n</i>	%
menos de 3 anos	49	1,7%
entre 3 e 10 anos	256	8,8%
entre 11 e 20 anos	803	27,6%
entre 21 e 30 anos	1 123	38,6%
entre 31 e 35 anos	390	13,4%
mais de 35 anos	272	9,3%
Não responderam	17	0,6%

Nesta dimensão da caracterização, a comparação não é possível, uma vez que o *Perfil* não utiliza esta tipologia de caracterização, mas sim a idade dos docentes.

Numa tentativa de conciliação entre as duas tipologias usadas, idade e tempo de serviço docente, e considerando que um docente com 21 ou mais anos de serviço terá, aproximadamente 45 ou mais anos de idade², podemos dizer que a amostra com 61,3% dos docentes inquiridos com mais de 21 anos de serviço, está em linha com, aproximadamente, 59,4%³ dos docentes com mais de 45 anos, indicados no perfil.

No Quadro 5 apresentam-se o número e a tipologia dos estabelecimentos de ensino dos respondentes indicando, no caso do Ensino Particular, se as suas instituições tinham ou não contrato de associação.

Quadro 5 . Número e tipologia dos estabelecimentos de ensino dos respondentes

		<i>n</i>	%
Ensino Público	Agrupamentos de Escolas	88	67,7%
	Escolas (não integradas)	8	6,1%
Ensino Particular e Cooperativo	Com contrato de associação	11	8,5%
	Sem contrato de associação	7	5,4%
Escolas Profissionais	Públicas	2	1,5%
	Privadas	14	10,8%
Total dos estabelecimentos de ensino		130	100%

² Considerando que, a partir dos anos 90, a entrada na docência não se fez logo após a conclusão da formação académica, que geralmente terminava aos 22-23 anos de idade.

³ Considerando os 39,5% dos docentes com mais de 50 anos de idade e metade dos 37,8% dos docentes do escalão etário dos 40 aos 49 anos.

II. Resultados do estudo

Apresentam-se, de seguida, os principais resultados do estudo em análise. Os resultados são apresentados em seis partes, correspondendo aos seis blocos de questões do inquérito, questão a questão. São igualmente apresentados, junto a cada questão, a análise segmentada das respostas

Parte 1 . Os professores e a sua profissão

No primeiro conjunto de questões deste bloco pretendeu-se inquirir o modo como os professores percecionam a profissão e qual a principal razão para a terem escolhido. Complementarmente indagou-se ainda se pretendem continuar na profissão, nos próximos anos, e como variou o seu grau da sua satisfação face à que tinham no início da carreira. Finalmente questionaram-se os professores em relação à evolução que teve, nos últimos anos, um conjunto de aspetos importantes da sua atividade profissional, e a perceção que têm sobre a valorização que fazem deles diversos atores da comunidade educativa. O texto deste relatório está organizado em função de cada questão do inquérito.

Questão: *Se tivesse que definir o que é ensinar, que denominação escolhia?*

A distribuição das opiniões dos professores inquiridos, conforme as definições apresentadas, consta do quadro seguinte.

Quadro 6 . Denominação escolhida para definir o que é ensinar

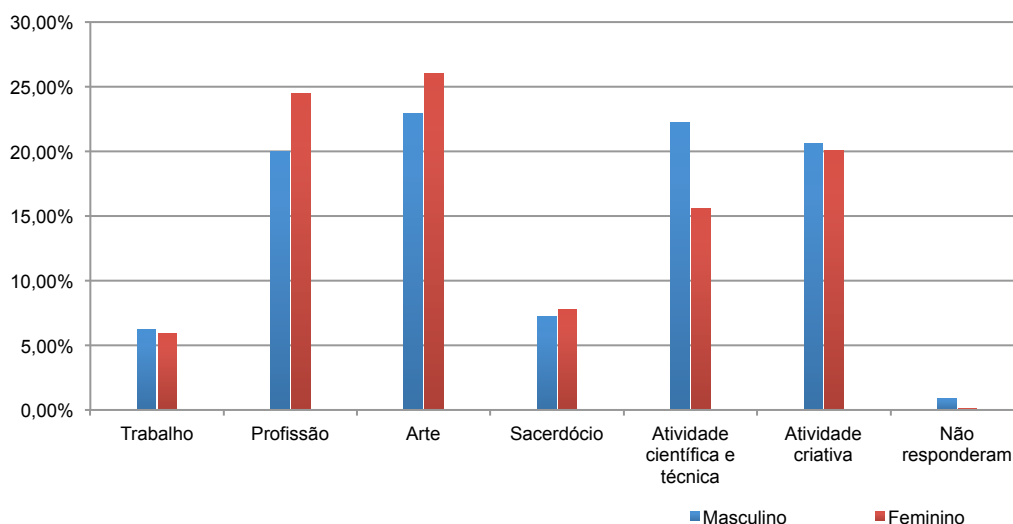
	<i>n</i>	%
Trabalho	175	6,0%
Profissão	666	22,9%
Arte	724	24,9%
Sacerdócio	221	7,6%
Atividade científica e técnica	520	17,9%
Atividade criativa	592	20,3%
Não responderam	12	0,4%
Totais	2910	100,0%

Analisando o quadro constata-se que a maioria dos inquiridos considera a profissão como tendo uma forte componente de missão e de atividade criativa – arte, sacerdócio ou atividade criativa (52,8%) – enquanto os restantes encaram-na de uma forma mais pragmática e técnica, como sendo um trabalho, profissão ou atividade científica e técnica (46,8%)

. As preocupações e as motivações dos professores .

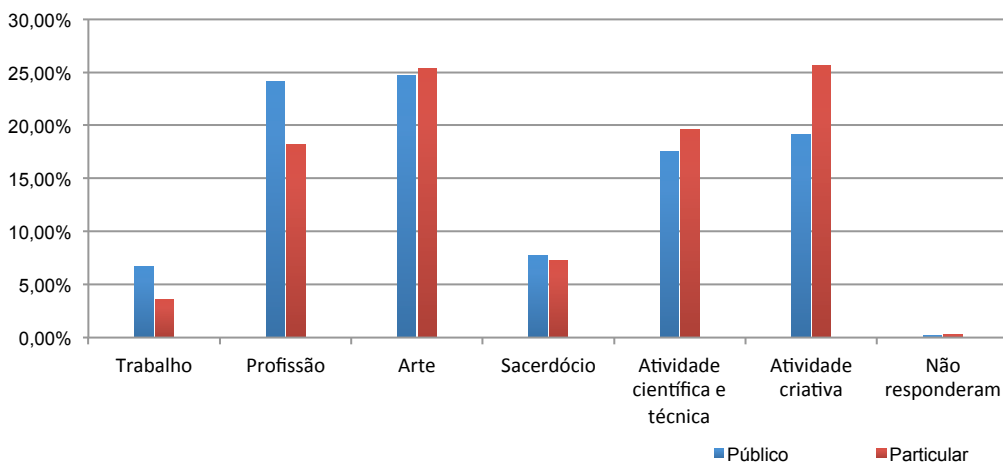
Considerando agora a análise em função do gênero, verifica-se que, embora a maioria dos docentes de ambos os sexos considerem a docência uma missão e uma atividade criativa, são as professoras que o fazem em maior percentagem (53,9%), com quase mais 8 pontos percentuais que os professores.

Gráfico 1 . Definição de ensinar, por gênero



Analisando agora as respostas, segundo a titularidade do estabelecimento de ensino (ver Gráfico 2), verifica-se que os professores do Ensino Particular consideram a profissão mais como missão e atividade criativa (58,3%) do que os docentes do Ensino Público (41,4%).

Gráfico 2 . Definição de ensinar, por titularidade do estabelecimento de ensino

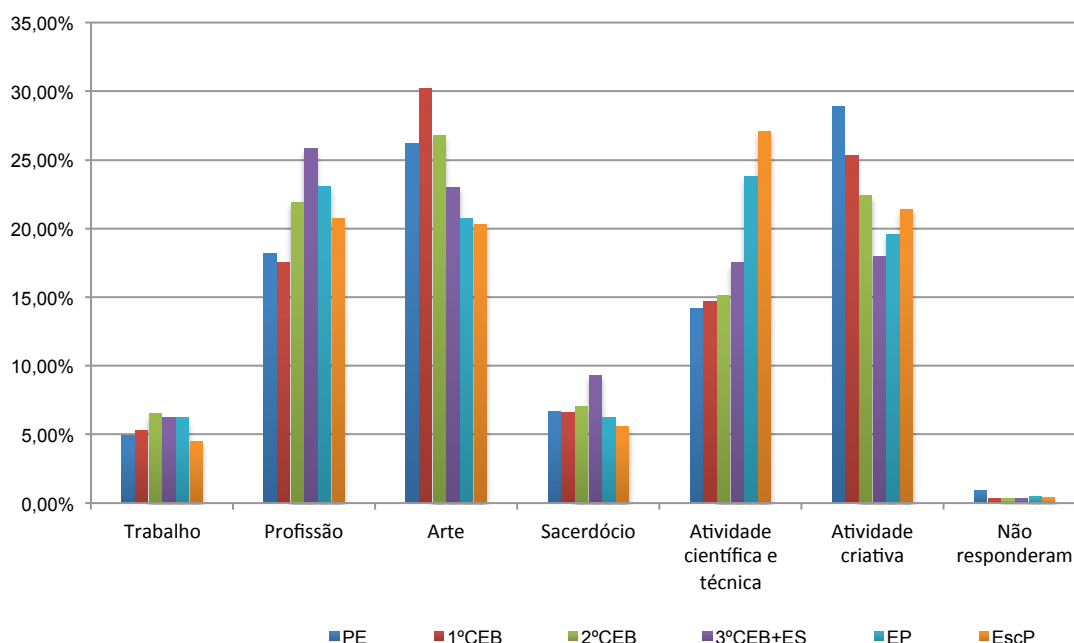


. As preocupações e as motivações dos professores .

Quisemos também saber como se distribuíam as respostas, segundo o nível/ciclo de ensino lecionados (ver Gráfico 3).

Dessa análise observa-se que a maioria dos docentes do Ensino Profissional (53,1%), em geral, e das Escolas Profissionais (52,3%), em particular, considera a sua profissão de forma mais pragmática e técnica, ao contrário dos restantes docentes. Entre estes, são os educadores de infância e os professores do 1º CEB que mais consideram a sua profissão como missão e atividade criativa (à volta de 62%).

Gráfico 3 . Definição de ensinar, por nível/ciclo de ensino lecionado



Por fim, analisando como consideram os professores a sua ocupação, em função dos anos de docência (ver Quadro 7), verifica-se que, com exceção dos professores com menos de 3 anos de serviço, em que uma ligeira maioria de 49,0% a encara de uma forma mais pragmática e técnica, os restantes encaram-na como missão e atividade criativa, com maior predominância no escalão dos 3 aos 10 anos (62,8%) e no escalão dos docentes com mais tempo de serviço (59,2%).

Quadro 7 . Definição de ensinar, conforme o tempo de serviço docente

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
Trabalho	12,2	2,0	6,4	6,8	5,1	5,9
Profissão	18,4	16,0	24,0	24,8	22,1	20,6
Arte	16,3	35,9	26,7	24,1	19,7	21,3
Sacerdócio	6,1	3,5	3,7	7,8	12,1	16,2
Atividade científica e técnica	18,4	18,4	19,1	17,4	19,0	14,3
Atividade criativa	26,5	23,4	19,9	18,9	21,3	21,7
Não responderam	2,0	0,8	0,2	0,2	0,7	0,0

Questão: A qual destes termos mais associa o trabalho de ensinar?

A distribuição das respostas, conforme as opções apresentadas, está representada no Quadro 8.

Quadro 8. Termo que cada professor associa ao trabalho de ensinar

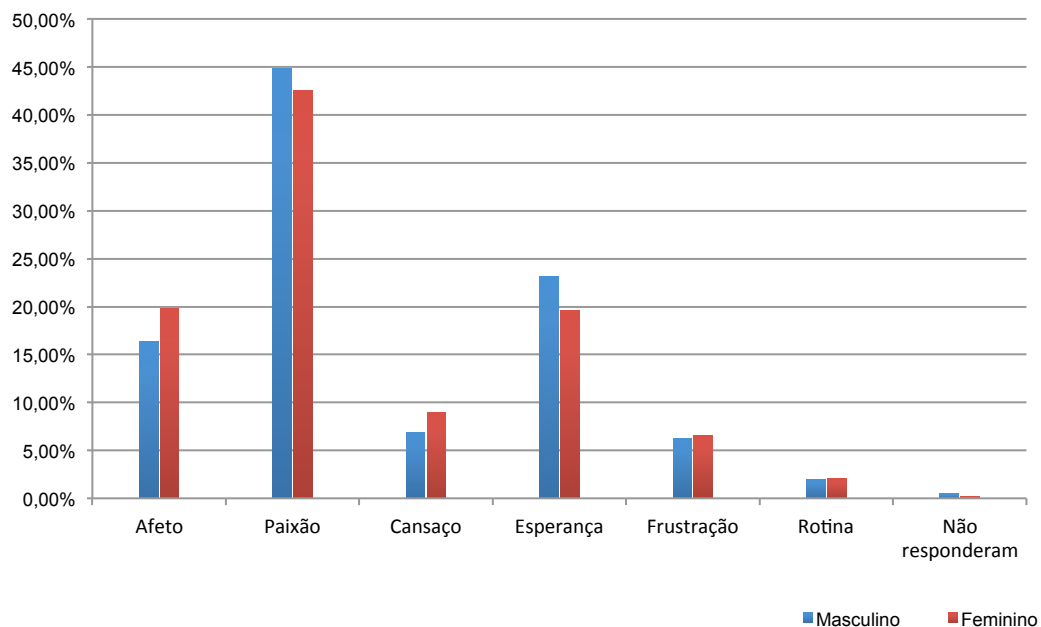
	<i>n</i>	%
Afeto	543	18,7%
Paixão	1262	43,4%
Cansaço	241	8,3%
Esperança	605	20,8%
Frustração	189	6,5%
Rotina	60	2,1%
Não responderam	10	0,3%
Totais	2910	100,0%

Constata-se que uma grande maioria dos professores considera o trabalho de ensinar de uma forma muito positiva (82,9%) referindo-se a ele usando os termos afeto, paixão ou esperança, embora 14,8% digam estar cansados ou frustrados e 2,1% consideram-no rotineiro. De realçar ainda que 43,4% dizem encarar o ensino com paixão.

Já a análise, por género, mostra que embora as professoras encarem o ato de ensinar com mais afeto e menos paixão do que os professores, são as professoras que o consideram cansativo, em maior percentagem (cf. Gráfico 4).

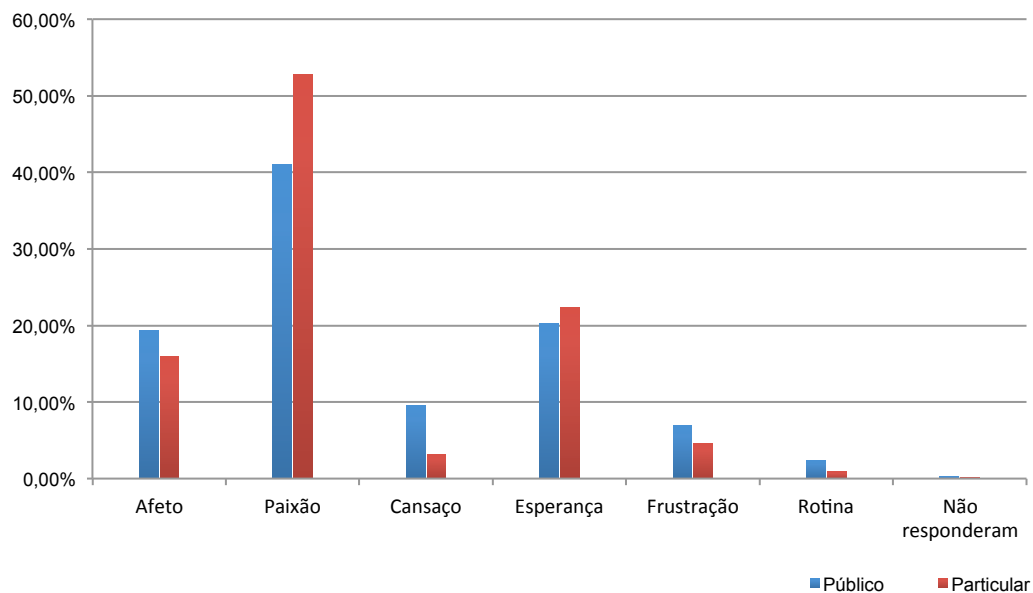
. As preocupações e as motivações dos professores .

Gráfico 4 . Termo associado ao trabalho de ensinar, por género



Por sua vez, considerando agora a titularidade dos estabelecimentos de ensino, são os docentes do Ensino Particular que mostram uma atitude mais positiva face ao trabalho de ensinar, com 91,1%, contra 80,8% dos seus colegas do Ensino Público (80,8%), conforme se pode observar no gráfico seguinte.

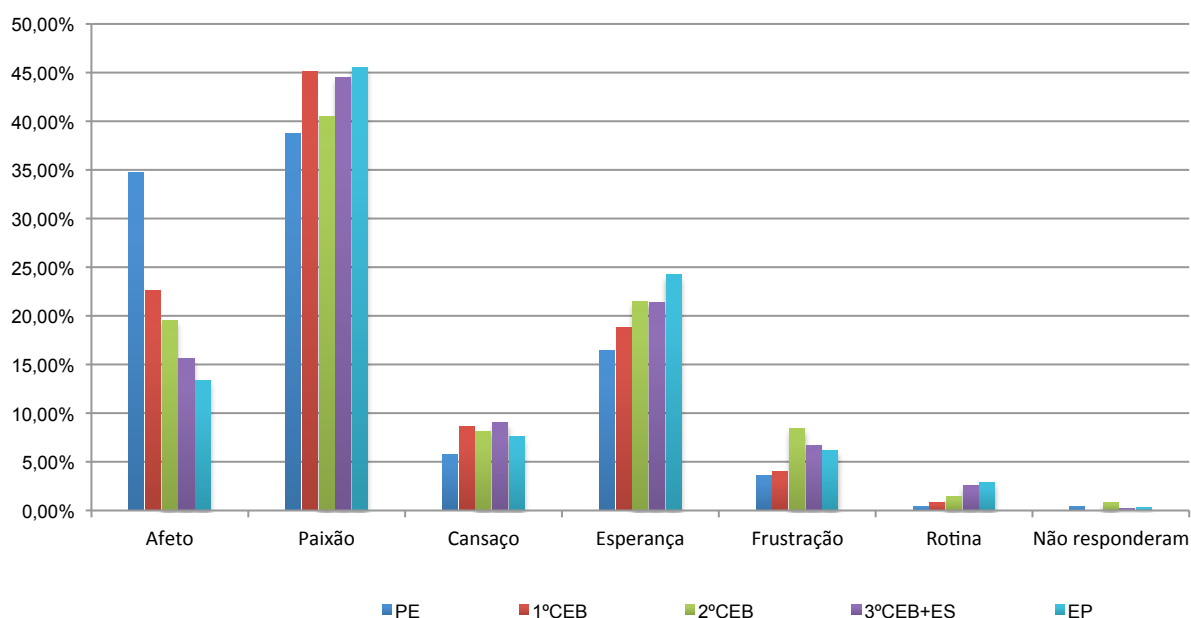
Gráfico 5 . Termo associado ao trabalho de ensinar, por titularidade de estabelecimento de ensino



. As preocupações e as motivações dos professores .

Já em relação ao nível/ciclo que estavam a lecionar, verifica-se que são os educadores de infância e os professores do 1º CEB e das Escolas Profissionais que mostram uma atitude mais positiva face ao trabalho de ensinar (entre 86,6% e 89,8%). É de realçar que são os professores do 2º CEB (17,8%) e do 3º CEB e Ensino Secundário (18,4%) que escolhem, em maior percentagem, as palavras menos positivas como cansaço, frustração ou rotina.

Gráfico 6 . Termo associado ao trabalho de ensinar, por nível/ciclo de ensino lecionado



Por fim, considerando o tempo de serviço, verifica-se que são os professores com menos de 3 anos, e com menos de 10 anos de serviço que elegem as palavras mais positivas para associar ao trabalho de ensinar (91,9% e 93,0%), como se pode ver no Quadro 9. Já em relação às escolhas dos termos menos positivos, são os professores com 31 a 35 anos de serviço os que maior percentagem apresentam (22,8%).

Quadro 9 . Termo associado ao trabalho de ensinar, conforme o tempo de serviço

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
Afeto	18,4	16,8	16,8	17,9	22,6	23,2
Paixão	53,1	53,5	45,6	42,7	33,3	43,0
Cansaço	2,0	3,9	7,8	8,8	11,5	8,1
Esperança	20,4	22,7	19,9	21,5	20,8	18,8
Frustração	4,1	2,7	6,8	6,2	9,2	6,3
Rotina	0,0	0,4	2,4	2,7	2,1	0,7
Não responderam	0,2	0,0	0,6	0,2	0,5	0,0

Questão: *Porque é professor? Diga, entre as seguinte razões, a que melhor reflete a sua escolha.*

A distribuição das respostas, conforme as razões elencadas, é a do quadro seguinte:

Quadro 10 . Razão indicada para escolher ser professor

	<i>n</i>	%
Para ganhar a vida	213	7,3%
Porque gosto de ensinar	1697	58,3%
Porque tenho mais tempo livre	6	0,2%
Porque assim posso ajudar os meus alunos	243	8,4%
Porque me permite aprender toda a vida	735	25,3%
Por ser a profissão do meu pai e/ou minha mãe	5	0,2%
Não responderam	11	0,4%
Totais	2910	100,0%

A análise dos dados obtidos mostra que 91,9 % dos inquiridos escolheu razões vocacionais para ser professor, especialmente por gostarem de ensinar (58,3%) e só 7,7% escolheram a profissão por razões meramente instrumentais (para ganhar a vida ou porque tenho mais tempo livre ou por ser a profissão do meu pai e/ou da minha mãe). A segmentação por género do docente, por titularidade dos estabelecimentos de ensino e por nível/ciclo de ensino mostra que as razões escolhidas são independentes dessas variáveis.⁴

Questão: *O que gostaria de fazer nos próximos cinco anos?*

Questionados sobre a permanência a médio prazo no ensino, 3 em cada 4 professores dizem querer continuar a ensinar, embora só 63,4% indiquem ser porque gostam, conforme se pode ver no quadro seguinte.

Quadro 11 . O que cada docente gostaria de fazer nos próximos cinco anos

	<i>n</i>	%
Continuar a lecionar porque gosto	1844	63,4%
Continuar a lecionar porque não tenho outra alternativa	236	8,1%
Continuar a lecionar mas noutra escola	97	3,3%
Fazer parte da direção do Agrupamento / Escola ou ir para a Inspeção	67	2,3%
Trabalhar noutra atividade não docente	260	8,9%
Aposentar-me antecipadamente, se possível	393	13,5%
Não responderam	13	0,4%
Totais	2910	100,0%

⁴ Usaremos esta designação ao longo deste relatório, sempre que se fizer referência às características pessoais e profissionais dos respondentes.

. As preocupações e as motivações dos professores .

No entanto, é de realçar que cerca de 25% dos docentes dizem desejar não continuar a ter atividade docente, com 13,5% deles a desejar mesmo a aposentação antecipada. Verifica-se que um terço dos docentes gostaria de deixar de leccionar, se considerarmos os que respondem “continuar a leccionar porque não tenho outra alternativa”.

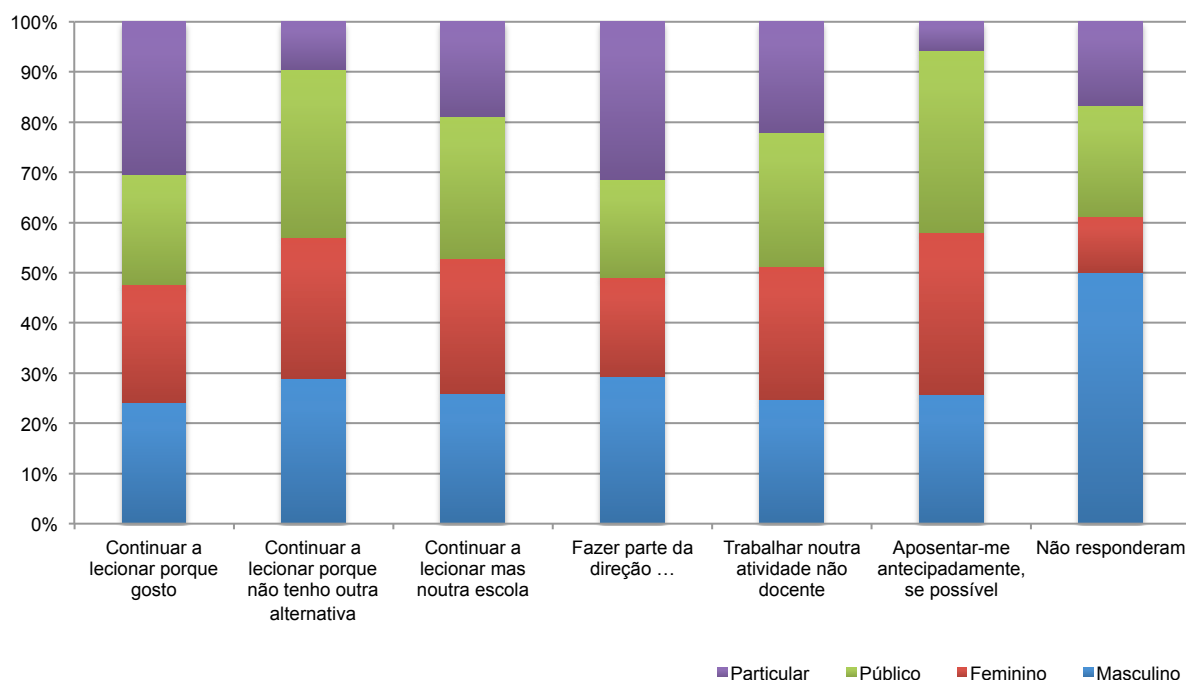
Em relação a estes últimos procurou-se saber qual a relação com o tempo de serviço e verificou-se, conforme o Quadro 12, que cerca de três quartos dos docentes que vão ou gostariam de aposentar-se, nos próximos 5 anos, estão com mais de 30 anos de serviço docente.

Quadro 12 . O que os docentes gostariam de fazer, a médio prazo, conforme o tempo de serviço

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
Continuar a lecionar porque gosto	87,8	84,4	69,5	63,2	47,4	46,3
Continuar a lecionar porque não tenho outra alternativa	0,0	3,1	9,3	9,1	8,7	5,9
Continuar a lecionar mas noutra escola	0,0	4,3	3,9	3,9	1,5	1,5
Fazer parte da direção do Agrupamento / Escola ou ir para a Inspeção	0,0	2,0	3,4	2,4	1,0	1,5
Trabalhar noutra atividade não docente	8,2	5,1	10,7	10,6	7,4	2,2
Aposentar-me antecipadamente, se possível	2,0	0,4	2,6	10,6	33,3	42,6
Não responderam	2,0	0,8	0,6	0,2	0,5	0,0

Indagando agora se existem diferenças significativas entre os professores e as professoras e a titularidade das instituições onde ensinam (cf. Gráfico 7), verifica-se que são mais os professores do Ensino Particular que querem continuar na docência (86,2%), com mais cerca de 15 pontos percentuais do que os seus colegas do Ensino Público (71,9%). Por outro lado, embora os professores digam querer continuar a lecionar em maior percentagem (75,9%), as suas colegas professoras exprimiram a mesma vontade em números muito próximos (74,2%).

Gráfico 7 . O que os docentes gostariam de fazer, a médio prazo, por género e titularidade de estabelecimento de ensino



Questão: Indique o seu atual grau de satisfação em relação ao início da sua vida profissional.

Os resultados mostram que maioria dos professores (68,1%) se encontra menos satisfeita quando comparado o grau de satisfação com o início da sua carreira, estando mesmo 41% desses muito insatisfeitos. A insatisfação é ligeiramente maior entre as professoras.

Quadro 13 . Grau de satisfação em relação ao início da vida profissional

	n	%
Muito menos satisfeito	789	27,1%
Menos satisfeito	1192	41,0%
Igualmente satisfeito	469	16,1%
Mais satisfeito	317	10,9%
Muito mais satisfeito	137	4,7%
Não responderam	6	0,2%
Totais	2910	100,0%

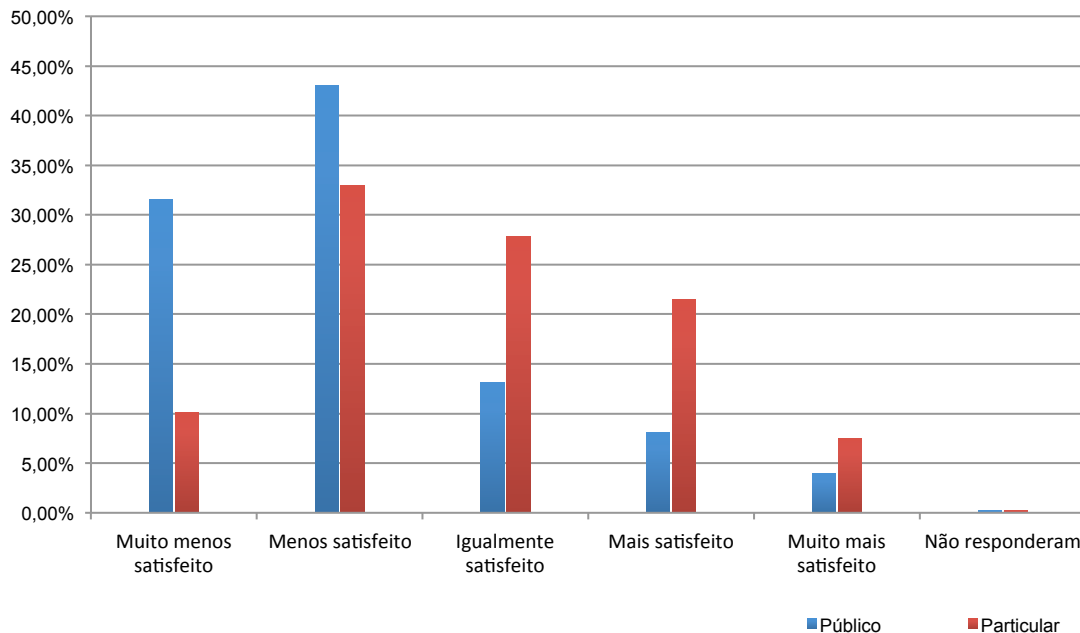
Os resultados constantes do quadro seguinte mostram ainda que, depois da satisfação inicial dos professores, nos primeiros dez anos das carreiras, ela vai esmorecendo com o decorrer dos anos, atingindo o maior valor dos 20 para os 30 anos de serviço.

Quadro 14 . Variação do grau de satisfação em relação ao início da vida profissional

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
Muito menos satisfeito	6,1	6,6	25,0	31,3	34,1	29,4
Menos satisfeito	24,5	34,0	42,1	42,9	37,9	41,9
Igualmente satisfeito	40,8	27,0	17,1	13,2	13,1	15,4
Mais satisfeito	22,4	23,0	10,7	9,1	9,7	7,7
Muito mais satisfeito	6,1	9,4	4,7	3,3	5,1	5,1
Não responderam	0,0	0,0	0,4	0,2	0,0	0,4

Por outro lado, os resultados obtidos no Ensino Particular mostram que os professores destes estabelecimentos de ensino estão muito menos insatisfeitos (43,1%) do que os seus colegas do Ensino Público (74,6%). De realçar os 29% de professores do Ensino Particular que dizem mesmo estar mais ou muito mais satisfeitos do que no início da sua vida profissional, face aos 12,1% dos docentes do Ensino Público (cf. Gráfico x).

Gráfico 8 . Variação do grau de satisfação, em relação ao início da vida profissional, por titularidade do estabelecimento de ensino



Questão: Como qualifica a evolução, nos últimos anos da sua atividade profissional, em relação ao volume de trabalho

Em relação à evolução do volume de trabalho existe a percepção, quase unânime entre os professores (98,8%), de que ele aumentou, de acordo com os dados do quadro seguinte.

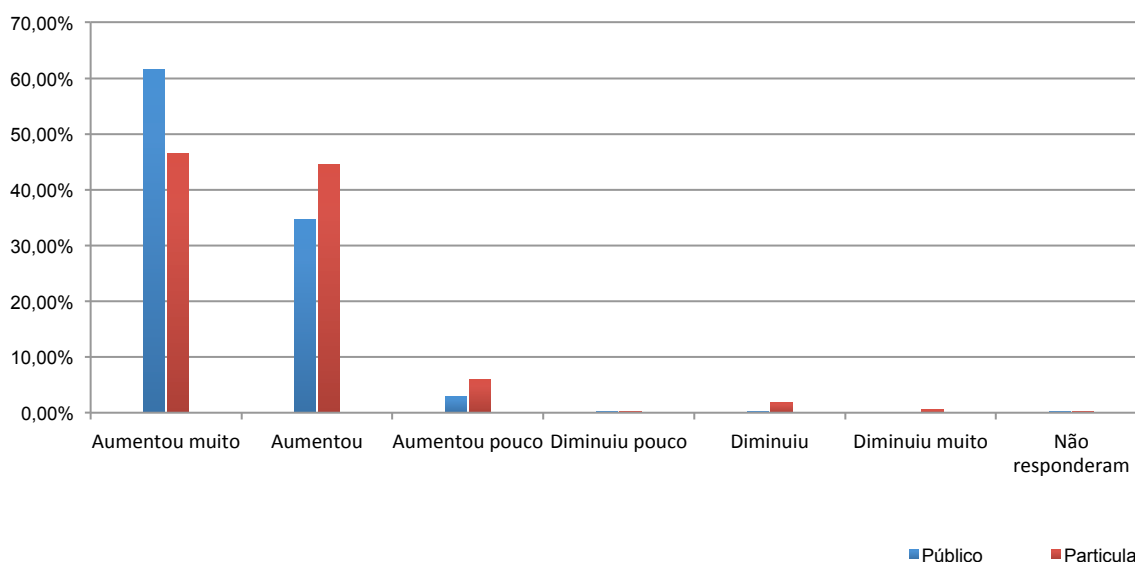
Quadro 15 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao volume de trabalho

	<i>n</i>	%
Aumentou muito	1698	58,4%
Aumentou	1073	36,9%
Aumentou pouco	103	3,5%
Diminuiu pouco	7	0,2%
Diminuiu	18	0,6%
Diminuiu muito	4	0,1%
Não responderam	7	0,2%
Totais	2910	100,0%

A análise, por género, por nível/ciclo de ensino e por localização geográfica, mostra que a evolução percecionada não apresenta variações.

Verifica-se que 46,5% dos inquiridos do Ensino Particular refere que o volume de trabalho aumentou muito, face aos 61,5%, no Ensino Público, conforme se pode observar no gráfico seguinte.

Gráfico 9 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao volume de trabalho, por titularidade de estabelecimento de ensino



Já em relação ao tempo de serviço verifica-se que são os docentes com mais de 10 anos de serviço que percebem que aumentou muito o volume do seu trabalho, enquanto os seus colegas, com menos de 10 anos de serviço, só percebem um menor aumento.

Quadro 16 . Evolução, nos últimos anos, do volume de trabalho

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
Aumentou muito	20,4	33,6	55,9	63,6	65,1	63,2
Aumentou	53,1	52,0	39,0	33,8	31,8	34,2
Aumentou pouco	16,3	12,5	3,6	2,0	1,8	1,5
Diminuiu pouco	0,0	0,8	0,1	0,1	0,5	0,4
Diminuiu	6,1	0,4	1,0	0,3	0,5	0,4
Diminuiu muito	0,0	0,8	0,1	0,1	0,0	0,0
Não responderam	4,1	0,0	0,2	0,1	0,3	0,4
Aumentou	89,8	98,1	98,5	99,4	98,7	98,9
Diminuiu	6,1	2,0	1,2	0,5	1,0	0,8

Questão: Como qualifica a evolução, nos últimos anos, da sua atividade profissional, em relação às tarefas burocráticas e administrativas

Quanto à evolução do volume das tarefas burocráticas e administrativas existe, tal como na questão anterior, uma quase unanimidade (98,2%) quanto ao seu grande aumento, voltando a ser transversal a todas as variáveis analisadas (cf. quadro 17).

Quadro 17 . Evolução, nos últimos anos, em relação às tarefas burocráticas e administrativas

	<i>n</i>	%
Aumentou muito	2137	73,4%
Aumentou	611	21,0%
Aumentou pouco	111	3,8%
Diminuiu pouco	16	0,5%
Diminuiu	22	0,8%
Diminuiu muito	6	0,2%
Não responderam	7	0,2%
Totais	2910	100,0%

Considerando o tempo de serviço prestado, de acordo com o quadro 18, mais de 75% dos professores, com mais de 20 anos de serviço, consideram que as tarefas burocráticas e administrativas aumentaram muito, enquanto os professores com menos de 10 anos de docência, embora reconheçam esse aumento

. As preocupações e as motivações dos professores .

graduam-no de forma menos severa. De destacar ainda que, entre 4 a 5% dos professores, com menos de 10 anos de serviço, consideram mesmo que essas tarefas diminuiriam.

Quadro 18 . Evolução, nos últimos anos, das tarefas burocráticas e administrativas

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
Aumentou muito	32,7	45,3	72,7	78,7	80,3	77,9
Aumentou	34,7	37,5	21,5	18,3	17,2	18,4
Aumentou pouco	24,5	12,1	4,0	2,0	1,8	1,8
Diminuiu pouco	0,0	3,1	0,2	0,3	0,3	0,7
Diminuiu	4,1	1,6	0,7	0,4	0,5	0,7
Diminuiu muito	0,0	0,0	0,5	0,2	0,0	0,0
Não responderam	4,1	0,4	0,2	0,1	0,0	0,4
Aumentou	91,9	94,9	98,2	99,0	99,3	98,1
Diminuiu	4,1	4,7	1,4	0,9	0,8	1,4

Questão: Como qualifica a evolução, nos últimos anos da sua atividade profissional, em relação ao prestígio da profissão docente, devido à informação veiculada pela comunicação social

Quanto à evolução do prestígio dos professores existe, uma grande percentagem (90,7%) de opiniões que dizem que ele diminuiu devido à informação veiculada pela comunicação social (cf. quadro 19).

Quadro 19 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao prestígio da profissão docente, devido à informação veiculada pela comunicação social

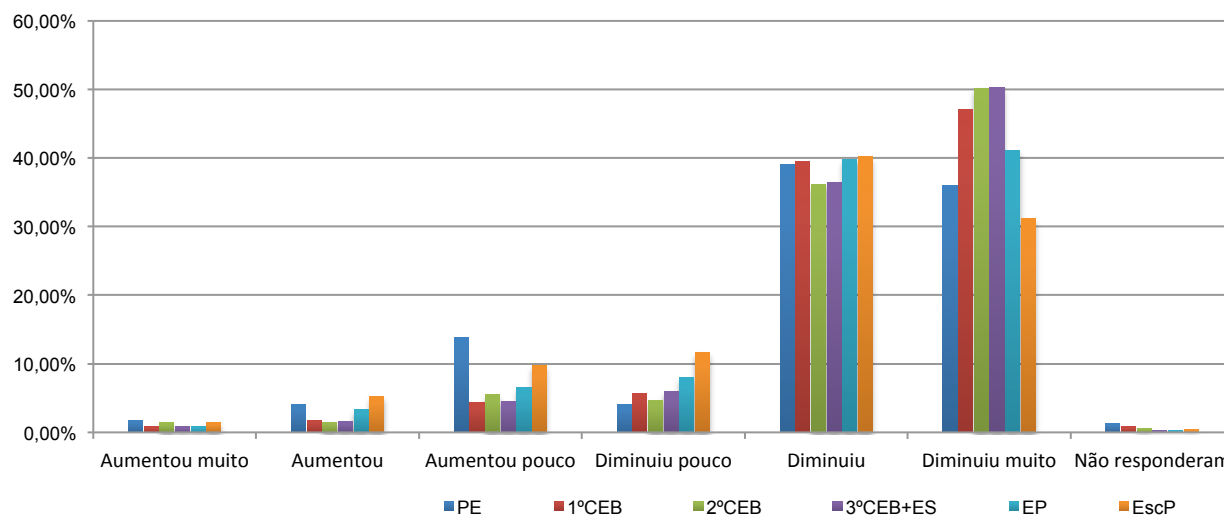
	<i>n</i>	%
Aumentou muito	29	1,0%
Aumentou	62	2,1%
Aumentou pouco	163	5,6%
Diminuiu pouco	173	5,9%
Diminuiu	1107	38,0%
Diminuiu muito	1363	46,8%
Não responderam	13	0,4%
Totais	2910	100,0%

Estes valores voltam a ser idênticos a quase todas as variáveis analisadas, com exceção do nível de ensino/ciclo lecionado.

. As preocupações e as motivações dos professores .

Analisando o nível de ensino/ciclo lecionado por cada professor, verifica-se que 19,6% das educadoras de infância e 16,5% dos professores das Escolas Profissionais (EscP) dizem ter aumentado o prestígio docente, quando os valores dos docentes dos outros níveis/ciclos andam entre 6,9 e 8,4% (cf. gráfico 10).

Gráfico 10 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao prestígio da profissão docente, devido à informação veiculada pela comunicação social, por nível de ensino lecionado



De destacar também que 26,5% dos professores com menos de 3 anos de serviço, dizem perceber o aumento do prestígio docente, em contraponto dos valores entre 7 e 8% dos seus colegas, dos escalões com mais de 11 anos de serviço, conforme mostra o quadro seguinte.

Quadro 20 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao prestígio da profissão docente

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
Aumentou muito	0,0	1,2	0,7	1,2	0,5	1,1
Aumentou	12,2	3,5	2,1	1,6	2,1	1,1
Aumentou pouco	14,3	8,6	4,2	5,8	4,9	4,8
Diminuiu pouco	12,2	13,3	7,0	3,4	6,2	5,5
Diminuiu	34,7	43,4	38,2	37,4	35,9	39,0
Diminuiu muito	22,4	29,7	47,1	50,3	50,5	47,8
Não responderam	4,1	0,4	0,6	0,3	0,0	0,7
Aumentou	26,5	13,3	7,0	8,6	7,5	7,0
Diminuiu	69,3	86,4	92,3	91,1	92,6	92,3

Questão: Como qualifica a evolução, nos últimos anos da sua atividade profissional, em relação ao controlo sobre o seu trabalho profissional

Em relação à evolução do controlo sobre o trabalho dos professores existe uma grande percentagem de docentes (75,6%) que afirmam ter aumentado, embora só 11,7% percecionam que aumentou muito (cf. quadro 21).

Quadro 21 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao controlo sobre o trabalho profissional

	<i>n</i>	%
Aumentou muito	340	11,7%
Aumentou	1240	42,6%
Aumentou pouco	619	21,3%
Diminuiu pouco	200	6,9%
Diminuiu	410	14,1%
Diminuiu muito	85	2,9%
Não responderam	16	0,5%
Totais	2910	100,0%

Estes valores são idênticos em todas as variáveis analisadas.

Questão: Como qualifica a evolução, nos últimos anos da sua atividade profissional, em relação à exigência da prestação pública de contas

Quanto à evolução da exigência da prestação pública de contas por parte dos professores, 94,3 % dos inquiridos acha que ela aumentou, de acordo com o quadro seguinte.

Quadro 22 . Evolução, nos últimos anos, em relação à exigência da prestação pública de contas

	<i>n</i>	%
Aumentou muito	713	24,5%
Aumentou	1515	52,1%
Aumentou pouco	515	17,7%
Diminuiu pouco	66	2,3%
Diminuiu	48	1,6%
Diminuiu muito	12	0,4%
Não responderam	41	1,4%
Totais	2910	100,0%

Estes valores são idênticos em todos os segmentos analisados, embora essa opinião seja progressiva ao longo dos escalões do tempo de serviço, como se pode observar no quadro seguinte.

Quadro 23 . Evolução, nos últimos anos, da prestação pública de contas

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
Aumentou muito	12,2	10,5	20,5	29,4	27,4	27,9
Aumentou	36,7	50,0	52,7	52,3	51,3	54,4
Aumentou pouco	34,7	27,7	21,3	13,4	16,9	13,6
Diminuiu pouco	4,1	5,1	2,6	1,6	1,8	1,5
Diminuiu	4,1	2,3	1,4	1,6	1,5	1,8
Diminuiu muito	4,1	0,4	0,6	0,3	0,3	0,0
Não responderam	4,1	3,9	0,9	1,4	0,8	0,7
Aumentou	83,6	88,2	94,5	95,1	95,6	95,9
Diminuiu	12,3	7,8	4,6	3,5	3,6	3,3

Questão: Como qualifica a evolução, nos últimos anos da sua atividade profissional, em relação à autonomia e poder de decisão dos professores

Neste aspeto, 80,2% dos professores indica ter diminuído a sua autonomia e poder de decisão, segundo os dados do quadro seguinte.

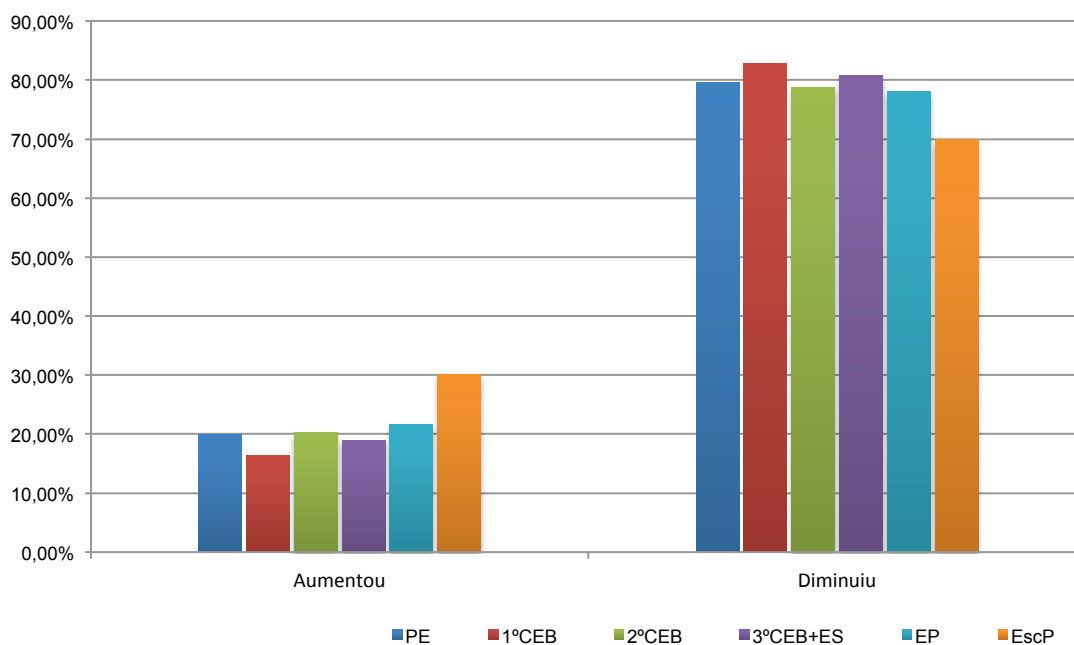
Quadro 24 . Evolução, nos últimos anos, em relação à autonomia e poder de decisão dos professores

	<i>n</i>	%
Aumentou muito	31	1,1%
Aumentou	140	4,8%
Aumentou pouco	389	13,4%
Diminuiu pouco	350	12,0%
Diminuiu	1288	44,3%
Diminuiu muito	697	24,0%
Não responderam	15	0,5%
Totais	2910	100,0%

No entanto, estes valores não são idênticos em todas os segmentos analisados, pois 30,1 % dos docentes das Escolas Profissionais percebem o aumento da sua autonomia e poder de decisão, enquanto os restantes 69,9% dizem o contrário, que diminuiu (cf. gráfico 11).

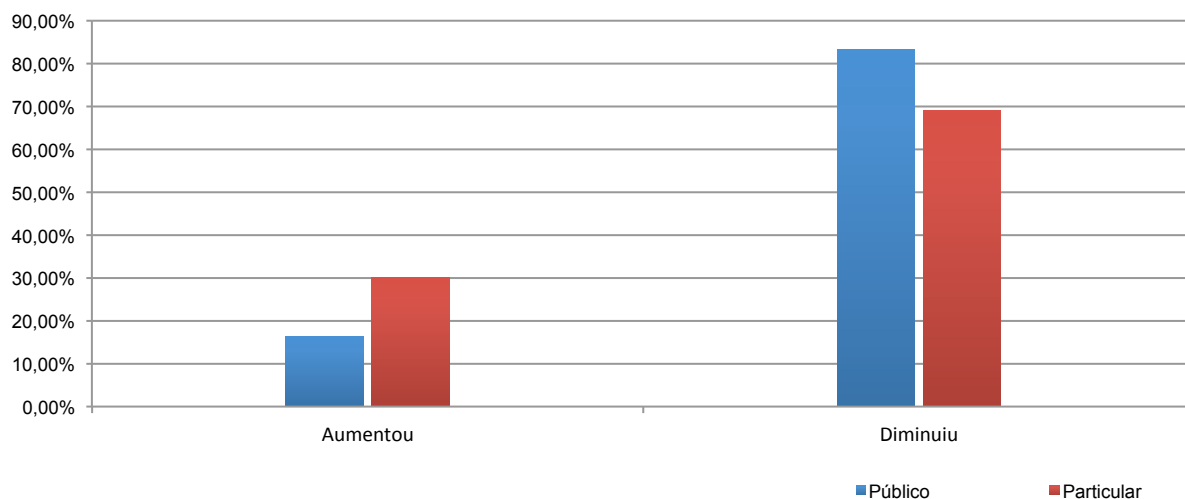
. As preocupações e as motivações dos professores .

Gráfico 11 . Evolução, nos últimos anos, em relação à autonomia e poder de decisão dos professores, por nível de ensino lecionado



Como se pode observar, no gráfico seguinte, 30,2% dos inquiridos do Ensino Particular é de opinião de que a sua autonomia e poder de decisão aumentou, quando tal só é referido por 16,4% dos seus colegas do Ensino Público.

Gráfico 12 . Evolução, nos últimos anos, em relação à autonomia e poder de decisão dos professores, por titularidade de estabelecimento de ensino



Questão: Como qualifica a evolução, nos últimos anos da sua atividade profissional, em relação ao tempo e condições que os professores têm para refletir sobre as suas práticas educativas

Em relação ao tempo e condições para os professores refletirem sobre as suas práticas 86,7% dos professores afirmam ter diminuído nos últimos anos (cf. quadro 25).

Quadro 25 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao tempo e condições que os professores têm para refletir sobre as suas práticas educativas

	n	%
Aumentou muito	5	0,5%
Aumentou	52	4,8%
Aumentou pouco	85	7,8%
Diminuiu pouco	85	7,8%
Diminuiu	421	38,7%
Diminuiu muito	437	40,2%
Não responderam	2	0,2%
Totais	2910	100,0%

Estes valores são idênticos em todas as variáveis analisadas, com pequenas variações percentuais, embora exista, de novo, uma exceção referente aos professores com menos 3 anos de serviço, pois 32,6% deles percebem mesmo um aumento e só 63,2% afirmam que o tempo e as condições diminuíam, como se pode observar no quadro seguinte.

Quadro 26 . Evolução, nos últimos anos, do tempo e condições para os professores refletirem sobre as suas práticas

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
Aumentou muito	0,0	0,4	0,7	1,2	0,8	1,8
Aumentou	16,3	3,9	3,0	3,8	5,1	5,5
Aumentou pouco	16,3	7,4	6,1	5,4	6,4	7,0
Diminuiu pouco	22,4	16,0	6,5	6,3	6,9	8,1
Diminuiu	18,4	38,7	41,0	40,4	37,7	39,3
Diminuiu muito	22,4	32,8	42,5	42,4	43,1	37,5
Não responderam	4,1	0,8	0,2	0,4	0,0	0,7
Aumentou	32,6	11,7	9,8	10,4	12,3	14,3
Diminuiu	63,2	87,5	90,0	89,1	87,7	84,9

Questão: Como qualifica a evolução, nos últimos anos da sua atividade profissional, em relação ao trabalho colaborativo entre professores

Analisando agora a evolução do trabalho colaborativo entre professores, verifica-se que a maioria dos inquiridos (61,1%) é de opinião que ele aumentou, segundo o quadro seguinte.

Quadro 27 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao trabalho colaborativo entre professores

	<i>n</i>	%
Aumentou muito	142	4,9%
Aumentou	928	31,9%
Aumentou pouco	709	24,4%
Diminuiu pouco	288	9,9%
Diminuiu	628	21,6%
Diminuiu muito	203	7,0%
Não responderam	12	0,4%
Totais	2910	100,0%

Estes valores observam-se em todas as variáveis analisadas, com pequenas variações percentuais.

Questão: Como qualifica a evolução, nos últimos anos da sua atividade profissional, em relação à partilha regular de ideias e materiais pedagógicos

Quanto à evolução da partilha de ideias e materiais pedagógicos entre docentes, verifica-se que 63,2 % dos inquiridos é de opinião que ela aumentou nos últimos anos, como se pode observar no quadro abaixo.

Quadro 28 . Evolução, nos últimos anos, em relação à partilha regular de ideias e materiais pedagógicos

	<i>n</i>	%
Aumentou muito	143	4,9%
Aumentou	939	32,3%
Aumentou pouco	756	26,0%
Diminuiu pouco	304	10,4%
Diminuiu	581	20,0%
Diminuiu muito	179	6,2%
Não responderam	8	0,3%
Totais	2910	100,0%

Estes resultados são idênticos em todas as variáveis

Questão: Como qualifica a evolução, nos últimos anos da sua atividade profissional, em relação ao individualismo do trabalho docente

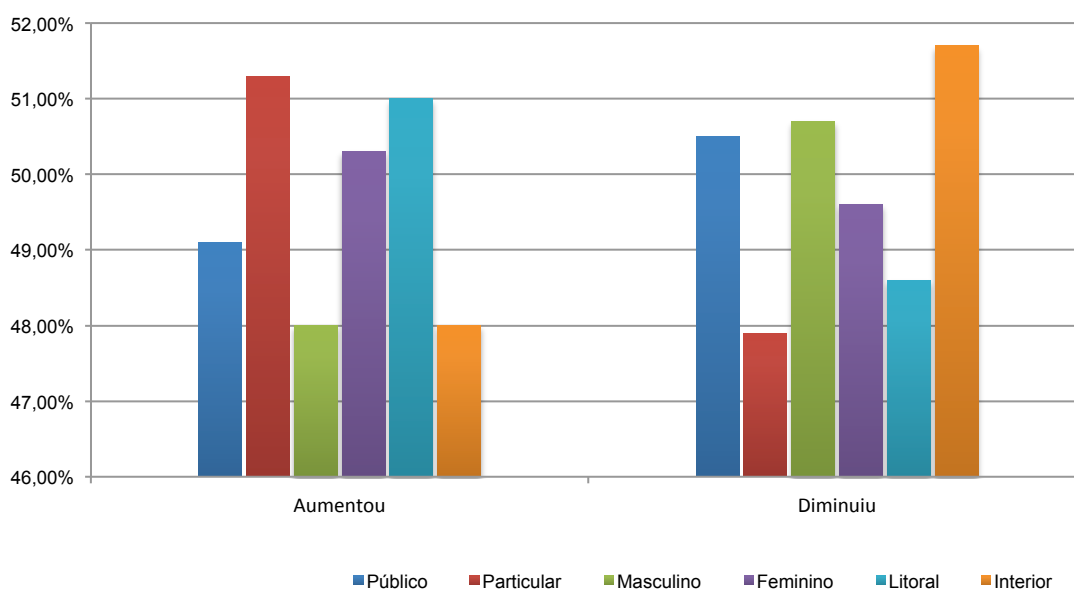
Finalmente, em relação à evolução do individualismo do trabalho docente, as opiniões dividem-se de acordo com os dados do quadro seguinte, com pequenas maiorias de opiniões dizendo que aumentou ou diminuiu, conforme as variáveis analisadas.

Quadro 29 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao individualismo do trabalho docente

	<i>n</i>	%
Aumentou muito	298	10,2%
Aumentou	686	23,6%
Aumentou pouco	456	15,7%
Diminuiu pouco	603	20,7%
Diminuiu	717	24,6%
Diminuiu muito	135	4,6%
Não responderam	15	0,5%
Totais	2910	100,0%

Assim, a maioria dos docentes do Ensino Particular e as professoras dizem que aumentou o individualismo do trabalho docente, ao invés dos seus colegas do Ensino Público e dos professores, cuja maioria diz ter diminuído, como se pode observar no gráfico seguinte.

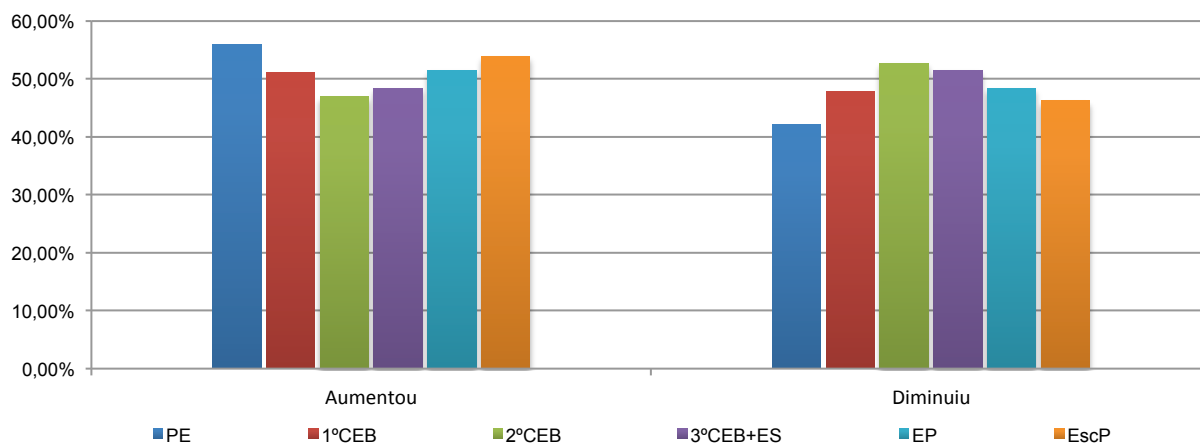
Gráfico 13 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao individualismo do trabalho docente, segundo a titularidade de estabelecimento de ensino, género e localização geográfica



. As preocupações e as motivações dos professores .

Já os professores do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário dizem que o individualismo do trabalho docente diminuiu, ao contrário dos seus colegas dos outros ciclos e níveis de ensino, que dizem que aumentou, embora sempre com diferenças percentuais pequenas, entre 3 e 5%, com exceção dos docentes das escolas do Ensino Profissional e das educadoras de infância, em que as diferenças são de 7,5% e 13,8%, respetivamente.

Gráfico 14 . Evolução, nos últimos anos, em relação ao individualismo do trabalho docente, por nível de ensino lecionado



Por último, analisando as respostas dadas, por intervalo de tempo de serviço, conclui-se que enquanto os docentes com menos de 20 anos de serviço dizem que aumentou o individualismo do trabalho docente, os seus colegas mais velhos referem o contrário, conforme se pode comprovar no quadro seguinte.

Quadro 30 . Evolução, nos últimos anos, do individualismo do trabalho docente

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
Aumentou muito	2,0	7,4	10,3	11,0	11,8	9,2
Aumentou	22,4	22,7	25,0	23,4	21,0	25,4
Aumentou pouco	30,6	23,4	15,4	14,3	14,9	12,1
Diminuiu pouco	20,4	26,2	21,4	19,2	19,2	22,4
Diminuiu	16,3	16,0	22,4	27,8	27,9	23,2
Diminuiu muito	4,1	3,5	4,9	4,0	5,1	7,0
Não responderam	4,1	0,8	0,5	0,3	0,0	0,7
Aumentou	55,0	53,5	50,7	48,7	47,7	46,7
Diminuiu	40,8	45,7	48,7	51,0	52,2	52,6

Questão: Qual é o seu grau de concordância/discordância com a seguinte afirmação - 'Sinto-me motivado para ensinar'

Esta afirmação obteve a concordância de 68,3% dos inquiridos, com 41,6% a concordar totalmente ou bastante (cf. quadro 31). No entanto, observa-se que 41,9% dos respondentes afirma que o seu grau de concordância/discordância com a afirmação, é pequeno.

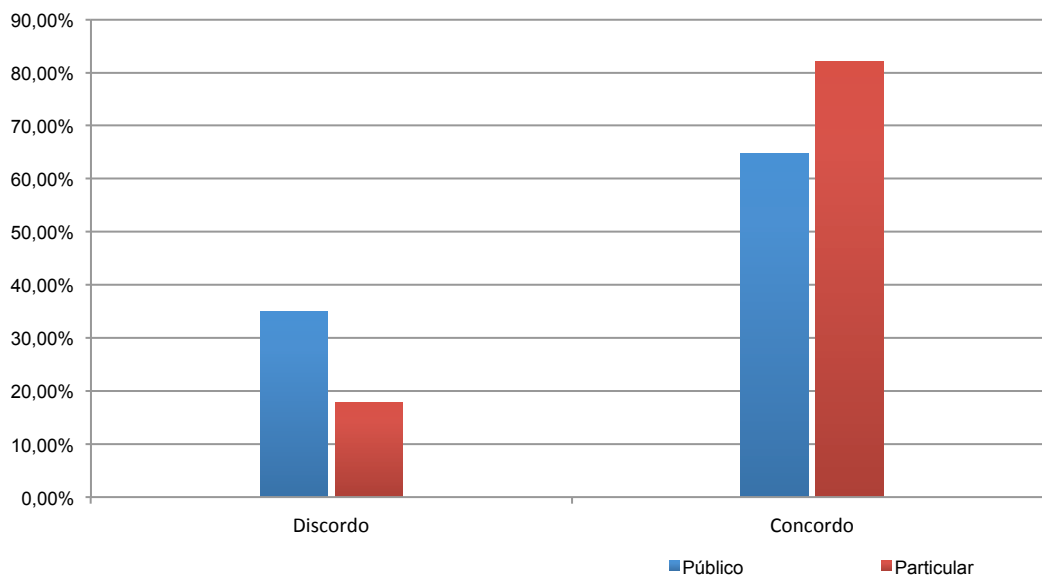
Quadro 31 . Grau de concordância/discordância em relação aos professores se sentirem motivados para ensinar

	<i>n</i>	%
Discordo totalmente	146	5,0%
Discordo bastante	325	11,2%
Discordo um pouco	444	15,3%
Concordo um pouco	775	26,6%
Concordo bastante	833	28,6%
Concordo totalmente	379	13,0%
Não responderam	8	0,3%
Totais	2910	100,0%

Embora o grau de concordância seja idêntico, com pequenas diferenças pontuais, na variável género, tal não acontece nos restantes fatores analisados.

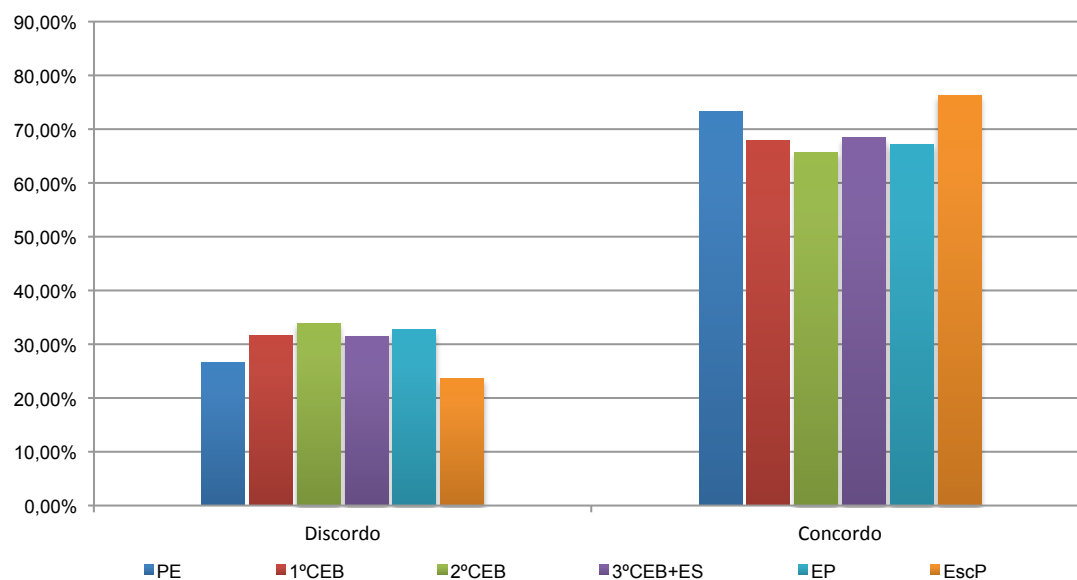
Assim, em relação à titularidade dos estabelecimentos de ensino, os professores do Ensino Particular estão mais motivados (82,1%) do que os colegas do Ensino Público (64,7%), de acordo com o gráfico seguinte.

Gráfico 15 . Grau de concordância/discordância em relação aos professores se sentirem motivados para ensinar, por titularidade de estabelecimento de ensino



Já, em relação ao nível/ciclo lecionado, são os educadores de infância (73,3%) e os professores das Escolas Profissionais (76,3%) que estão, percentualmente, mais motivados para ensinar, conforme se pode ver no gráfico 16.

Gráfico 16 . Grau de concordância/discordância em relação aos professores se sentirem motivados para ensinar, por nível/ciclo lecionado



Finalmente, analisando as respostas dos inquiridos, em função do tempo de serviço, de acordo com o Quadro 32, observa-se que o grau de concordância com a frase é percentualmente maior entre os docentes

. As preocupações e as motivações dos professores .

com menos de 3 anos de serviço (75,5%) e com 3 a 10 anos de serviço (81,7%), sendo menor nos dois últimos escalões etários, o que denota que a desmotivação cresce com o tempo de serviço e a idade.

Quadro 32 . Grau de concordância/discordância em relação à motivação para ensinar

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
Discordo totalmente	2,0	3,1	6,2	4,5	6,2	4,0
Discordo bastante	4,1	5,1	9,7	11,4	16,2	15,1
Discordo um pouco	18,4	10,2	14,2	15,9	15,9	18,0
Concordo um pouco	6,1	19,1	29,0	28,9	22,8	26,5
Concordo bastante	42,9	41,4	27,6	27,9	26,4	23,5
Concordo totalmente	26,5	21,2	12,7	11,3	12,6	12,1
Não responderam	0,0	0,0	0,5	0,2	0,0	0,7
Discordo	24,5	18,4	30,1	31,8	38,3	37,1
Concordo	75,5	81,7	69,3	68,1	61,8	62,1

Questão: Qual é o seu grau de concordância/discordância com a seguinte afirmação - 'A sociedade valoriza os professores'

Esta frase, conforme o quadro seguinte, teve a discordância de uma grande percentagem de docentes (84,4%), sendo que 65,6% destes discordam *totalmente* ou *bastante* da afirmação.

Quadro 33 . Grau de concordância/discordância em relação à sociedade valorizar os professores

	<i>n</i>	%
Discordo totalmente	723	24,8%
Discordo bastante	1186	40,8%
Discordo um pouco	548	18,8%
Concordo um pouco	350	12,0%
Concordo bastante	70	2,4%
Concordo totalmente	27	0,9%
Não responderam	6	0,2%
Totais	2910	100,0%

O grau de discordância geral é comum a todas as variáveis analisadas. As únicas exceções são as dos professores do Ensino Profissional (79,5%), dos docentes das Escolas Profissionais (74,8%) e dos professores com menos de 3 anos de serviço docente (63,2%).

Questão: Qual é o seu grau de concordância/discordância com a seguinte afirmação - 'O Ministério da Educação valoriza o trabalho dos professores'

Os docentes inquiridos discordaram em grande número (85,0%) da afirmação de que o Ministério da Educação valoriza o trabalho dos professores, sendo esta discordância idêntica em todas as variáveis analisadas. De realçar que, entre estes discordantes, 62,1% discorda *totalmente* ou *bastante*.

Quadro 34 . Grau de concordância/discordância em relação ao Ministério da Educação valorizar o trabalho dos professores

	<i>n</i>	%
Discordo totalmente	703	24,2%
Discordo bastante	1103	37,9%
Discordo um pouco	668	23,0%
Concordo um pouco	362	12,4%
Concordo bastante	60	2,1%
Concordo totalmente	7	0,2%
Não responderam	7	0,2%
Totais	2910	100,0%

Tal como no item anterior, é nos docentes com menos de 3 anos de serviço (65,3%) que se encontra também menor percentagem de discordância com a frase.

Questão: Qual é o seu grau de concordância/discordância com a seguinte afirmação - 'Os alunos valorizam o trabalho dos professores'

Em relação à percepção que os docentes têm sobre a valorização que os alunos fazem do seu trabalho, os professores estão divididos quase em duas metades, com 51,3% deles a concordar e 48,4% a discordar. No entanto, verifica-se que 51,6% dos inquiridos dizem concordar ou discordar pouco, como se pode constatar nos dados do quadro seguinte.

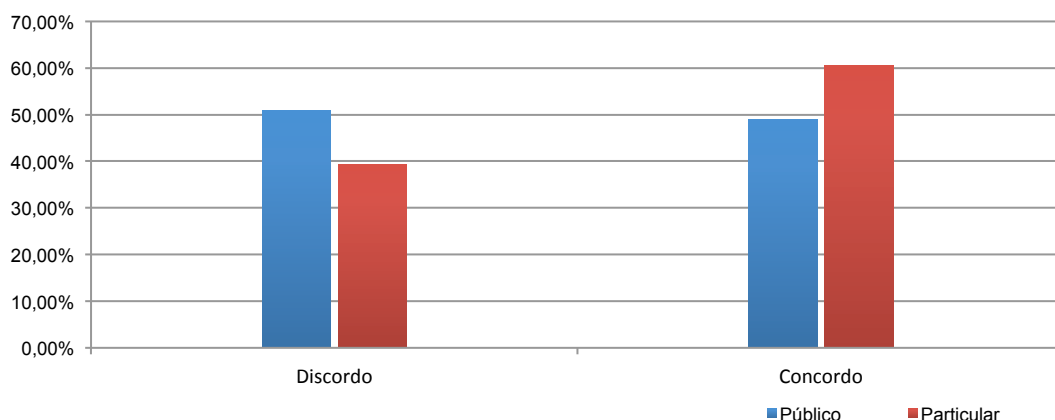
Quadro 35 . Grau de concordância/discordância em relação aos alunos valorizarem o trabalho dos professores

	<i>n</i>	%
Discordo totalmente	237	8,1%
Discordo bastante	575	19,8%
Discordo um pouco	597	20,5%
Concordo um pouco	906	31,1%
Concordo bastante	509	17,5%
Concordo totalmente	79	2,7%
Não responderam	7	0,2%
Totais	2910	100,0%

. As preocupações e as motivações dos professores .

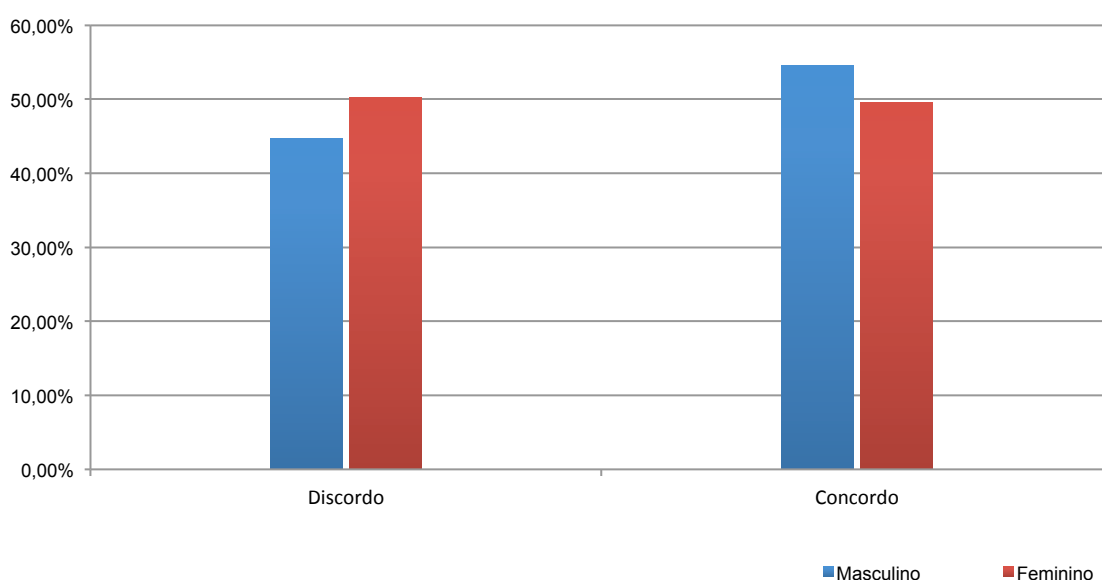
Analisando agora as respostas dos inquiridos, segundo a titularidade das suas escolas, observa-se que, ao contrário do que pensam os professores das Escolas Públicas, a maioria dos docentes do Ensino Particular (60,5%) perceciona que os seus alunos valorizam o seu trabalho, embora só para 33,4% a concordância seja pequena.

Gráfico 17 . Grau de concordância/discordância em relação aos alunos valorizarem o trabalho dos professores, por titularidade de estabelecimento de ensino



Também se encontram percepções diferentes conforme o sexo do docente (cf. gráfico 18), pois 50,3 % das professoras discordam da frase, com 30,1% a discordar totalmente ou bastante, enquanto 54,6% dos professores concordam com ela, embora só 24,2% concorde totalmente ou bastante com a frase.

Gráfico 18 . Grau de concordância/discordância em relação aos alunos valorizarem o trabalho dos professores, por género

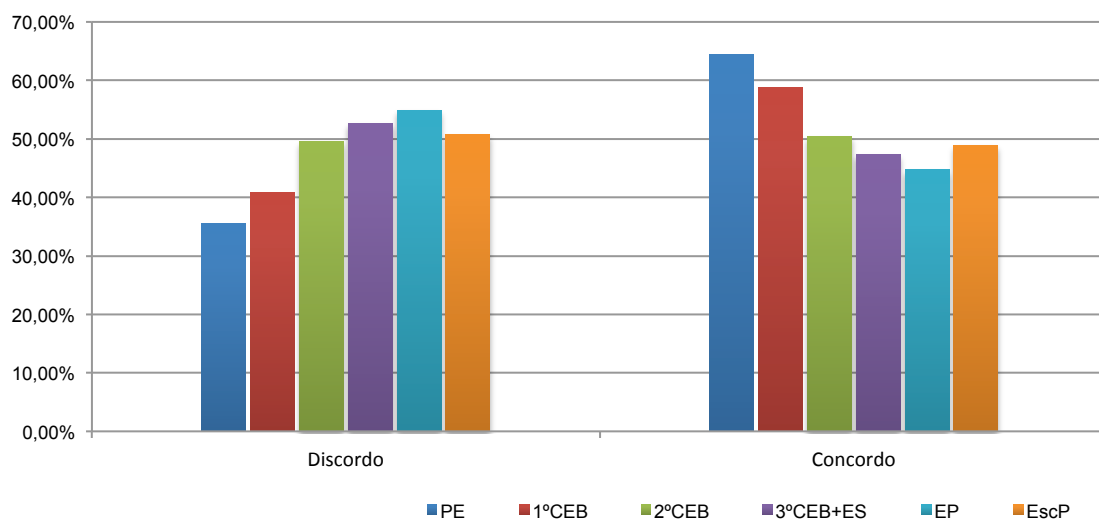


Também se observam diferenças de opinião conforme o nível/ciclo de ensino lecionado (cf. gráfico 19). Constata-se que, conforme o nível/ciclo de ensino, a discordância aumenta do pré-escolar para o ensino

. As preocupações e as motivações dos professores .

secundário e profissional, bem como se observa que existe uma maioria de concordantes no pré-escolar, 1º e 2º CEB, embora decrescendo em percentagem.

Gráfico 19 . Grau de concordância/discordância em relação aos alunos valorizarem o trabalho dos professores, por nível de ensino



Finalmente, tomando em consideração o tempo de serviço docente, observa-se que não existem dados relevantes para assinalar.

Questão: Qual é o seu grau de concordância/discordância com a seguinte afirmação - 'Os pais dos alunos valorizam o trabalho dos professores'

Os docentes discordam (58,8%) da afirmação de que os pais dos alunos valorizam o seu trabalho, conforme o quadro seguinte. No entanto, verifica-se que 53,8% dos inquiridos dizem concordar ou discordar pouco da afirmação.

Quadro 36 . Grau de concordância/discordância em relação aos pais dos alunos valorizarem o trabalho dos professores

	<i>n</i>	%
Discordo totalmente	296	10,2%
Discordo bastante	731	25,1%
Discordo um pouco	684	23,5%
Concordo um pouco	883	30,3%
Concordo bastante	275	9,5%
Concordo totalmente	36	1,2%
Não responderam	5	0,2%
Totais	2910	100,0%

. As preocupações e as motivações dos professores .

Esta tendência, com pequenas variações percentuais, é idêntica na análise por sexo. Em relação ao nível/ciclo de ensino acontece o mesmo, embora com a exceção de que uma maioria, embora pequena (52,9%), dos educadores de infância concorda com a afirmação. O mesmo acontece na análise da titularidade das instituições pois 55,7% dos docentes do Ensino Profissional diz que os pais valorizam o seu trabalho, ao contrário de 66,2% dos seus colegas do Ensino Público, que afirmam que os pais dos alunos não os valorizam.

Verifica-se ainda, na análise das respostas conforme o tempo de serviço que, ao contrário dos outros escalões de tempo de serviço, 55,1% professores que estão na docência há menos de 3 anos, consideram que os pais dos alunos valorizam o trabalho dos professores.

Questão: Qual é o seu grau de concordância/discordância com a seguinte afirmação - 'Os alunos deste estabelecimento de ensino saem academicamente bem preparados'

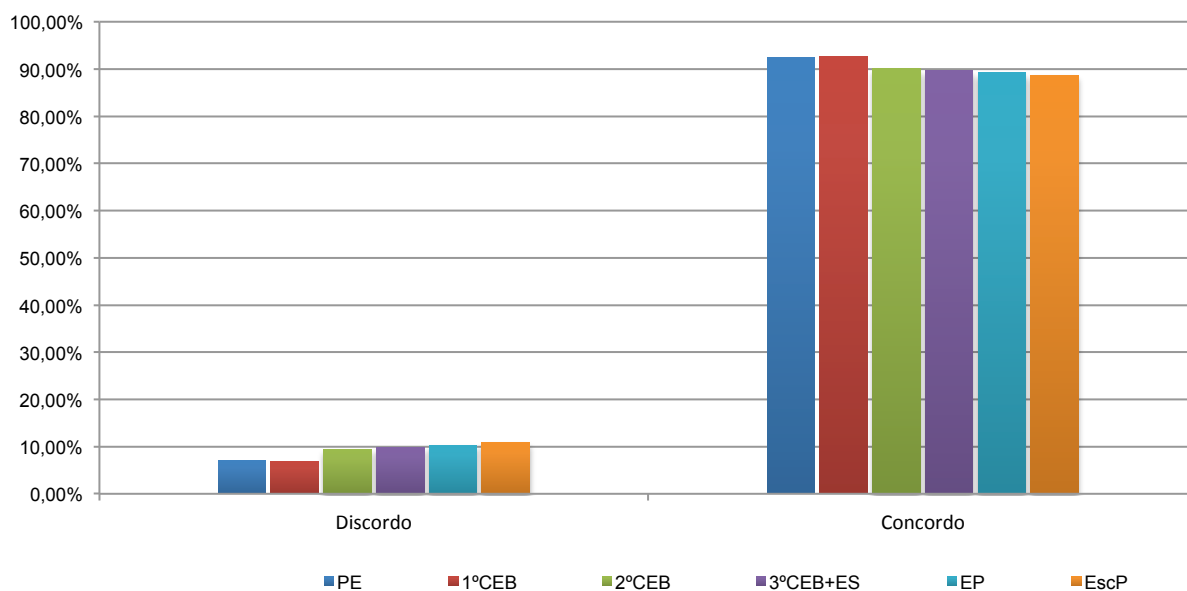
Finalmente, os professores quando questionados sobre a sua perceção em relação à preparação académica dos alunos da sua instituição são quase unânimes (90,3%) na concordância com a afirmação (cf. quadro 37).

Quadro 37 . Grau de concordância/discordância em relação à afirmação de que os alunos do estabelecimento de ensino de cada professor saem academicamente bem preparados

	<i>n</i>	%
Discordo totalmente	26	0,9%
Discordo bastante	79	2,7%
Discordo um pouco	164	5,6%
Concordo um pouco	619	21,3%
Concordo bastante	1505	51,7%
Concordo totalmente	504	17,3%
Não responderam	13	0,4%
Totais	2910	100,0%

Tem interesse observar os resultados segundo o nível/ciclo de ensino lecionado, a partir do gráfico seguinte. Nele constata-se que, com exceção do 1º CEB, a percentagem de docentes concordantes com a afirmação vai diminuindo, embora ligeiramente, conforme se vai avançando no nível/ciclo lecionado.

Gráfico 20 . Os alunos deste estabelecimento de ensino saem academicamente bem preparados, por nível de ensino lecionado



Destaques

Parte 1 . Os professores e a sua profissão

- 52,8 % dos professores consideram a profissão de forma afetiva e criativa (arte, sacerdócio ou atividade criativa), e os 3 principais termos associados à sua profissão são arte, profissão e atividade criativa, por esta ordem;
- São os docentes do Ensino Profissional (53,1%) que consideram a sua profissão como utilitarista e técnica, enquanto os educadores de infância e os professores do 1º CEB consideram-na como sendo afetiva e criativa (à volta de 62%);
- 82,8 % dos professores inquiridos associam a tarefa de ensinar aos termos paixão, esperança e afeto, mas 14,8% dizem estar cansados ou frustrados e 2,1% consideram-na rotineira, com predominância dos professores do 2º CEB e do 3º CEB e Ensino Secundário;
- 83,6% dos docentes escolheram a profissão docente porque gostam de ensinar (58,3%) ou porque podem aprender toda a vida (25,3%);
- A apreciável maioria dos professores pretende continuar a lecionar (74,9%) sendo que 63,4% deles é porque gosta de ensinar;
- A maioria dos professores (68,1%) encontra-se insatisfeita, em relação ao início da sua carreira, com 40% mesmo muito;
- A evolução, nos últimos anos, da atividade profissional docente, na opinião dos inquiridos, aponta para o aumento do volume de trabalho (98,8%), das tarefas burocráticas e administrativas (98,2%), do controlo sobre o seu trabalho (75,6%), da exigência da prestação pública de contas (94,3%), do trabalho colaborativo entre eles (61,8%) e da partilha regular de ideias e materiais pedagógicos (63,2%);
- Na opinião dos professores inquiridos tem diminuído, nos últimos anos, o seu prestígio, devido à informação veiculada pela comunicação social (90,8%), a sua autonomia e poder de decisão (80,2%), e o tempo e condições para refletirem sobre as práticas educativas (86,8%);
- 68,3% dos professores integrantes deste inquérito consideram que se sentem motivados para ensinar enquanto, quase um terço (31,4%), diz o contrário;

. As preocupações e as motivações dos professores .

- A maioria dos professores considera que não são valorizados quer pela sociedade (84,4%), como pelo Ministério da Educação (85,0%) e pelos pais dos alunos (58,8%);
- Uma pequena maioria dos professores (51,3%) diz que os alunos valorizam o seu trabalho, sendo esta perceção mais evidente nos docentes do Ensino Particular (60,5%), nos educadores de infância (64,4%) e nos professores do 1º CEB (58,8%).

Parte 2 . Os professores e a evolução das políticas públicas de educação

Neste conjunto de questões pretendeu-se inquirir como os professores percecionam o estado atual da Educação e do Sistema Educativo, em Portugal.

Assim questionaram-se os professores sobre a evolução, na última década, da Educação em Portugal, sobre como reagem perante mudanças ou reformas no Sistema Educativo e como percecionam o impacto das reformas implementadas nos últimos anos, em relação à qualidade e à equidade da educação, à democratização do acesso à Educação, à melhoria das práticas docentes e dos métodos e conteúdos usados e, finalmente, em relação à concorrência entre estabelecimentos de ensino.

Complementarmente questionou-se qual o fator considerado mais importante para promover o sucesso educativo dos alunos, no sentido de percebermos onde é que os docentes situam o cerne da melhoria do sucesso escolar..

Questão: Como considera que a Educação, em Portugal, evoluiu na última década?

Em relação a esta questão 64,0% dos inquiridos é de opinião de que a Educação piorou, em Portugal, com 17,5% a dizer que piorou muito, conforme se pode observar no quadro 38.

Quadro 38 . Evolução da Educação em Portugal, na última década

	<i>n</i>	%
Piorou muito	509	17,5%
Piorou	1150	39,5%
Piorou pouco	204	7,0%
Melhorou pouco	657	22,6%
Melhorou	342	11,8%
Melhorou muito	31	1,1%
Não responderam	17	0,6%
Totais	2910	100,0%

Esta opinião repete-se, com valores muito semelhantes, em todas as variáveis analisadas. De destacar que, em cada variável analisada, são as professores (71,5%), os docentes do Ensino Público, os professores do 3ª CEB e do Ensino Secundário (71,0%) que consideram, em maior número, que a educação piorou.

Considerando o tempo de serviço, são os professores com 21 a 30 anos de serviço que mais negativamente consideram a evolução (70,0%), a par dos seus colegas com 31 a 35 anos de serviço, com 69,7%.

Questão: Quando se anuncia alguma reforma ou mudança educativa, como a encara à partida?

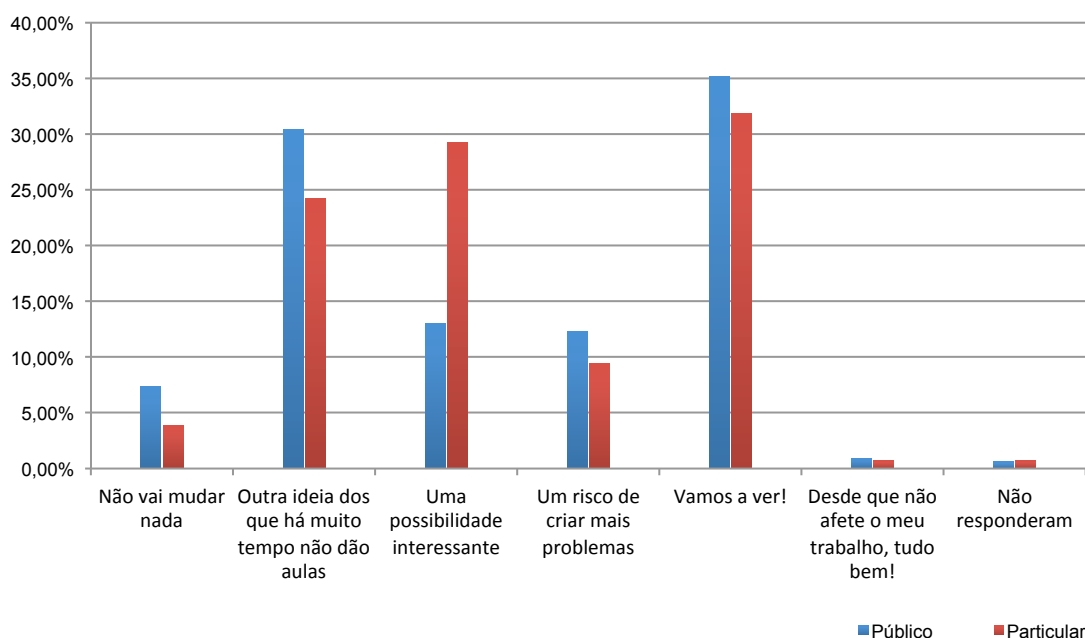
Globalmente, 51,8 % dos professores encara os anúncios de reformas ou mudanças educativas com uma atitude positiva ou expectante (“Uma possibilidade interessante” ou “Vamos a ver!”) ou mais indiferente (“Desde que não afete o meu trabalho, tudo bem!”). Diferentemente, 47,6% dos professores que afirma ter uma atitude crítica ou descrente (“Não vai mudar nada” ou “Outra ideia dos que há muito tempo não dão aulas ou “Um risco de criar mais problemas”).

Quadro 39 . Como os professores encaram à partida, o anúncio de alguma reforma ou mudança educativa

	<i>n</i>	%
Não vai mudar nada	194	6,7%
Outra ideia dos que há muito tempo não dão aulas	849	29,2%
Uma possibilidade interessante	479	16,5%
Um risco de criar mais problemas	341	11,7%
Vamos a ver!	1003	34,5%
Desde que não afete o meu trabalho, tudo bem	25	0,9%
Não responderam	19	0,7%
Totais	2910	100,0%

Analisando as opiniões, por tipo de estabelecimento de ensino, observa-se que os professores do Ensino Particular encaram maioritariamente as mudanças de forma positiva ou expectante (61,2%), enquanto os seus colegas do Ensino Público com idêntica posição são ligeiramente minoritários (48,2%).

Gráfico 21 . Como os professores encaram à partida, o anúncio de alguma reforma ou mudança educativa, por tipo de estabelecimento de ensino



. As preocupações e as motivações dos professores .

Nas restantes segmentações de análise, os valores encontrados não diferem muito dos valores globais da amostra. No entanto, e porque poderá interessar para fazer alguma análise mais pormenorizada, apresentam-se no quadro seguinte as respostas de acordo com o tempo de serviço docente.

Quadro 40 . Como os professores encaram à partida, o anúncio de alguma reforma ou mudança educativa, por tempo de serviço

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
Não vai mudar nada	6,1	2,3	7,8	7,0	4,9	8,1
Outra ideia dos que há muito tempo não dão aulas	12,2	21,9	31,9	31,3	30,0	21,0
Uma possibilidade interessante	40,8	26,6	15,7	13,3	17,2	16,2
Um risco de criar mais problemas	12,2	9,8	10,3	13,3	11,0	12,9
Vamos a ver!	22,4	37,5	32,3	34,2	35,4	40,8
Desde que não afete o meu trabalho, tudo bem!	4,1	0,8	1,4	0,5	0,8	0,4
Não responderam	2,0	1,2	0,6	0,4	0,8	0,7

Da análise dos resultados realça o facto de os professores com mais de 35 anos de serviço serem os que dizem, em maior percentagem, que nada vai mudar e que se colocam na posição de ver para crer. Destaque também para o grande número de docentes (40,8%), com menos de 3 anos de serviço, que consideram as reformas como uma possibilidade interessante.

Questão: Qual ou quais é para si, entre os fatores abaixo indicados, o mais importante para o sucesso dos alunos?

Os resultados obtidos mostram que, dos fatores indicados, são claramente destacados o trabalho dos professores na sala de aula (42,7%) ⁵ e a colaboração e o apoio das famílias (36,2%), em comparação com o funcionamento da escola, a personalidade do professor, os recursos da escola e a existência de exames.

De realçar que a existência de exames, no final de cada ciclo, foi o fator menos indicado pelos inquiridos (1,2%).

⁵ Por ser possível indicar dois fatores, em cada resposta, o que aconteceu com a maioria dos respondentes, esta percentagem e as restantes apresentadas nesta questão, foram calculadas em relação ao número total de fatores indicados.

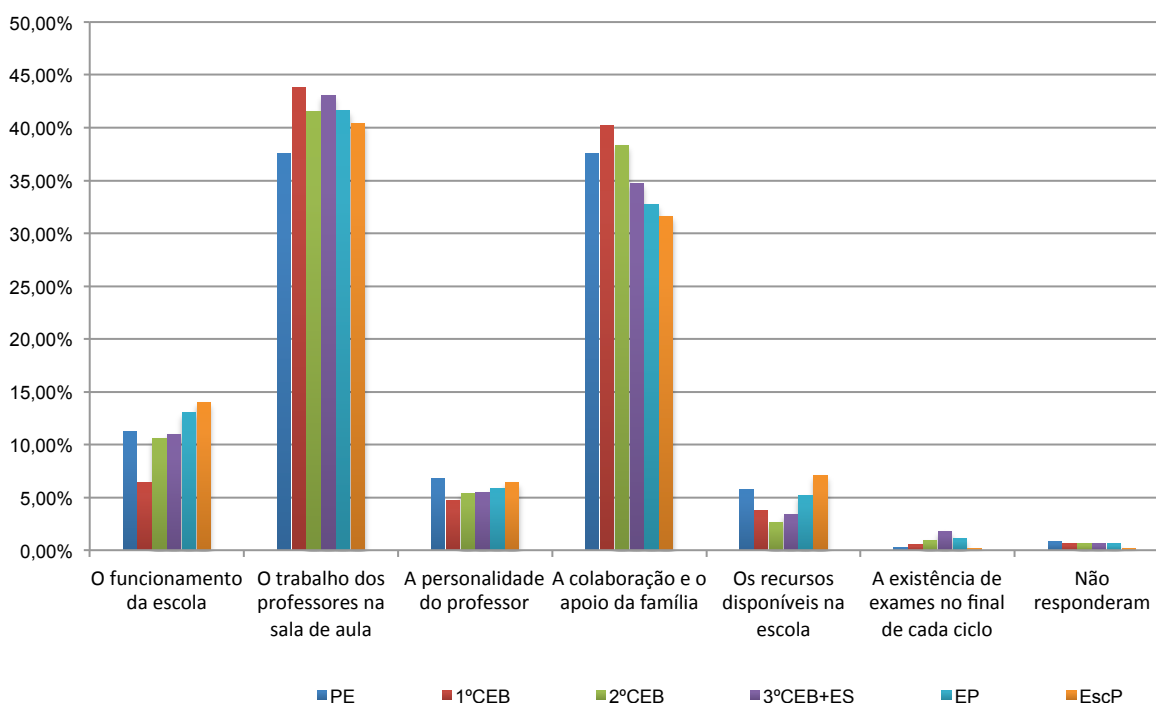
. As preocupações e as motivações dos professores .

Quadro 41 . Fator(es) mais importante(s) para o sucesso dos alunos

	<i>n</i>	%
O funcionamento da escola	484	10,0%
O trabalho dos professores na sala de aula	2072	42,7%
A personalidade do professor	263	5,4%
A colaboração e o apoio das famílias	1755	36,2%
Os recursos disponíveis na escola	189	3,9%
A existência de exames no final de cada ciclo	58	1,2%
Não responderam	29	0,6%
Totais	4850	100,0%

De salientar ainda que são os professores do 1º CEB que, em percentagem, mais valorizam o trabalho na sala de aula (43,8%) e a colaboração e o apoio das famílias (40,2%), conforme o gráfico seguinte.

Gráfico 22 . Fator(es) mais importante(s) para o sucesso dos alunos, por nível/ciclo de ensino



Os restantes segmentos de análise apresentam resultados idênticos aos globais.

Questão: *Em termos gerais, para si, qual tem sido o impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à 'qualidade da educação'*

Os inquiridos mostraram-se divididos em relação à valorização do impacto que as reformas educativas tiveram na qualidade da educação, conforme se observa no quadro 42, em que a maioria (59,1%) considera que elas tiveram algum ou pequeno impacto e um apreciável número (27,1%) diz que tiveram mesmo muito pequeno ou nenhum impacto.

Quadro 42 . Impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à qualidade da educação

	<i>n</i>	%
Muito grande	64	2,2%
Grande	315	10,8%
Algum	916	31,5%
Pequeno	804	27,6%
Muito pequeno	525	18,0%
Nenhum	265	9,1%
Não responderam	21	0,7%
Totais	2910	100,0%

São os educadores de infância e os professores do 1º CEB que consideram, em maior percentagem, que as mudanças tiveram algum ou maior impacto (48,9% e 49,9%, respetivamente). Nos restantes segmentos de análise não foram encontrados resultados de relevo que divergissem dos resultados globais.

Questão: *Em termos gerais, para si, qual tem sido o impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à equidade da educação*

As respostas obtidas em relação ao impacto sobre a equidade da educação são muito análogas às recolhidas sobre a qualidade, conforme se pode observar no quadro seguinte, com uma pequena diminuição daqueles que consideram que o impacto foi muito pequeno ou nulo (22,8%)

Quadro 43 . Impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à equidade da educação

	<i>n</i>	%
Muito grande	45	1,5%
Grande	349	12,0%
Algum	1082	37,2%
Pequeno	748	25,7%
Muito pequeno	440	15,1%
Nenhum	225	7,7%
Não responderam	21	0,7%
Totais	2910	100,0%

A segmentação não trouxe divergências significativas.

Questão: Em termos gerais, para si, qual tem sido o impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à 'democratização do acesso à educação'?

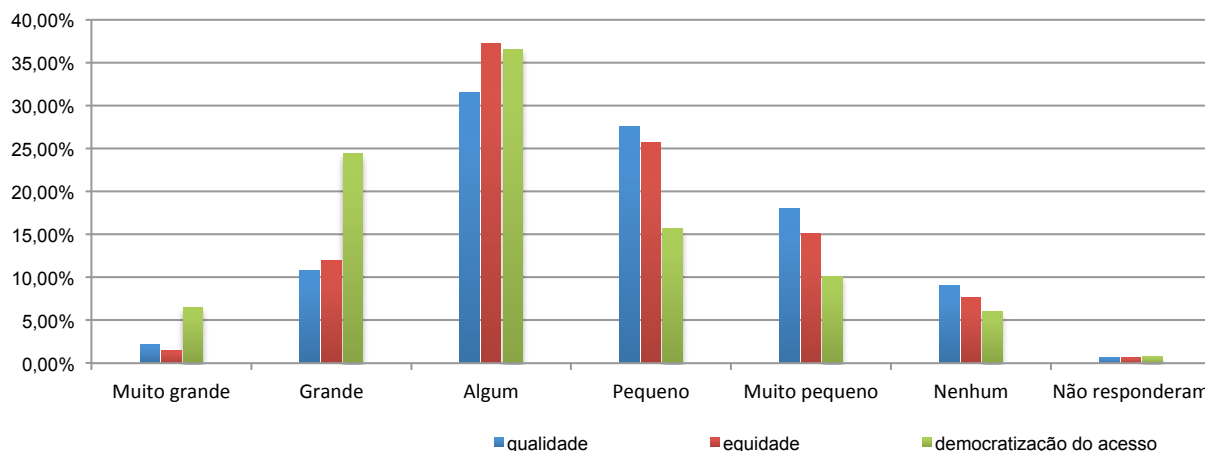
Já as respostas dos inquiridos quanto ao impacto sobre a democratização do acesso à educação, indicam que, para 67,4% dos professores, as mudanças ocorridas tiveram algum ou grande impacto, com 30,9% a considerar que esse impacto foi grande ou muito grande.

Quadro 44 . Impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à democratização do acesso à educação

	<i>n</i>	%
Muito grande	190	6,5%
Grande	710	24,4%
Algum	1061	36,5%
Pequeno	457	15,7%
Muito pequeno	295	10,1%
Nenhum	175	6,0%
Não responderam	22	0,8%
Totais	2910	100,0%

Estes resultados estão em linha com os encontrados nos diversos fatores de análise, com a exceção dos resultados dos professores do 3º CEB e do Ensino Secundário, cuja maioria (50,8%) considera que o impacto foi pequeno ou ainda menor (muito pequeno ou nulo). De seguida apresenta-se um gráfico comparativo do impacto percecionado, nas três vertentes apresentadas anteriormente.

Gráfico 23 . Impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à qualidade, à equidade e à democratização do acesso à educação



Questão: *Em termos gerais, para si, qual tem sido o impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à melhoria das práticas docentes*

Em relação ao impacto das reformas sobre a melhoria das práticas docentes, os inquiridos mostram-se divididos, com 60,4% a considerar que ele foi pequeno ou algum e 25,4% a considerar que tiveram muito pequeno ou nenhum impacto, conforme se pode confirmar no quadro seguinte.

Quadro 45 . Impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à melhoria das práticas docentes

	<i>n</i>	%
Muito grande	47	1,6%
Grande	347	11,9%
Algum	1091	37,5%
Pequeno	665	22,9%
Muito pequeno	473	16,3%
Nenhum	265	9,1%
Não responderam	22	0,8%
Totais	2910	100,0%

Não foram encontrados resultados divergentes na análise das variáveis em estudo.

Questão: *Em termos gerais, para si, qual tem sido o impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à 'melhoria dos métodos e conteúdos usados no ensino'*

Os resultados obtidos nesta questão são muito aproximados ao do item anterior, com diferenças percentuais pouco significativas (cf. quadro 46).

Quadro 46 . Impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à melhoria dos métodos e conteúdos usados no ensino

	<i>n</i>	%
Muito grande	55	1,9%
Grande	327	11,2%
Algum	1056	36,3%
Pequeno	727	25,0%
Muito pequeno	465	16,0%
Nenhum	259	8,9%
Não responderam	21	0,7%
Totais	2910	100,0%

Questão: *Em termos gerais, para si, qual tem sido o impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à 'concorrência entre estabelecimentos de ensino'*

Finalmente, quanto ao impacto que tiveram as reformas educativas em relação à concorrência entre estabelecimentos de ensino, os inquiridos claramente indicam que elas tiveram grande ou muito grande impacto (48,7%), enquanto apenas 16,3 % dos docentes percecionam que elas tiveram um impacto muito pequeno ou nulo (ver quadro 47).

Quadro 47 . Impacto das reformas educativas, nos últimos anos, em relação à concorrência entre estabelecimentos de ensino

	<i>n</i>	%
Muito grande	543	18,7%
Grande	867	29,8%
Algum	861	29,6%
Pequeno	318	10,9%
Muito pequeno	157	5,4%
Nenhum	134	4,6%
Não responderam	30	1,0%
Totais	2910	100,0%

Este padrão de respostas é comum a todas as variáveis em análise..

Destaque

Parte 2 . Os professores e a evolução das políticas públicas da educação

- 64,0% dos professores inquiridos são de opinião de que, na última década, piorou a Educação, em Portugal, e mesmo para 17,5% deles, ela piorou muito;
- são as professoras (71,5%), os docentes do Ensino Público, os do 3ª CEB e Ensino Secundário (71,0%) e os do litoral (66,4%) que consideram a evolução, para pior, em maior percentagem;
- são os professores do Ensino Particular que, em maior percentagem, encaram de forma positiva ou expectante (61,2%) as mudanças ou reformas educativas, face aos 48,2% dos seus colegas do Ensino Público;
- os professores, com mais de 35 anos de serviço, são os que dizem, em maior percentagem, que nada vai mudar (8,1%) e que querem ver para crer (40,8%);
- os docentes elegem como os fatores mais importantes para o sucesso dos alunos o trabalho dos professores na sala de aula (42,7%) e a colaboração e o apoio das famílias (36,2%);
- a existência de exames, no final de cada ciclo, foi o fator menos indicado pelos inquiridos (1,2%);
- os inquiridos mostraram-se divididos, quanto ao impacto das reformas na qualidade da educação, com 59,1% a considerar que elas tiveram algum ou pequeno impacto, e com 27,1% a dizer mesmo que tiveram muito pequeno ou nenhum impacto, em linha com as opiniões sobre o impacto na equidade e na democratização do acesso à educação;
- são os educadores de infância (48,9%) e os professores do 1º CEB (49,9%) que mais consideram que as mudanças tiveram algum ou maior impacto, quanto à qualidade da educação;
- 60,4% dos professores consideram que o impacto das reformas, sobre a melhoria das práticas docentes, foi pequeno ou algum e 25,4% considera mesmo que tiveram muito pequeno ou nenhum impacto, em linha com o que pensam em relação à melhoria dos métodos e conteúdos usados no ensino;
- quanto ao impacto das reformas educativas, em relação à concorrência entre estabelecimentos de ensino, 48,7% dos inquiridos indicam que elas tiveram grande ou muito grande impacto, enquanto 16,3% dos docentes percecionaram que elas tiveram um impacto muito pequeno ou nulo.

Parte 3 . Satisfação profissional

Este conjunto de questões pretendeu inquirir o que causa maior satisfação e insatisfação no exercício profissional dos docentes, as razões subjacentes à melhoria do seu trabalho, bem como os problemas profissionais que lhes colocam maiores dificuldades, para terminar com a valorização que fazem do trabalho em equipa..

Questão: *Se tivesse que eleger o que lhe dá maior satisfação no seu trabalho, o que escolheria?*

Os aspetos que mereceram a preferência das escolhas dos professores, claramente distanciados dos restantes, como se pode ver no gráfico seguinte, foram o reconhecimento como bons professores” (37,1%) e a valorização do seu trabalho (36,4%).

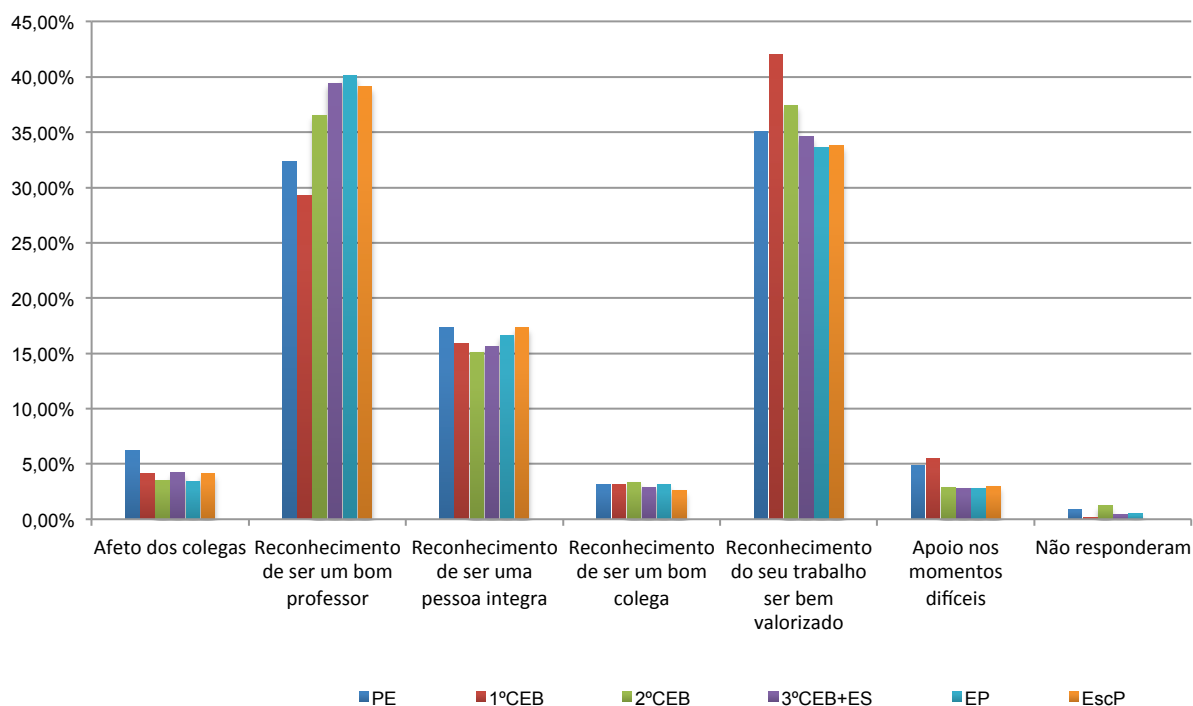
Quadro 48 . O que dá aos docentes maior satisfação no seu trabalho

	<i>n</i>	%
Afeto dos colegas	122	4,2%
Reconhecimento de ser um bom professor	1079	37,1%
Reconhecimento de ser uma pessoa íntegra	441	15,2%
Reconhecimento de ser um bom colega	92	3,2%
Reconhecimento do seu trabalho ser bem valorizado	1060	36,4%
Apoio nos momentos difíceis	99	3,4%
Não responderam	17	0,6%
Totais	2910	100,0%

Embora não se encontrem padrões muito diferenciados de respostas, conforme as variáveis usadas na nossa análise, existem algumas variações no perfil de respostas conforme o ciclo/nível de ensino lecionado e o tempo de serviço docente.

Analisando a distribuição das respostas em função do ciclo/nível de ensino (cf. Gráfico 24) observa-se que os docentes dos níveis/ciclos de ensino iniciais elegem, em primeiro lugar, o reconhecimento do seu trabalho, enquanto os seus colegas do 3º CEB, ensino secundário e profissional, escolhem mais o item do reconhecimento como bons professores.

Gráfico 24 . O que dá aos docentes maior satisfação no seu trabalho, por nível de ensino lecionado



Já a análise segundo o tempo de serviço mostra-nos que os professores com menos de 20 anos de serviço escolhem mais a valorização do seu trabalho, enquanto os professores a partir dos 20 anos de serviço, escolhem mais serem reconhecidos como bons professores, de acordo com o Quadro 49. Realça-se ainda o facto de os docentes, ao longo da sua carreira, escolherem menos o reconhecimento do seu trabalho como sendo aquilo que lhes dá maior satisfação no seu trabalho.

Quadro 49 . O que dá aos docentes maior satisfação no seu trabalho, por tempo de serviço

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
Afeto dos colegas	4,1	5,1	5,0	3,9	3,1	3,3
Reconhecimento de ser um bom professor	34,7	28,1	36,0	40,2	37,2	37,1
Reconhecimento de ser uma pessoa inteira	18,4	17,6	13,8	14,0	17,7	17,3
Reconhecimento de ser um bom colega	2,0	3,9	2,9	2,9	4,1	3,3
Reconhecimento do seu trabalho ser bem valorizado	40,8	40,6	37,6	35,3	35,6	33,5
Apoio nos momentos difíceis	0,0	4,7	3,9	3,2	2,1	4,4
Não responderam	0,0	0,0	0,9	0,5	0,3	1,1

Questão: E o que lhe causa maior insatisfação no seu trabalho?

Por sua vez, o principal motivo de insatisfação dos professores é a falta de reconhecimento profissional, item que fica a grande distância percentual da insatisfação causada pelos conflitos habituais (cerca de 30%).

Quadro 50 . O que causa aos docentes maior insatisfação no seu trabalho

	<i>n</i>	%
Conflitos habituais	808	27,8%
Isolamento	163	5,6%
Falta de reconhecimento profissional	1659	57,0%
Críticas pessoais	60	2,1%
Críticas profissionais	124	4,3%
Críticas da direção	70	2,4%
Não responderam	26	0,9%
Totais	2910	100,0%

Este padrão de respostas é idêntico em todas as variáveis estudadas, com exceção dos inquiridos com menos de 3 anos de serviço, que escolheram os conflitos habituais (38,8%) como a principal causa da sua insatisfação, logo seguida da falta de reconhecimento profissional (34,7%). Realce ainda para a baixa percentagem de inquiridos (8,8%) que escolheram as críticas, sejam elas pessoais, profissionais ou da direção, como principal motivo de insatisfação.

Questão: As melhorias do seu trabalho docente a que se devem principalmente?

As melhorias do trabalho docente devem-se sobretudo a autoformação (73,7%) e à ajuda dos colegas da escola (13,4%), em detrimento da formação promovida pela Administração Educativa e Centros de Formação de Associação de Escolas e outras instituições formadoras (7,1%).

Quadro 51 . Fontes de formação que contribuíram para a melhoria do trabalho docente

	<i>n</i>	%
Ao seu próprio esforço	2144	73,7%
À ajuda dos seus colegas de escola	390	13,4%
À ajuda dos seus colegas de outras escolas	24	0,8%
À formação promovida pela Administração educativa	20	0,7%
À formação promovida pelos CFAE's e outras instituições formadoras	185	6,4%
A outro tipo de ajuda	137	4,7%
Não responderam	10	0,3%
Totais	2910	100,0%

Este tipo de respostas é idêntico a todas as variáveis estudadas.

Questão: Qual destes problemas lhe colocam mais dificuldades?

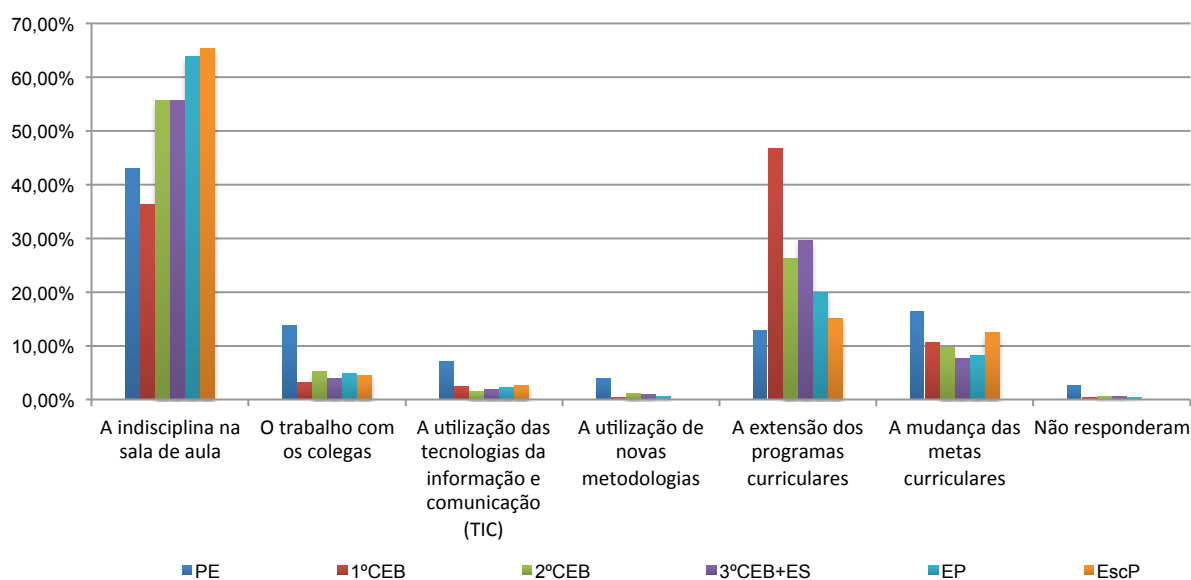
O principal problema indicado por 51,6% dos inquiridos é a indisciplina vivida nas salas de aula, com mais de 20 pontos percentuais de diferença para o segundo problema mais escolhido, a extensão dos programas curriculares. As restantes opções de escolha apresentam percentagens menores que 10%, como se pode observar no quadro seguinte.

Quadro 52 . Principal problema, entre as opções, que coloca mais dificuldades aos professores

	<i>n</i>	%
A indisciplina na sala de aula	1502	51,6%
O trabalho com os colegas	130	4,5%
A utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC)	70	2,4%
A utilização de novas metodologias	33	1,1%
A extensão dos programas curriculares	883	30,3%
A mudança das metas curriculares	272	9,3%
Não responderam	20	0,7%
Totais	2910	100,0%

Este padrão de respostas é comum a todas as variáveis estudadas, com exceção das respostas dadas pelos educadores de infância, conforme se pode constatar pelo gráfico abaixo.

Gráfico 25 . Principal problema que coloca mais dificuldades aos professores, por nível de ensino lecionado



Da observação do gráfico, para além de todos escolherem em primeiro lugar a indisciplina na sala de aula (43,1%), com exceção dos professores do 1º CEB, como seria de esperar, os educadores de infância apresentam valores percentuais divergentes dos restantes colegas, seja em relação ao trabalho com os colegas (13,8%), à utilização das TIC's (7,1%), seja ainda à extensão dos programas curriculares (12,9%) e à mudança das metas curriculares (16,4%). Os professores do 1º CEB destacam, como principal problema,

. As preocupações e as motivações dos professores .

a extensão dos programas curriculares (46,8%), com mais 10 pontos percentuais do que a indisciplina na sala de aula. Este último item merece um destaque maior na educação Pré-escolar do que no 1º ciclo, o que não seria expectável.

Destaque ainda para as percentagens observadas para a indisciplina na sala de aula, maioritariamente elegida pelos professores do Ensino Profissional (63,9%) e das Escolas Profissionais (65,4%).

Questão: *E entre estas situações?*

A principal dificuldade consiste em prestar atenção ao desenvolvimento afetivo e social dos alunos (30,3%), logo seguida dos problemas levantados pelas avaliações do desempenho docente (24,4%) e da avaliação dos alunos (19,1%), conforme se pode confirmar no gráfico seguinte.

Quadro 53 . Principal problema, entre outras opções, que coloca mais dificuldades aos professores

	<i>n</i>	%
A convivência com os colegas	177	6,1%
Dar atenção ao desenvolvimento afetivo e social dos alunos	881	30,3%
As relações com os alunos	132	4,5%
As relações com as famílias	412	14,2%
A avaliação dos alunos	557	19,1%
A avaliação do desempenho docente	709	24,4%
Não responderam	42	1,4%
Totais	2910	100,0%

Em relação ao género e ao tempo de serviço, o padrão de respostas mantém-se. Já em relação ao tipo do estabelecimento de ensino, existem ligeiras diferenças entre o Ensino Público e o Particular, pois neste há mais referências à maior dificuldade em dar atenção ao desenvolvimento afetivo e social dos alunos, bem como em fazer a sua avaliação, enquanto a avaliação do desempenho docente não levanta tantas dificuldades. Além disso, 23,6% dos educadores de infância indicam, como maior dificuldade, dar atenção ao desenvolvimento afetivo e social das crianças a seu cargo.

Questão: Como valoriza o trabalho em equipa com os colegas?

Conforme se pode constatar do quadro x, o trabalho em equipa com os colegas é considerado fundamental para o ensino melhorar, para 44,7% dos inquiridos,⁶ e cerca da quarta parte deles indica que é a sua forma normal de trabalhar (25,3%), embora 26,1 % dos inquiridos indique que só por vezes é exequível.

Quadro 54 . Como os professores valorizam o trabalho em equipa com os colegas

	<i>n</i>	%
É fundamental para o ensino melhorar	2075	44,7%
É a minha forma normal de trabalhar	1174	25,3%
É necessário mas só por vezes se consegue fazer	1215	26,1%
É necessário mas impossível de realizar	61	1,3%
Não é necessário	33	0,7%
Acaba por ser frustrante	77	1,7%
Não responderam	12	0,3%
Totais	4647	100,0%

Este perfil de respostas é comum às diversas variáveis analisadas. No entanto é interessante identificar qual o perfil de variação das respostas, em função do tempo de serviço, a partir dos dados do quadro seguinte.

Quadro 55 . Valorização do trabalho em equipa, entre docentes

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
É fundamental para o ensino melhorar	73,5	74,6	73,7	70,6	65,4	69,6
É a minha forma normal de trabalhar	44,9	41,8	40,3	38,8	41,8	42,3
É necessário mas só por vezes se consegue fazer	28,6	34,0	37,7	45,9	44,6	43,4
É necessário mas impossível de realizar	2,0	1,2	2,1	2,5	1,5	2,2
Não é necessário	0,0	0,4	1,6	0,7	2,3	0,7
Acaba por ser frustrante	2,0	2,0	2,4	2,8	4,4	1,5
Não responderam	0,0	1,2	0,2	0,3	0,5	0,4

Da observação do quadro verifica-se que a crença no “trabalho em equipa para o ensino melhorar” vai diminuindo conforme os docentes têm mais anos de serviço, enquanto vai aumentando a perceção de que só por vezes se consegue concretizar. Também se observa que diminui a indicação de ser “a forma normal de trabalhar” dos docentes, com o aumento dos anos de docência, embora a partir dos 30 anos volte ligeiramente a recuperar.

⁶ Tal como na questão 14 era possível indicar duas opções de resposta, daí que as percentagens apresentadas sejam calculadas em relação ao total de opções expressas.

Destaques

Parte 3 . Satisfação profissional

- o que maior satisfação dá aos docentes é serem reconhecidos como bons professores (37,1%) e verem o seu trabalho bem valorizado (36,4%);
- são os docentes dos níveis/ciclos de ensino iniciais que escolhem, em primeiro lugar, a valorização do seu trabalho, enquanto os seus colegas do 3º CEB e do Ensino Secundário e Profissional, valorizam mais serem reconhecidos como bons professores;
- os docentes, ao longo da sua carreira, escolhem cada vez menos o reconhecimento do valor do seu trabalho como motivo preferencial de satisfação;
- o principal motivo de insatisfação para 57,0% dos professores inquiridos é a falta de reconhecimento profissional, a mais de 30% da segunda causa indicada, a dos “conflitos habituais”;
- é muito baixa a percentagem daqueles (8,8%) que escolheram as críticas, sejam elas pessoais, profissionais ou da direção, como principal motivo de insatisfação;
- a melhoria do trabalho docente, segundo 73,7% dos inquiridos, deve-se principalmente à sua autoformação e à ajuda dos colegas da escola (13,4%), muito para além da formação promovida pela Administração educativa e pelos CFAE's – Centros de Formação de Associação de Escolas e outras instituições formadoras (7,1%);
- para 51,6% dos docentes desta amostra, o principal problema é a indisciplina vivida nas salas de aula, com mais de 20 pontos percentuais que o item da extensão dos programas curriculares, o segundo problema mais escolhido;
- a “indisciplina na sala de aula” é maioritariamente eleita pelos professores do Ensino Profissional (63,9%), em geral, e das Escolas Profissionais (65,4%), em particular;
- os professores do 1º CEB destacam, como principal problema, a extensão dos programas curriculares (46,8%), com mais 10 pontos percentuais do que o item “a indisciplina na sala de aula”;
- 30,3% dos docentes também escolheram a “dificuldade de prestar atenção ao desenvolvimento afetivo e social dos alunos” (30,3%), bem como os problemas levantados pela “avaliação do desempenho docente” (24,4%) e pela avaliação dos alunos (19,1%);

. As preocupações e as motivações dos professores .

- 23,6% dos educadores de infância inquiridos indicam, como maior dificuldade, dar atenção ao desenvolvimento afetivo e social das crianças a seu cargo;
- para o ensino melhorar, o trabalho em equipa é considerado fundamental para 44,7% dos inquiridos, com 25,3% a indicar que é a sua “forma normal de trabalhar”, embora 26,1% diga que só por vezes é exequível;
- a valorização do trabalho em equipa vai diminuindo conforme os docentes têm mais anos de serviço, em contrapartida do aumento da perceção de que só por vezes se consegue concretizar.

Parte 4 . Relação com alunos, pais e colegas

Neste conjunto de questões pretendeu-se inquirir como cada professor se relaciona com os outros atores escolares principais – alunos, pais dos alunos e colegas.

Questão: Na relação com os seus alunos, o que lhe causa maior insatisfação?

Na análise dos resultados apurados (ver quadro 56), constata-se que o que causa maior insatisfação à maioria dos professores é a falta de respeito dos seus alunos, com mais de 33 pontos percentuais de distância para a segunda causa apontada, “não conseguir motivar os alunos”.

Quadro 56 . Causas de maior insatisfação para os professores, na relação com os alunos

	<i>n</i>	%
Falta de respeito	1714	58,9%
Falta do merecido agradecimento	92	3,2%
Falta de reconhecimento profissional	207	7,1%
Relações frias com os alunos	86	3,0%
Não conseguir motivar os alunos	743	25,5%
Os seus antigos alunos não o saudarem	33	1,1%
Não responderam	35	1,2%
Totais	2910	100,0%

Este perfil de respostas repete-se nas diversas variáveis analisadas.

Questão: Na relação com os pais dos alunos, o que lhe dá maior satisfação?

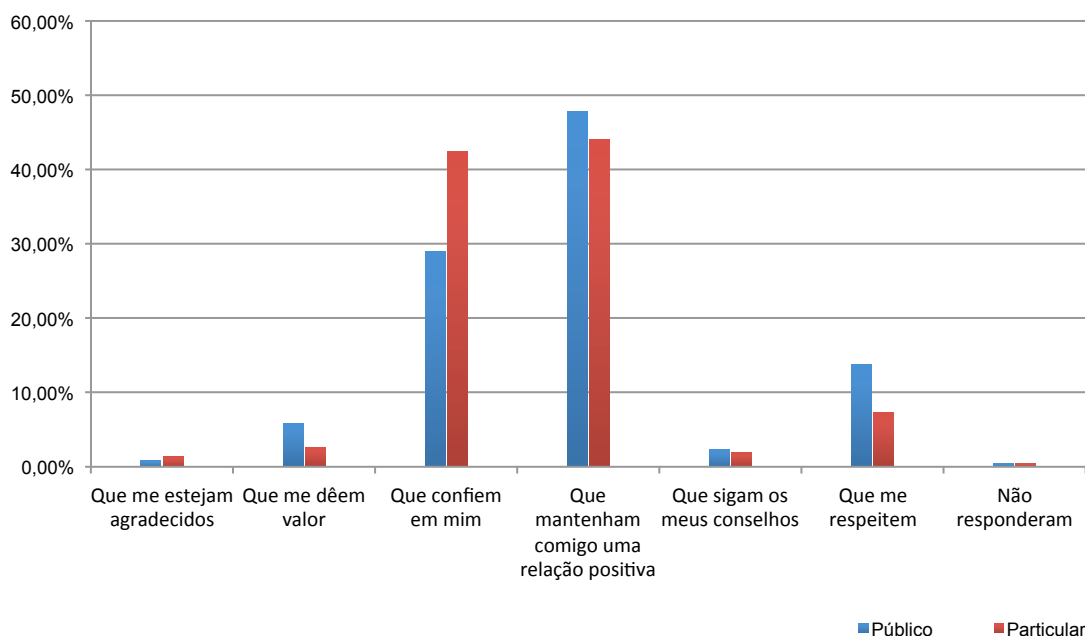
Já quanto à relação com os pais dos alunos o que causa maior satisfação aos professores, conforme os dados do Quadro 57, é a manutenção de relações positivas com os pais, para quase metade dos inquiridos e que estes confiem nos professores, embora em percentagem muito menor.

Quadro 57 . Causas de maior satisfação para os professores, na relação com os pais dos alunos

	<i>n</i>	%
Que me estejam agradecidos	27	0,9%
Que me dêem valor	148	5,1%
Que confiem em mim	925	31,8%
Que mantenham comigo uma relação positiva	1369	47,0%
Que sigam os meus conselhos	65	2,2%
Que me respeitem	362	12,4%
Não responderam	14	0,5%
Totais	2910	100,0%

Verifica-se que em relação ao tipo de estabelecimento, público e privado, existem algumas variações assinaláveis como, por exemplo, os professores do Ensino Particular valorizam mais que os pais confiem neles (42,4%), claramente acima dos 29,0% dos docentes do Ensino Público; estes preferem, em maior percentagem (13,8%), que os pais dos alunos os respeitem, quando só 7,3% dos docentes do Ensino Particular referem esta opção (cf.gráfico 26).

Gráfico 26 . Causas de maior satisfação para os professores, na relação com os pais dos alunos, segundo o tipo de estabelecimento de ensino



O perfil global de respostas repete-se nas restantes variáveis analisadas

Questão: *E o que lhe causa maior insatisfação?*

Por sua vez, continuando a indagar a relação dos docentes com os pais dos alunos, o que causa aos professores maior insatisfação, de acordo Quadro 58, é que os pais dos alunos não se preocupem com a educação dos seus filhos, com quase 3 em cada 4 professores a eleger esta opção, a grande distância em relação à falta de respeito aos professores e ao item “que pensem que sabem tudo sobre o ensino”.

Quadro 58 . Causas de maior insatisfação para os professores, na relação com os pais dos alunos

	<i>n</i>	%
Que pensem que sabem tudo sobre o ensino	270	9,3%
Que não sigam os meus conselhos	29	1,0%
Que me dêem conselhos	5	0,2%
Que não se preocupem com a educação dos seus filhos	2165	74,4%
Que me critiquem ou me desautorizem	153	5,3%
Que me faltem ao respeito	267	9,2%
Não responderam	21	0,7%
Totais	2910	100,0%

Também nesta questão o perfil global de respostas é idêntico nas diversas variáveis analisadas, com exceção da ocorrência de uma maior percentagem de insatisfação (83,5%) revelada pelos professores das Escolas Profissionais quanto ao item “os pais dos alunos não se preocuparem com a educação dos seus filhos”, o mesmo acontecendo com os educadores de infância, em relação à falta de respeito dos pais em relação aos professores (12,4%).

Questão: *Fala normalmente com algum colega sobre os problemas que encontra no seu ensino?*

Finalmente, em relação à partilha com colegas dos problemas com que se depara na sua atividade de ensinar, 83,7% dos professores assinala que o fazem com frequência, quase sempre ou sempre.

Quadro 59 . Frequência com que os professores falam, com algum colega, sobre os problemas que encontra no seu ensino

	<i>n</i>	%
Nunca	6	0,2%
Raramente	56	1,9%
Por vezes	394	13,5%
Com frequência	1278	43,9%
Quase sempre	424	14,6%
Sempre	734	25,2%
Não responderam	18	0,6%
Totais	2910	100,0%

Este perfil global de respostas é idêntico nas diversas variáveis analisadas.

Destaques

Parte 4 . Relação com alunos, pais e colegas

. os dois principais motivos de insatisfação dos professores são claramente a falta de respeito dos seus alunos, a grande distância percentual para a segunda causa mais apontada, o facto de não conseguir motivar os alunos;

. o que causa maior satisfação aos professores, na relação com os pais, é a manutenção de relações positivas com eles, sendo assim para quase metade deles e, de seguida, que os pais confiem neles, embora em percentagem muito menor;

. 42,4% dos professores do Ensino Particular dizem que preferem que os pais confiem neles, claramente acima dos 29,0% dos colegas do Ensino Público, enquanto 13,9 % destes preferem, que os pais dos alunos os respeitem, quando só 7,3% dos docentes do Ensino Particular escolheram esta opção;

. o que causa claramente maior insatisfação (74,4%) aos professores é que os pais dos alunos não se preocupem com a educação dos seus filhos, percentagem que atinge 83,5% para os professores das Escolas Profissionais;

. os educadores de infância apresentam a maior percentagem (12,4%) respeitante à falta de respeito dos pais para com os professores;

. 83,7% dos professores indicam que falam com frequência, quase sempre ou sempre, com algum colega, sobre os problemas que encontram no seu ensino.

Parte 5 . Autoconceito e autoestima

Nesta parte procurámos perceber o estado de espírito dos docentes face ao seu próprio trabalho, atualmente.

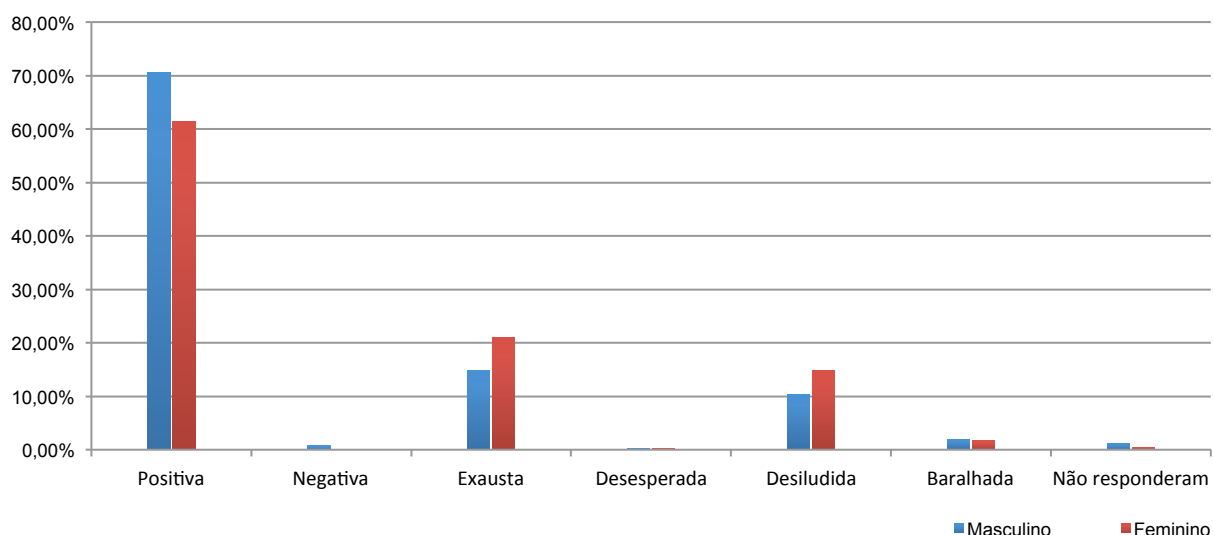
Questão: Como define a sua relação com o seu trabalho docente?

Quadro 60 . Distribuição das escolhas dos professores para definirem a sua relação com o trabalho docente

	<i>n</i>	%
Positiva	1876	64,5%
Negativa	9	0,3%
Exausta	550	18,9%
Desesperada	7	0,2%
Desiludida	390	13,4%
Baralhada	54	1,9%
Não responderam	24	0,8%
Totais	2910	100,0%

Analisando estes dados observa-se que 64,5% dos inquiridos considera ter uma relação positiva com o trabalho docente, enquanto um número apreciável de professores (32,3%) dizem-se exaustos, desiludidos, baralhados. As professoras estão percentualmente mais exaustas e desiludidas (35,9%), que os professores (25,2%).

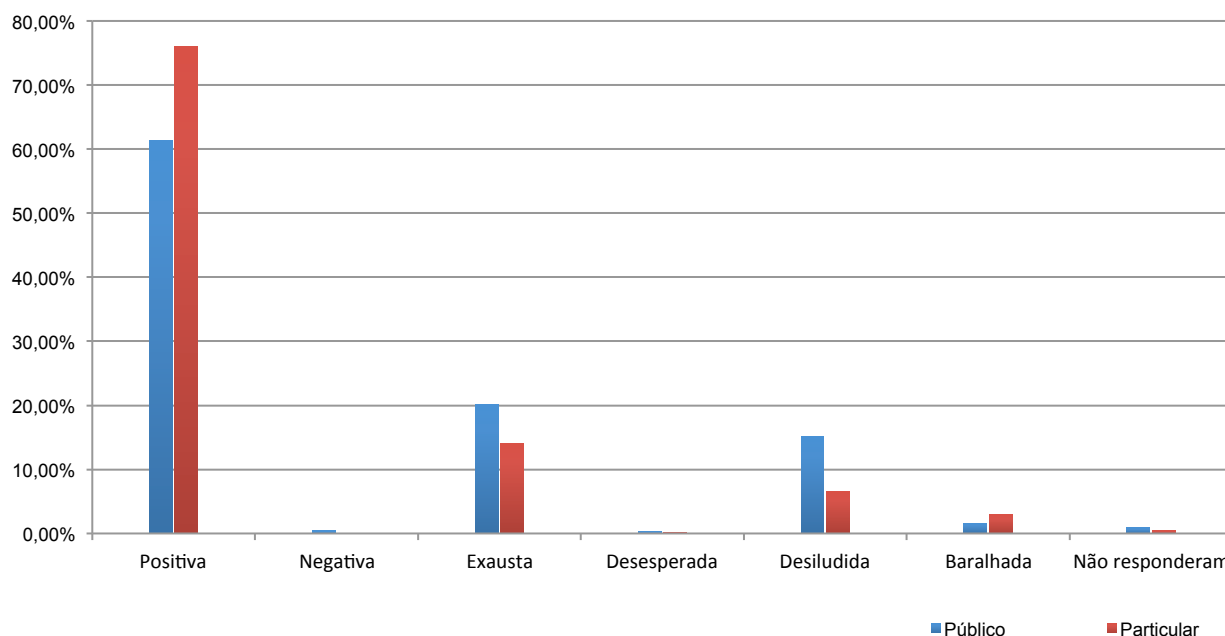
Gráfico 27 . Distribuição das respostas dos professores para definirem a sua relação com o trabalho docente, por género



. As preocupações e as motivações dos professores .

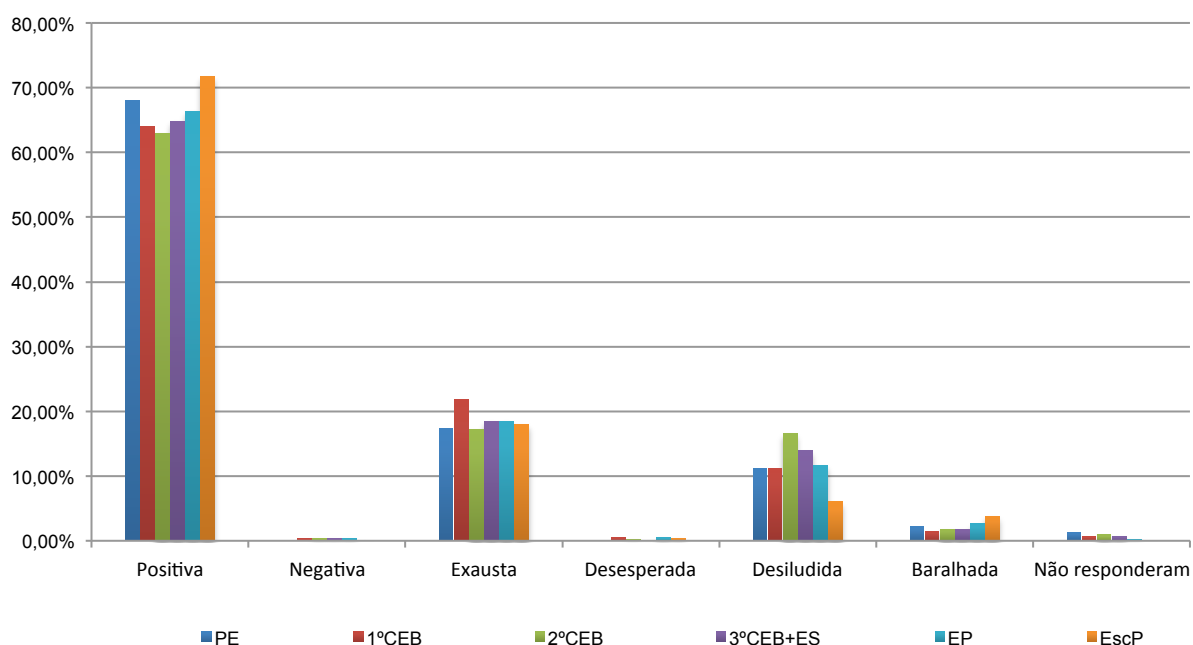
Por sua vez, os docentes do Ensino Particular têm uma relação positiva com o trabalho docente, quase 15 pontos percentuais acima dos professores do Ensino Público (cf. gráfico 28), e dizem-se, também, menos exaustos e desiludidos, sensivelmente com a mesma diferença percentual de 15 pontos.

Gráfico 28 . Distribuição das respostas dos professores para definirem a sua relação com o trabalho docente, por tipo de estabelecimento de ensino



Já em relação ao nível/ciclo de ensino lecionado, de acordo com o gráfico seguinte, verifica-se que são os docentes das Escolas Profissionais e os educadores de infância que afirmam ter, em maior percentagem, uma relação positiva com o trabalho docente. Por outro lado, são os professores do 1º CEB, 2º CEB e 3º CEB e Ensino Secundário que apresentam maiores valores percentuais, entre 32% e 33%, nas opções exaustos e desiludidos.

Gráfico 29 . Distribuição das respostas dos professores para definirem a sua relação com o trabalho docente, por nível/ciclo de ensino lecionado



Finalmente, observando a distribuição das respostas dadas pelos inquiridos, em função do tempo de serviço docente (ver Quadro 61), são os docentes até aos 10 anos de serviço que têm maiores percentagens de respostas dizendo ter uma relação positiva com o trabalho docente.

Quadro 61 . Distribuição das respostas dos professores para definirem a sua relação com o trabalho docente

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
Positiva	75,5	77,0	63,3	63,0	60,0	66,2
Negativa	2,0	0,4	0,2	0,2	0,5	0,4
Exausta	10,2	12,9	18,7	20,3	21,5	17,6
Desesperada	0,0	0,0	0,2	0,4	0,0	0,4
Desiludida	6,1	5,5	14,4	13,9	15,9	14,0
Baralhada	4,1	3,1	2,2	1,4	1,8	1,1
Não responderam	2,0	1,2	0,9	0,9	0,3	0,4

Já os professores com mais de 10 anos de docência afirmam estarem exaustos e desiludidos, em maior percentagem, atingindo o valor de 37,4%, no caso dos professores com 31 a 35 anos de serviço, enquanto os outros escalões apresentam valores que variam entre 31,6% (mais de 35 anos) e 34,2% (de 21 a 30 anos).

Questão: *Selecione a opção que melhor reflete o seu estado de espírito mais habitual quando está na escola.*

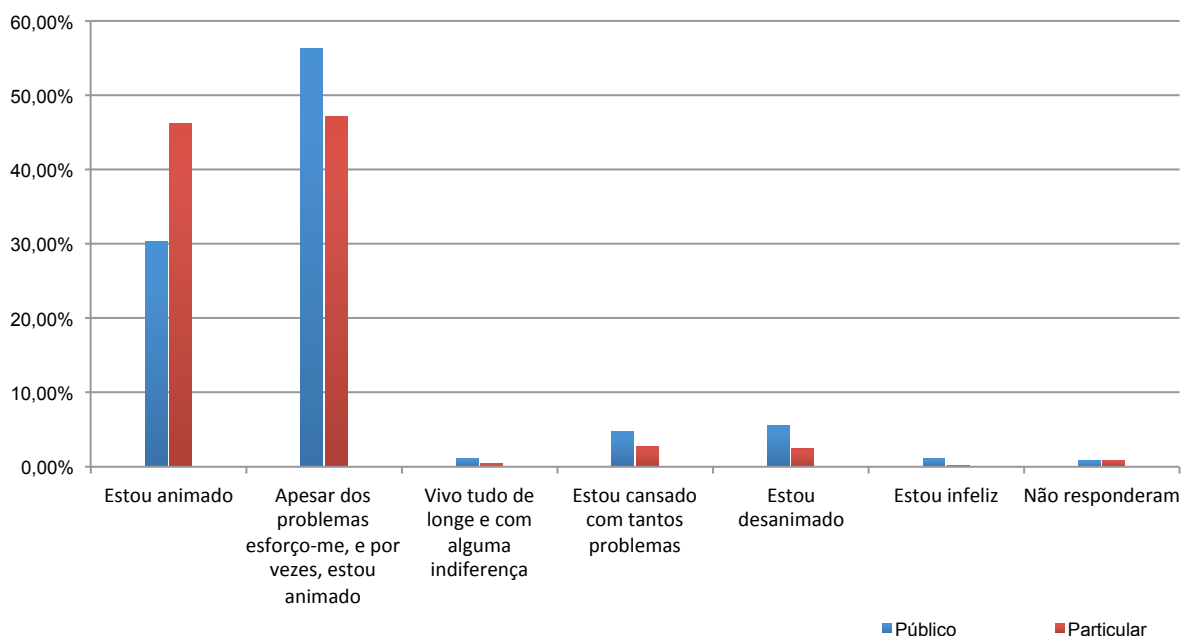
Quadro 62 . Distribuição das opções escolhidas pelos professores para refletir o seu estado de espírito mais habitual quando estão na escola.

	<i>n</i>	%
Estou animado	977	33,6%
Apesar dos problemas esforço-me, e por vezes, estou animado	1586	54,5%
Vivo tudo de longe e com alguma indiferença	29	1,0%
Estou cansado com tantos problemas	125	4,3%
Estou desanimado	142	4,9%
Estou infeliz	27	0,9%
Não responderam	24	0,8%
Totais	2910	100,0%

Verifica-se que 1 em cada 3 inquiridos diz estar habitualmente animado na escola e a maioria (54,5%) afirma esforçar-se para estar animado, apesar dos problemas. Por outro lado, uma percentagem apreciável docentes (9,2) diz-se cansada de tantos problemas e desanimados, quando estão na escola.

Quando se analisam os valores obtidos por tipo de estabelecimento de ensino, público e privado, (cf. gráfico 30), constata-se que os docentes do Ensino Particular dizem estar animados na sua escola, em maior percentagem que os colegas do Ensino Público, bem como apresentam menores valores percentuais quanto a estarem cansados de tantos problemas e desanimados.

Gráfico 30 . Distribuição das respostas dos professores que refletem o seu estado de espírito mais habitual quando estão na escola, por tipo de estabelecimento de ensino



Por fim, quando se analisa o perfil das respostas em função do tempo de serviço (ver Quadro 63), verifica-se que são os professores com menos de 10 anos de serviço que têm as maiores percentagens dos que habitualmente estão animados na escola. Por sua vez, os professores com mais de 10 anos de docência, em percentagens superiores a 50%, dizem que apesar dos problemas, se esforçam, e por vezes estão animados.

Quadro 63 . Distribuição das respostas dos professores que refletem o seu estado de espírito mais habitual quando estão na escola, por tempo de serviço

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
Estou animado	63,3	49,6	34,4	29,1	31,8	31,6
Apesar dos problemas esforço-me, e por vezes, estou animado	28,6	45,7	52,6	59,0	52,8	57,7
Vivo tudo de longe e com alguma indiferença	0,0	0,0	1,0	0,9	1,3	2,2
Estou cansado com tantos problemas	0,0	1,6	5,1	4,4	5,6	3,3
Estou desanimado	6,1	0,8	5,5	4,8	6,7	4,4
Estou infeliz	0,0	1,2	0,7	0,9	1,5	0,4
Não responderam	2,0	1,2	0,7	0,9	0,3	0,4

Questão: *Entre as opções seguintes, escolha a que considera ser a maior virtude do seu trabalho docente.*

A distribuição das respostas em que os docentes revelam o seu autoconceito acerca do que consideram ser a maior virtude do seu trabalho consta do quadro seguinte.

Quadro 64 . Distribuição das escolhas dos professores sobre o que consideram ser a maior virtude do seu trabalho docente

	<i>n</i>	%
Tenho os meus conhecimentos atualizados	229	7,9%
Uso metodologias variadas	317	10,9%
Tenho boas relações com os alunos	817	28,1%
Giro bem as minhas aulas	247	8,5%
Preocupo-me com todos os meus alunos	1197	41,1%
Cumpro os programas e as recomendações superiores	79	2,7%
Não responderam	24	0,8%
Totais	2910	100,0%

Da análise dos dados ressalta a especial atenção que os inquiridos dizem ter em relação aos seus alunos, pois 69,2% dizem que a sua maior virtude é “preocuparem-se com todos os seus alunos” e “ter boas relações com os alunos”. De realçar ainda que 10,9% dizem usar metodologias variadas no processo de ensino e só 8,5% dos docentes reconhecem que a sua maior virtude é gerir bem as suas aulas.

Este perfil de respostas, com pequenas variações percentuais, sem significado, é comum a todas as variáveis que analisamos. No entanto, destacamos que são os docentes com menos de 10 anos de serviço que referem, em maior percentagem, usarem metodologias variadas, tal como acontece com os docentes das Escolas Profissionais.

Destaques

Parte 5 . Autoconceito e autoestima

. 64,5% dos inquiridos considera ter uma relação positiva com o trabalho docente, enquanto 32,3% dos professores dizem estar exaustos ou desiludidos, com destaque para as professoras;

. os docentes do Ensino Particular têm uma relação positiva com o trabalho docente, quase 15 pontos percentuais mais do que os professores do Ensino Público;

. são os professores do 1º CEB, 2º CEB e 3º CEB e Ensino Secundário que apresentam maiores valores percentuais na escolha das opções exaustos e desiludidos;

. são os professores com mais de 10 anos de tempo de serviço que mais dizem estar exaustos e desiludidos, atingindo mesmo o valor de 37,4%, no caso dos professores com 31 a 35 anos de serviço, enquanto os outros escalões acima dos 10 anos apresentam valores que variam entre 31,6% (mais de 35 anos) e 34,2% (de 21 a 30 anos);

. 1 em cada 3 inquiridos diz estar habitualmente animado na escola, enquanto 54,5% afirma esforçar-se para estar animado, apesar dos problemas;

. 9,2% dos professores inquiridos diz estar cansado de tantos problemas e desanimado quando estão na escola;

. os docentes do Ensino Particular dizem estar animados, na sua escola, em maior percentagem que os professores do Ensino Público;

. 69,2% dos inquiridos dizem que a sua maior virtude é preocuparem-se com todos os alunos ou ter boas relações com eles;

. 10,9% referem o uso de metodologias variadas, como a sua maior virtude, e 8,5% dos docentes reconhecem, no gerir bem as suas aulas, a sua maior virtude;

. são os docentes com menos de 10 anos de serviço e os professores das Escolas Profissionais que referem, em maior percentagem, usarem metodologias variadas.

Parte 6 . Opinião sobre os atuais alunos

Questão: *Em geral, os atuais alunos, em relação aos de há uma década:*

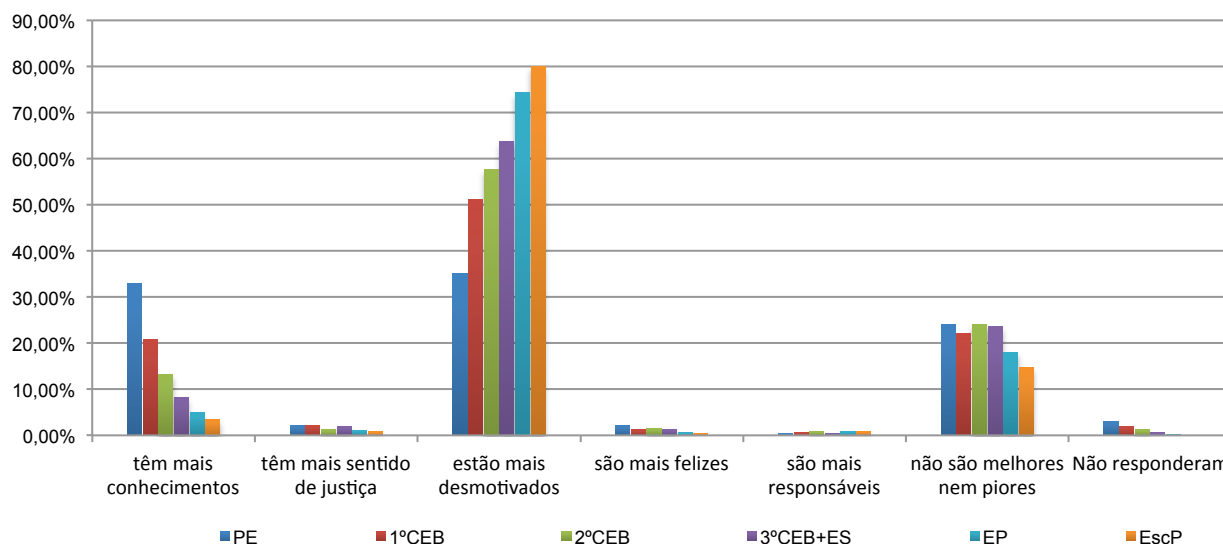
Quadro 65 . Distribuição da opinião dos professores sobre os atuais alunos, em relação aos de há uma década

	<i>n</i>	%
têm mais conhecimentos	384	13,2%
têm mais sentido de justiça	53	1,8%
estão mais desmotivados	1740	59,8%
são mais felizes	36	1,2%
são mais responsáveis	16	0,5%
não são melhores nem piores	647	22,2%
Não responderam	34	1,2%
Totais	2910	100,0%

Analisando os dados do quadro verifica-se que a desmotivação dos alunos constitui traço mais marcantes de caracterização dos atuais alunos, face aos de há uma década. Uma maioria de 59,8% dos professores considera os atuais alunos mais desmotivados, embora um número significativo de docentes os considere que não são nem melhores nem piores (22,2%).

As percentagens encontradas nas análises feitas, por género, tipo de estabelecimento de ensino de pertença e tempo de serviço docente não mostram variações significativas em relação ao perfil global de respostas. Já em relação à opinião dos professores, em função do nível/ciclo de ensino lecionado (cf. gráfico 31), existem alguns desvios ao padrão dominante de respostas globais.

Gráfico 31 . Distribuição da opinião dos professores sobre os atuais alunos, em relação aos de há uma década, segundo o nível/ciclo de ensino lecionado



Embora a opinião dominante seja que os atuais alunos estão mais desmotivados, os educadores de infância têm uma menor perceção disso (35,1%), ao invés dos docentes do Ensino Profissional e das Escolas Profissionais que percecionam a desmotivação, em maior percentagem (74,4% e 80,1%, respetivamente).

De salientar ainda o facto dos educadores de infância considerarem que os atuais alunos têm mais conhecimentos, em maior percentagem (32,9%) do que a média global, seguidos pelos professores do 1º CEB, embora a alguma distância (20,8%). Assim como esta consideração desce com a progressão por ciclos, a perceção da desmotivação dos alunos é uma variável que cresce com a progressão dos ciclos de estudo.

Questão: Para si, quais os principais problemas dos alunos de hoje.

Os resultados obtidos mostram que, dos problemas indicados, são mais destacados os itens “estarem desmotivados para o estudo”, “terem falta de apoio da família” e “serem desatentos” (86,7%)⁷.

Quadro 66 . Principais problemas que os professores percecionam nos atuais alunos

	<i>n</i>	%
estão desorientados	541	10,7%
são desatentos	1066	21,1%
têm falta de apoio da família	1424	28,2%
consomem drogas e álcool	53	1,1%
estão desmotivados para o estudo	1884	37,4%
têm más relações com os docentes	30	0,6%
Não responderam	43	0,9%
Totais	5041	100,0%

Embora os docentes do Ensino Particular tenham eleito, como os três principais problemas, os mesmos que os seus colegas do Ensino Público, aqueles percecionam em menor percentagem o problema da desatenção (15,7%) e consideram mais o problema da desorientação (15,2%).

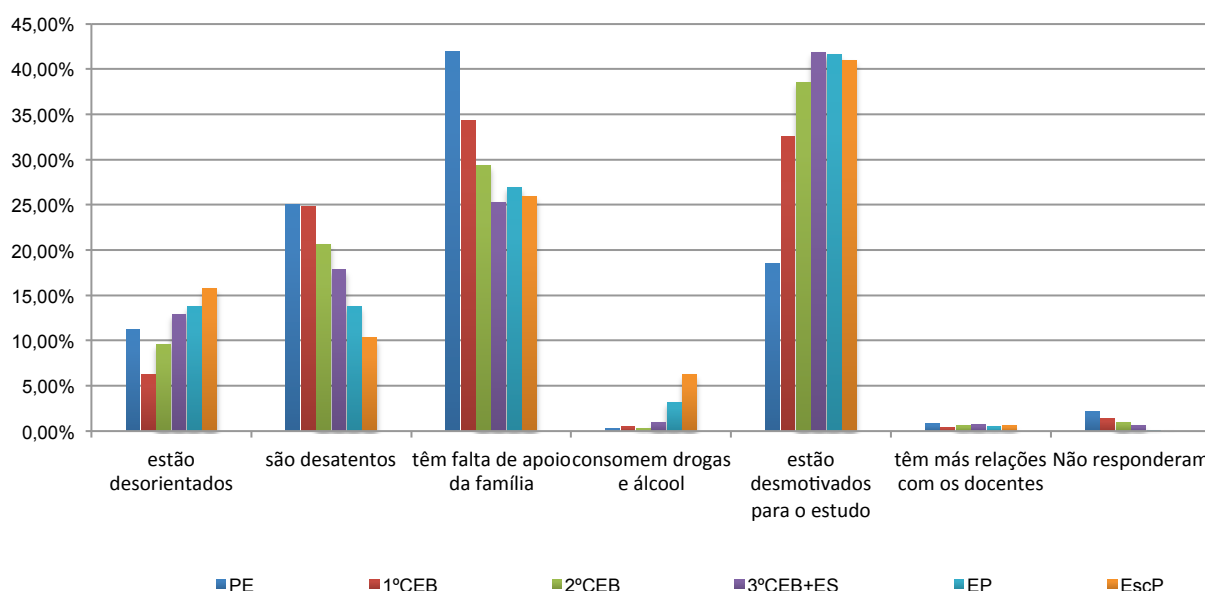
Fazendo agora a análise da distribuição das respostas por nível/ciclo de ensino lecionado, de acordo com os dados do gráfico seguinte, verifica-se que enquanto a percentagem da “falta de apoio da família” vai diminuindo, conforme o nível/ciclo de ensino é mais elevado, de 41,9%, referente aos educadores de infância, para 25,3% referente aos professores do 3º CEB e Ensino Secundário, inversamente a percentagem de respostas para a desmotivação para os estudos vai aumentando, de 18,5% para 41,8%.

⁷ Porque, nesta questão, os inquiridos poderem indicar dois problemas, esta percentagem e as restantes apresentadas nesta questão, foram calculadas em relação ao número total de problemas indicados.

. As preocupações e as motivações dos professores .

Também se observa que o volume das respostas que indicam que “os alunos são desatentos” vai diminuindo de 25,0%, para os educadores de infância, até 10,3% para os docentes das Escolas Profissionais. Salienta-se ainda que estes apresentam a maior percentagem de opiniões de que os atuais alunos estão desorientados.

Gráfico 32 . Distribuição da opinião dos professores sobre os principais problemas que percecionam nos atuais alunos, segundo o nível/ciclo de ensino lecionado



Finalmente observando as respostas dadas pelos inquiridos, em função do seu tempo de serviço, verifica-se que embora continue a ser a desmotivação para o estudo o maior problema que eles assinalam nos atuais alunos, a diferença percentual, entre o segundo e o terceiro problema mais referido, vai sendo cada vez menor, com os docentes com mais de 30 anos de serviço, que considerarem quase ao mesmo nível os problemas da desatenção e da falta de apoio da família.

Quadro 67 . Principais problemas que os professores percecionam nos atuais alunos, em função do tempo de serviço

	Anos completos de serviço docente em 2015/16					
	menos 3	3 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 35	mais 35
estão desorientados	17,3	15,1	9,4	11,3	10,7	7,3
são desatentos	16,0	15,5	18,7	21,2	26,3	27,0
têm falta do apoio da família	24,7	28,8	30,0	27,4	27,0	28,7
consomem drogas e álcool	4,9	3,6	1,4	0,3	0,6	0,9
estão desmotivados para o estudo	33,3	35,4	38,6	38,5	34,9	34,9
têm más relações com os docentes	0,0	1,1	0,8	0,5	0,1	0,2
Não responderam	3,7	0,5	1,1	0,8	0,4	1,1

Destaques

Parte 6 . Opinião sobre os atuais alunos

. 59,8% dos inquiridos consideram os atuais alunos mais desmotivados, em relação aos de há uma década, embora 22,2% considere que eles não são nem melhores nem piores;

. entre a opinião dominante, que considera que os atuais alunos estão mais desmotivados, são os educadores de infância que têm uma menor perceção disso (35,1%), ao invés dos docentes do Ensino Profissional e das Escolas Profissionais que a percecionam, em maior percentagem (74,4% e 80,1%, respetivamente);

. os educadores de infância consideram que os atuais alunos têm mais conhecimentos em maior percentagem (32,9%) do que a média global, seguidos pelos professores do 1º CEB, embora a alguma distância (20,8%);

. 86,7% dos inquiridos considera que os principais problemas dos atuais alunos consistem em estarem desmotivados para o estudo, terem falta de apoio da família e estarem desatentos;

. os docentes do Ensino Particular percecionam, em menor percentagem, o problema da desatenção que os seus colegas do Ensino Público, e dão maior consideração percentual ao problema da desorientação dos alunos;

. a valorização da falta de apoio da família vai diminuindo conforme o nível/ciclo de ensino é mais elevado, de 41,9% para 25,3%, inversamente à percentagem da desmotivação para os estudos, que vai aumentando de 18,5% para 41,8%;

. os inquiridos que consideram os atuais alunos desatentos vão diminuindo de 25,0%, entre os educadores de infância, até 10,3%, entre os docentes das Escolas Profissionais, e são estes que apresentam a maior percentagem em relação à desorientação dos atuais alunos;

. a diferença percentual entre os problemas da desatenção e da falta de apoio da família vai sendo cada vez menor, em função do tempo de serviço docente, com os docentes com mais de 30 anos de serviço a considerá-los quase ao mesmo nível.

III. Comentário final

Um tempo propício à fatalidade ou à responsabilidade?

Joaquim Azevedo

A 2/2/2016, o jornal “Público” dava conta dos resultados de um estudo realizado por investigadores do ISPA (Instituto Superior de Psicologia Aplicada) junto de cerca de mil professores do 2º e 3º ciclo e do ensino secundário, ao longo de três anos (entre 2010 e 2013), que “revelou que 30% dos docentes estavam em *burnout*, ou seja, exaustos emocionalmente e sem qualquer sentimento de realização profissional.”

A investigadora coordenadora do estudo, Ivone Patrão, refere que “esta percentagem fica um pouco acima dos números habituais registados nos outros países, que rondam entre os 15 e os 25%”. O inquérito do ISPA dá conta que a maior parte dos professores que apresentam sintomas de *burnout* são mais velhos, têm vínculo à função pública e dão aulas no ensino secundário e assinala ainda que a média de idades dos inquiridos é de 49 anos. O estudo (...) revela ainda que existem entre 20 a 25% de docentes que sofrem de stress, ansiedade e depressão. E a notícia acrescenta que “o *burnout* afecta não só o professor, mas também o contexto educacional, uma vez que o mal-estar sentido pode originar problemas de saúde, perda de motivação, irritabilidade, aumento dos níveis de absentismo e abandono da profissão, o que pode interferir na realização de objectivos pedagógicos.” Por outro lado, outra notícia relatada no site do Sindicato dos Professores da Madeira, refere que “conflitualidade constante e o stress profissional, a exaustão emocional, a despersonalização, a baixa realização profissional, a sobrecarga de trabalho, o sentimento da falta de reconhecimento e desvalorização social do seu trabalho profissional, a experiência de uma elevada responsabilidade para com terceiros”, encontram-se entre as principais explicações adiantadas por vários especialistas reunidos na Madeira, num seminário promovido pelo mesmo Sindicato, em julho de 2016, em que se analisaram também os resultados do mesmo estudo.

A questão do esgotamento dos professores, e até mesmo do “burnout”, tem sido notícia recorrente nos *media*, ora porque há novos resultados de estudos, ora porque esse cansaço e esgotamento é invocado permanentemente para se explicar quase tudo o que, de menos positivo, se passa na educação escolar, em Portugal.

A Fundação Manuel Leão, responsável pelo lançamento em Portugal, desde há 15 anos, do único modelo independente de avaliação externa de escolas, o Programa AVES, que contempla vários questionários aos intervenientes no processo educativo, entre eles os professores, decidiu, neste quadro, ouvir também os professores portugueses sobre as suas “motivações e preocupações”. Assim, em maio, junho e julho de 2016 endereçou um questionário aos diretores de agrupamentos escolares e escolas envolvidas nesse Programa (a que se juntaram outras escolas com as quais os colaboradores do Programa e colegas seus têm trabalhado). Neste questionário, como expressamente nele se refere, considerou-se “importante

conhecer a opinião dos professores sobre as percepções que têm sobre o seu profissionalismo, condições e formas de trabalho e sobre as mudanças na última década no sistema educativo”, com o objetivo de “as dar a conhecer e debater com a sociedade portuguesa”. Foram consideradas 2910 respostas válidas, dadas via *online* ou em papel, oriundas de todo o país, distribuídos por 130 escolas ou agrupamentos, do ensino público e privado. A amostra não é estatisticamente representativa do universo dos docentes, em termos rigorosos de estratificação, mas fica muito próxima desse modelo (se se considerar um intervalo de confiança de 8%). Trata-se pois de uma amostra por conveniência, nos termos explicitados (com mais pormenor no texto anterior da apresentação dos resultados).

Para elaborar este questionário, a fonte principal foi o trabalho desenvolvido em vários países pela Fundación Santa Maria, através do Instituto de Evaluación y Asesoramiento Educativo-IDEA, de Espanha. Estas instituições têm coordenado vários estudos baseados na aplicação de inquéritos a docentes, entre os quais salientamos: “Las emociones y representaciones de los actores escolares, aplicado no Chile, em 2009, e “Las emociones y los valores del profesorado”, aplicado em Espanha, de 2008. A outra fonte foi o Projeto TEL (*Teachers Exercising Leadership*- Os professores e o exercício da liderança), que é um projeto de investigação-ação integrado numa rede internacional (International Teacher Leadership), que “tem a finalidade de desenvolver e alargar o profissionalismo dos professores através do exercício da liderança, entendendo-se a liderança do professor não apenas envolvendo a liderança do ensino e da aprendizagem na sala de aula, mas também a liderança de inovações e a construção de conhecimento profissional dentro e para além da sala de aula e da escola”. Este projeto realizou um inquérito por questionário, em 2012, a nível nacional, com 2.702 respostas. E termos de principais resultados, segundo afirma a coordenadora o Projeto TEL, Maria Assunção Flores (entrevista ao jornal online “Nós”, da Universidade do Minho), “os inquiridos referem que, nos últimos três anos, os fatores que contribuíram para menor satisfação profissional foram, entre outros, o excesso de burocracia, a falta de reconhecimento da profissão, a avaliação do desempenho, as alterações legislativas constantes, o congelamento da carreira, a falta de tempo, o aumento do volume de trabalho e a intensificação do trabalho docente, a redução do salário, a deterioração do relacionamento profissional, a falta de reconhecimento do trabalho, a indisciplina dos alunos, o excesso de alunos por turma, o desinteresse dos alunos, o modelo de gestão e a constituição dos mega agrupamentos”.

Os resultados do questionário da Fundação Manuel Leão/AVES foram aqui apresentados com bastante pormenor. O **objetivo deste pequeno texto final** consiste em interrogar os resultados acabados de apresentar à luz de quadros de análise que, a meu ver, são pouco habituais, mas pertinentes, ajudando a interrogar os mesmos por um lado menos linear que o habitual. Recorrerei a Alvaro Marchesi, Byung-Chul Han e Daniel Innerarity. Sinto que devemos procurar ir um pouco mais fundo na análise destes resultados, que se repetem ao longo dos anos, evidenciando uma degradação crescente das condições em que se está a processar o exercício profissional dos professores.

O foco deste breve comentário ao inquérito, importa referi-lo, deixa de lado a consideração do contexto

socioeconómico em que se realizou. A crise social e económica que acampou em Portugal, com ênfase para os anos que se seguiram a 2010, com forte impacto no desemprego na instabilidade familiar, os cortes salariais e o congelamento de carreiras, o crescimento da incerteza sobre o presente e o futuro, as mudanças que ocorreram no campo específico da educação, mormente as que se relacionaram com a avaliação dos professores, aos exames nacionais e as alterações frequentes dos programas, são fatores, entre outros, que se repercutem nas escolas e no exercício profissional dos professores, com efeitos negativos.

Lembremos, para tal, alguns resultados (menos positivos) aqui apresentados: (i) há cerca de 33% dos professores, que responderam a este questionário, que gostariam de deixar de fazer o que estão a fazer, leccionar; (ii) 68% dos professores encontram-se atualmente menos satisfeitos com o seu trabalho do que no início da sua carreira (27% dizem-se mesmo “muito menos satisfeitos”); (iii) 35% dos professores define a sua relação com o seu exercício profissional como “exausta” (19%), “desiludida” (13%) e “baralhada”, “desesperada” ou “negativa” (3%); (iv) 91% considera que, nos últimos anos, diminuiu o prestígio da sua profissão, 84% afirma que a sociedade não valoriza os professores e 85% assinala que o Ministério da Educação não valoriza o seu trabalho; (v) 76% considera que aumentou o controlo sobre o seu trabalho profissional; (vi) 80% considera que diminuiu, nos últimos anos, a sua autonomia e o seu poder de decisão, 87% considera que diminuiu o tempo e as condições que os professores têm para refletir sobre as suas práticas educativas e 94% considera que aumentou a exigência de prestação pública de contas; (vii) 31% afirma que não se sente motivado para ensinar; (viii) 60% considera que os alunos agora “estão mais desmotivados”; (ix) o que causa mais insatisfação aos professores é a “falta de reconhecimento profissional” (57%), a indisciplina na sala de aula (52%), seguido pela extensão dos programas (30%); (x) a principal causa de insatisfação com os alunos é a sua falta de respeito (59%) e com os pais é o facto de não se preocuparem com a educação dos filhos (74%) e (xi) 64% considera que a educação, em Portugal, piorou na última década.

Os professores, como grupo profissional, estão envelhecidos (apenas 1,4% dos docentes tem menos de 30 anos) e o seu número decresceu vertiginosamente: entre 2004/05 e 2014/15, há menos 42.165 professores no sistema (segundo o Perfil do Docente, da DGEEC, de 2015). Este momento de envelhecimento e de perda é importante em termos de contextualização. Mais de um quarto dos docentes foi abandonando o sistema, fruto de muitas variáveis que agiram em simultâneo, tais como, a diminuição da natalidade (nos mesmos dez anos, o número de alunos do básico e do secundário desceu 6,2%), o encerramento das escolas do 1º ciclo com menos de 25 alunos, a criação de agrupamentos escolares verticais, o aumento do número de alunos por turma, o aumento da idade de reforma. Além do efeito envelhecimento, os docentes sofreram, como os outros funcionários públicos, cortes nos seus vencimentos e congelamento das progressões na carreira. Desde 2008 que trabalham mais horas, havendo uma ocupação sistemática de boa parte da chamada “componente não letiva” do seu horário de trabalho, em tarefas escolares.

Nunca houve, como tenho afirmado no Conselho Nacional de Educação, desde o 25 de abril e ao longo do

processo de democratização da educação, qualquer momento em que os professores tivessem sido alvo preferencial de políticas governamentais, com medidas articuladas e profundas de dignificação, reestruturação e valorização pública da sua atividade profissional. Isto apesar de muitos reconhecerem que os professores são um elemento chave da evolução da sociedade portuguesa, mais ainda agora, quando todos os portugueses acedem a uma escolaridade muito longa, de doze anos de duração (a que há que adicionar os anos de educação pré-escolar, que podem ser seis). Este facto traduz, a meu ver, um evidente desinteresse, por parte da elite dirigente, com o futuro do país e com a qualidade da educação da sua população.

Algumas chaves de leitura

As principais tensões que se vivem hoje no sistemas educativas são fruto e parte integrante das grandes mudanças que ocorrem na sociedade de hoje. Perante estas mudanças (culturais, socioeconómicas, familiares), as pressões sobre as escolas são muito acentuadas e a sua maioria repercute-se sobre o exercício profissional dos professores: o baixo nível educativo dos alunos, a indisciplina e a falta de educação de muitos jovens, as baixas classificações dos alunos em exames nacionais, a falta de qualidade de algumas instalações e equipamentos para fazer face aos desafios da sociedade da informação ou o desajustamento tecnológico. Estas perspectivas são, na realidade, mensagens de desconfiança em relação aos professores. É certo que hoje cresce uma desconfiança em relação às instituições (D. Innerarity, por exemplo, refere-o frequentemente), mas a desconfiança que se estende às escolas e aos professores é muito clara e persistente. A desconfiança sobre as escolas e o seu desempenho social afeta profundamente os professores, que se confrontam muitas vezes com uma crise de confiança e de identidade profissional (Marchesi, 2007⁸). Esta crise ameaça, por sua vez, o quotidiano profissional, pois a confiança é aquilo que permite aos professores ter segurança no seu trabalho, enfrentar com determinação os riscos da sua profissão e constitui também uma garantia para viver positivamente as tensões profissionais atuais. Como diz Álvaro Marchesi (ibidem), a confiança reduz a ansiedade, permite um juízo mais equilibrado e facilita a inovação; confiança e autoestima acabam por representar, como base da atividade profissional, a assunção de determinados objetivos e procedimentos, a capacidade de os defender e concretizar, saber lidar com tranquilidade com alunos, colegas e pais, sentir-se capaz de enfrentar situações mais problemáticas, de reconhecer os próprios erros e de aceitar sem angústia as dificuldades que surgem nestes novos contextos. Se as relações com estes outros elementos da “comunidade educativa” se vivem como ameaçadores e de modo isolado, vai-se perdendo a segurança, o domínio, a tranquilidade e a satisfação profissional. Ora, os sentimentos de perda de confiança e de reconhecimento social por parte dos professores podem minar profundamente a sua identidade profissional e reduzir os vínculos que os unem profissionalmente. As probabilidades de os professores se sentirem insatisfeitos consigo mesmos aumentam, provocando um mal-estar emocional, continua este especialista espanhol.

No contexto profissional específico das escolas, expresso e sustentado em relações interpessoais, os

⁸ Alvaro Marchesi (2007). Sobre el bienestar de los docentes: competencias, emociones y valores. Madrid: Alianza Editorial.

sentimentos de frustração, ansiedade, insegurança, tristeza, tédio, cansaço, exaustão dos professores repercutem-se de imediato nas salas de aula, no clima escolar e no *ethos* de cada instituição. Sem interações positivas entre os professores e os alunos, o trabalho escolar fica gravemente comprometido. Manter este quadro de expectativas e atitudes positivas por parte dos professores (e dos alunos), ao longo de décadas, e neste quadro de permanente envio de mensagens de desconfiança por parte da sociedade para dentro das escolas, é uma tarefa quase impossível, a verdadeira quadratura do círculo. O resultado mais evidente é o desgaste profissional, a insatisfação crescente.

Só uma sustentação ética rigorosa e inabalável, vivida e caldeada em comum, com valores e atitudes partilhados com outros profissionais do mesmo ofício, em diálogo com colegas, alunos e pais, reforçando a reflexão sobre as práticas e a cooperação interprofissional e interinstitucional, podem ajudar a sustentar emoções positivas e a fazer frente às adversidades e conflitos permanentes. As políticas públicas de educação, na medida em que não sejam seguidistas deste modelo de atuação social, reforcem a valorização social dos professores e promovam este envolvimento sociocomunitário por uma melhor educação, passo a passo, tornam-se decisivas.

Ainda com Marchesi (2007 e 2008), importa referir que os professores são um grupo profissional heterogéneo e que estas considerações, tão generalistas, não dão conta de importantes cambiantes que se relacionam com a idade, o género, o tempo de exercício profissional, o contexto escolar e social em que se trabalha. Os percursos individuais dos professores fazem com que, a par de algumas características comuns, haja realmente uma multiplicidade de modos de viver a profissão, em cada momento histórico, modos esses que se situam entre os docentes desesperançados e aqueles que nunca deixam esgotar a sua capacidade mobilizadora de alunos, pais e colegas para mais e melhor educação.

Byung-Chul Han, na sua “sociedade do cansaço”⁹, introduz algumas chaves de leitura que creio que nos ajudam a ler os resultados aqui apresentados.

Para este autor, a “violência neuronal”, o que o *burnout* e outros sintomas revelam, não deve ser lido apenas como um cansaço profissional, pois traduz também um “esgotamento da alma”. Somos, como diz Han, “máquinas autistas de produção” (2014:42). É o imperativo da produtividade a todo o custo que nos deprime, o excesso de proibições e ordens dadas a todo o tempo e lugar, as ordens que orientam num sentido e orientações que orientam, um, dois ou três anos depois, em sentido contrário, são as metas pré-definidas e as estatísticas que é preciso cumprir, ou seja, um excesso que se repete décadas a fio; não é o exercício da responsabilidade e a iniciativa que deprimem os professores. Sempre que a têm, diz-me a experiência, no trabalho contínuo com as escolas, rejuvenescem.

É um problema social e sistémico e que tem na educação escolar, na atividade de 125.000 docentes, uma

⁹ Byung-Chul Han (2014), A sociedade do cansaço. Lisboa: Relógio d'Água.

expressão porventura inusitada. O poder diz-lhe a toda a hora que têm poder para produzirem o sucesso dos seus alunos, para promoverem a aprendizagem com qualidade, mas não lhes confere nem autonomia profissional para tal, nem as escolas têm níveis de responsabilidade adequados a esse exercício; os professores interiorizam, anos a fio, que apesar do que o Ministério apregoa, no fim do dia, não são capazes realmente de exercer este poder e, a certa altura, de exercer qualquer poder real, como se já nada fosse possível. E é isso mesmo que ouvimos todos os dias: com este Ministério, com estes pais desinteressados, com estes alunos indisciplinados, com esta sociedade de consumo e dominada pela economia e pela produtividade, com estes colegas cansados e desmotivados, ... nada é possível. Repetem-se as rotinas profissionais, num caldo de desencanto, como se não restasse outra atitude profissional que não fosse a repetição, ano após ano, o fazer sempre o mesmo.

Quando o Ministério da Educação (ME), sem nada se alterar na sociedade e nas estruturas de poder e de ação, vem dizer que a escola e o professor têm autonomia e liberdade, aquilo que é interiorizado é “uma liberdade coerciva ou a livre coação em prol da maximização da produção” (2014:23). É paradoxal, mas é sintoma de uma sociedade entregue cada vez mais nas mãos da produtividade e do consumo desenfreado e dececionante, para usar o termo de Lipovetsky.

O professor vai-se tornando, sem sangue novo nas escolas e sem novas interrogações nascidas de novas práticas e novos contextos profissionais, no meio de colegas envelhecidos e sem esperança, um ser “cansado de fazer e de poder” (2014:22), que entra em conflito consigo mesmo.

Se ao menos o cansaço dos professores fosse vivido em conjunto, uns com os outros, poderia haver alguma redenção. Mas não, é vivido de modo individual, como um cansaço de esgotamento, de exaustão, a exaustão da repetição do erro, a exaustão de rotinas sem sentido, um cansaço oriundo da ineficácia depois de tanta dádiva, da fadiga como a principal glória, o que vai causando um sensação de sufoco. R. Sennett, já em 1999, falava da “corrosão do caráter”...

Diante da impossibilidade de ser e de poder ser realmente um professor educador como um profissional autónomo, capaz de reflexão pessoal e em equipa, assente em observação diária, cresce a inquietação, o nervosismo e a hiperatividade. Nunca vi tanta dedicação à profissão como no meu trabalho nas escolas e com os professores. Mas também nunca vi tanta dedicação profissional ser tão inglória, ineficaz, isolada, triste, perdida. Não deve haver outra profissão assim, tão dependente da ética individual e tão despojada da sua alma. A aceleração e a histeria com que se trabalha nas escolas tem a mesma intensidade da falta de sentido de grande parte do que se faz, tem a mesma espessura do despojamento de sentido do exercício profissional docente.

Não se trabalha regularmente de modo reflexivo e em grupo, levantando interrogações, analisando situações e práticas, avaliando e tirando conclusões, tranquilamente, trimestre a trimestre, ano após ano, com base no trabalho desenvolvido, acumulando assim conhecimento profissional. Este é escasso e não há

alibis capazes de amaciar esta ausência (como são a constante mobilidade dos docentes de escola em escola, o facto de lidarmos com pessoas e cada aluno ser diferente do outro, ...). Recentemente, ao fim de trinta e sete anos, regressei a uma escola onde trabalhei muito e com elevada gratificação profissional; o que verifico é que se está, em mais um ano letivo que se planeia, a começar quase tudo de novo, como se não houvesse escola democrática há mais de quarenta anos, como se não tivéssemos aprendido quase nada, como se a comunidade e a escola não se conhecessem e interligassem como unha e carne há décadas. Ou seja, como se não se tivesse aprendido nada, em termos profissionais, quase quarenta anos volvidos.

Mas é preciso pensar esta mesma hiperatividade, pois ela esconde outra realidade e substitui outra atividade. A hiperatividade, propõe ainda Han, não permite a livre atividade, é por isso “uma forma passiva de ação” (2014:43). Atua-se e tudo fica como é. Trabalha-se muito, mas os processos e práticas educativas não se alteram de modo consistente e coerente, muito menos de modo eficaz.

Os professores entretanto vagueiam debilitados, deprimidos, quase apáticos, cumprindo rotinas mínimas. Quando alguém lhes diz: há ali um caminho, há ali uma dinâmica que resultou, vamos olhar para nós mesmos e tentar melhorar os processos pedagógicos... além de olharem para esse alguém muito desconfiados, na manhã seguinte regressam à hiperatividade, ao frenesim escolar, que vai aumentando em muitas escolas, como um carrossel imenso de atividades anuais, que enchem dezenas de páginas de programações, a que se juntam dinâmicas inesgotáveis de autoavaliação, a maioria das quais sem eficácia alguma, puras ocupadoras fabris de tempo,...

É preciso parar, contemplar, dar tempo ao tempo. Tenho repetido há muito anos que a escola tem de aprender a travar, se quiser ter algum impacto cultural profundo sobre os cidadãos e a sua liberdade e compromisso solidário. E só educará se souber travar. Se isto era verdade há quinze anos, muito mais o é agora, num momento em que toda a sociedade se estrutura para colocar as crianças e os adolescentes fora de si, atraente e constantemente estimulados para se ausentarem para parte incerta, para um entretenimento sem qualquer significância cultural que não a própria deformação humana. Mas como pode a escola travar, perguntarão? Como é que se pode parar um automóvel em movimento, melhor, em velocidade acelerada e com os comandos aparentemente fora do controlo de cada escola, fora do controlo de cada professor?

Ora, “sem contemplação é impossível a cultura”, diz Han. Se não há paragem, reflexão, contemplação dos gestos realizados, dos processos realizados, como é que pode haver educação que não seja adestramento, preparação para a conformidade e para o consumo embrutecedor e vazio. Escravos educam escravos? Poderá um cego guiar outro cego?

Porque é que temos tanto medo e desdenhamos tanto da nossa própria realidade, o que ela é, crua e dura, bela e desafiante? Só a atenção profunda permite parar a inconstância dos olhos e pode gerar a

concentração, diz Han (28). Só a contemplação é que permite a cada profissional “afundar-se nas coisas” (28), na realidade concreta e não na fantasia que sobre ela se vai criando (por exemplo: ah!, se os pais dos meus alunos se interessassem mesmo pela sua educação, ah!, se os alunos chegassem motivados à escola, ah! Se a realidade fosse essa, então nós poderíamos fazer alguma coisa, assim não dá!). A fantasia sobre a realidade escolar e social mata a criatividade e a inovação, alimenta o faz de conta e o mal estar docente.

É preciso devolver o espanto aos professores, inscritos na realidade tal qual ela é. Só assim é possível haver realmente educação. Com mais de um terço dos professores a querer ir-se embora da atividade letiva, com mais de um em cada três professores a dizer-se exausto e desiludido, com um em cada três a assinalar que os professores estão desmotivados para ensinar...estamos à espera de quê? Certamente, de pior. A “nuvem de cansaço” é também uma nuvem negra sobre o futuro da educação em Portugal.

Também Innerarity¹⁰ nos proporciona algumas chaves de leitura desta realidade. A começar pela questão do tempo e da relação dos atuais sistemas económico e burocrático com os vários grupos profissionais e atores sociais.

Existe uma linha de fratura entre, por um lado, um tempo que é imposto exteriormente, seja pela iniciativa política do ME seja por outros atores sociais (veja-se os pais, por exemplo, na pressão exercida sobre as escolas quanto à preparação fabril dos filhos para os exames), imposição esta que tende a repercutir-se interiormente às organizações escolares (por vezes até a ampliar-se) e, por outro, o tempo da educação e do ensino-aprendizagem, que reclama desde logo tempos muito diferenciados, incompatíveis com *standards* impostos administrativamente, um tempo que exige sempre lentidão, contemplação, atenção e concentração, encontro com as capacidades e as dificuldades e erros.

O tempo das aprendizagens não é compatível com o tempo das tecnologias (por mais que as queiram incorporar dentro da escola), o tempo da educação não é o tempo da política ou da economia. Esta “dessincronização sistémica” deve ser desvendada e trazida para o espaço público, como estratégia de salvaguarda do papel cultural da educação, como caminho para a insubordinação educacional face à subordinação escolar seja ao tempo das tecnologias seja ao tempo da economia e da política.

A lentidão da educação deve ser pública e politicamente assumida como uma dessincronização relevante e útil ao devir das sociedades, uma utilidade crucial do ponto de vista humano, pois nem todas as acelerações devem ser sincronizadas nem todos os sistemas sociais e grupos profissionais têm de engrenar com a aceleração tecnológica e a globalização económica. Deveria ser possível configurar-se politicamente um tempo próprio para a evolução da educação de toda a população, conciliando estabilidade com eficácia e flexibilidade. E esta configuração, que deve ser uma co-configuração construída no espaço público, e não

¹⁰ Daniel Innerarity (2011). O futuro e os seus inimigos. Uma defesa da esperança política. Lisboa: Teorema. Há outros livros do mesmo autor como “A sociedade invisível”, que ajudam a ler esta mesma realidade.

uma obrigação relegada para o Ministério da Educação, reclama capacidade de reflexão e de aprendizagem coletiva, para que seja possível dar de novo um sentido culturalmente fecundo à educação.

A desmotivação dos professores, uma certa desvinculação profissional, o cansaço e a exaustão aqui expressos nos resultados do inquérito, que englobam pelo menos um em cada três professores, devem ser, pois, interpretados também formas respeitáveis de opinar e ajudar a decidir, e não necessariamente como uma absoluta falta de compromisso social e político. A atual decepção com a educação e as políticas educativas deve também ser vista no quadro da evolução das sociedades, em que a política perdeu essa face heroica e se tornou uma construção humilde e coletiva, de co-construção e de co-configuração.

É como se um pessimismo endêmico tivesse tomado conta da educação escolar. Para Innerarity existe hoje “um profundo pessimismo a respeito da capacidade humana de configurar seja o que for, e muito menos por meio da política” (2011:144). Só que a política, hoje, deve corresponder a esse “esforço de transformar a fatalidade em responsabilidade” (ibidem:153). A questão principal que daqui emerge não é pois saber o que nos espera ou o que devemos esperar (do Estado, dos políticos, do ME,...), mas sim “o que vamos fazer, substituindo as grandes desculpas ideológicas pelos projetos concretos” (ibidem:154). Na sua opinião, não podemos abandonar à sua sorte (ibidem:156) ou como costume dizer, temos mesmo de amar a realidade que nos cerca, como único modo de podermos nela construir outras oportunidades e projetos.

Não podemos continuar a pedir à política o que ela não pode dar nem garantir, como refere o mesmo autor (2011:126). Este sentimento generalizado de desconfiança em relação ao Ministério da Educação e ao futuro da educação e da profissão docente, bem pode constituir uma oportunidade para mobilizar a participação e o exercício de uma nova responsabilidade seja da parte dos professores, seja da parte dos pais e das comunidades locais, com mais iniciativas abertas e participadas, com sistemas de informação e comunicação horizontais e eficazes, com renovação da reflexão conceptual, com a criação de novos canais de expressão dos cidadãos, relativizando o conhecimento existente, abrindo espaços para que novos conhecimentos surjam. Este é um tempo propício ao ensaio controlado, à discrepância, ao confronto político. Somos muito impotentes, mas isso é também uma força da democracia; a política tem de ser algo mais relacional e cooperativo, co-configurado e co-construído.

A este propósito, não posso terminar sem deixar uma nota sobre as discrepâncias de opinião que se encontram, nestes resultados, entre os professores das escolas profissionais e os outros professores. Os professores das escolas profissionais são: (i) os que evidenciam uma atitude mais positiva em relação ao trabalho de ensinar (juntamente com os educadores); (ii) os que mais referem que o seu prestígio profissional tem aumentado (junto aos educadores); (iii) são os que mais percebem o aumento da sua autonomia e do seu poder de decisão; (iv) são os professores que se encontram mais motivados para ensinar; (v) são os que mais referem que os pais valorizam o seu trabalho. Tudo isto apesar de serem os docentes que mais assinalam estar preocupados com a indisciplina na sala de aula, o que não é de estranhar se considerarmos a população escolar que frequenta os cursos profissionais, em grande parte

portadora de percursos com insucesso escolar.

As escolas profissionais, criadas em 1989, ou seja, com um já longo historial na educação do país, prosseguindo sempre, em aliança com o Estado, um serviço público da maior relevância social, são escolas dotadas de mais autonomia e capacidade de decisão própria, definem os seus projetos educativos e contratam os seus professores, estão mais profundamente embrenhadas e comprometidas com o desenvolvimento das suas comunidades locais e realizam dinâmicas de inovação curricular já bastante consolidadas (como os projetos integradores ou interdisciplinares). Isto deve querer dizer que já há caminhos feitos, entre nós, para que se possa alcançar uma profissionalidade docente composta de motivação, relação positiva com o trabalho, poder de decisão, compromisso e prestígio social.

Nestes novos e complexos tempos, a lógica da responsabilidade talvez possa, nos termos enunciados, vir a substituir a lógica da fuga, do cansaço, da culpabilização mútua. E atirar a toalha ao chão talvez não seja a boa solução. Onde ir buscar a esperança, a coragem e as forças? Não podemos desistir de responder à questão e ... agir.

Porto, agosto de 2016.

IV. Anexos

. As preocupações e as motivações dos professores .

. Inquérito



AS MOTIVAÇÕES E PREOCUPAÇÕES DOS PROFESSORES

A Fundação Manuel Leão e o Programa AVES consideram importante conhecer a opinião dos professores sobre as perceções que têm sobre o seu profissionalismo, condições e formas de trabalho e sobre as mudanças na última década no sistema educativo, para as dar a conhecer e debater com a sociedade portuguesa.

Para podermos refletir em conjunto sobre as **reais** preocupações dos professores, pedimos que responda com rigor e sinceridade às perguntas deste questionário, que é anónimo e tem fins exclusivamente académicos.

Os resultados deste estudo serão apresentados num Seminário que iremos promover em Setembro de 2016. Será enviado um exemplar digital do Relatório Final à direcção dos estabelecimentos de ensino que colaborarem neste estudo.

Desde já agradecemos a sua colaboração.

Este inquérito deve ser preenchido utilizando caneta ou esferográfica preta ou azul.
Em caso de engano, risque a sua resposta e preencha o quadrado correspondente à resposta que pretende, conforme o exemplo ao lado:

correto	☒
assim não	☒ ☒
rasurado	☒ ☒

Dados pessoais e profissionais

1. **Género:** ☐ Feminino ☐ Masculino

2. **Tipo de estabelecimento de ensino onde leciona:** ☐ Particular ☐ Público

3. **Qual/Quais o(s) nível/níveis de ensino que leciona?**
(Pode indicar mais do que um nível)

- ☐ Pré-escolar
- ☐ 1º CEB
- ☐ 2º CEB
- ☐ 3º CEB
- ☐ Ensino Secundário
- ☐ Ensino Profissional

4. **Há quantos anos letivos completos leciona?**

- ☐ < 3 anos
- ☐ entre 3 e 10 anos
- ☐ entre 11 e 20 anos
- ☐ entre 21 e 30 anos
- ☐ entre 31 e 35 anos
- ☐ > 35 anos



1 – A profissão docente

5 – Se tivesse que definir o que é ensinar, que denominação escolhia?

- ☐ Trabalho
- ☐ Profissão
- ☐ Arte
- ☐ Sacerdócio
- ☐ Atividade científica e técnica
- ☐ Atividade criativa

6 – A qual destes termos mais associa o trabalho de ensinar?

- ☐ Afeto
- ☐ Paixão
- ☐ Cansaço
- ☐ Esperança
- ☐ Frustração
- ☐ Rotina

7 – Porque é professor? Diga, entre as seguintes razões, a que melhor reflete a sua escolha.

- ☐ Para ganhar a vida
- ☐ Porque gosto de ensinar
- ☐ Porque tenho mais tempo livre
- ☐ Porque assim posso ajudar os meus alunos
- ☐ Porque me permite aprender toda a vida
- ☐ Por ser a profissão do meu pai e/ou da minha mãe

8 – O que gostaria de fazer nos próximos cinco anos?

- ☐ Continuar a lecionar porque gosto
- ☐ Continuar a lecionar porque não tenho outra alternativa
- ☐ Continuar a lecionar mas noutra escola
- ☐ Fazer parte da direção do Agrupamento/Escola ou ir para a Inspeção
- ☐ Trabalhar noutra atividade não docente
- ☐ Aposentar-me antecipadamente, se possível

9 - Indique o seu atual grau de satisfação em relação ao início da sua vida profissional.

- ☐ Muito menos satisfeito
☐ Menos satisfeito
☐ Igualmente satisfeito
☐ Mais satisfeito
☐ Muito mais satisfeito

10. Como qualifica a evolução, nos últimos anos da sua atividade profissional, em relação:

Para responder, por favor considere a seguinte escala:

1) Aumentou muito 2) Aumentou 3) Aumentou pouco 4) Diminuiu pouco 5) Diminuiu 6) Diminuiu muito

	1	2	3	4	5	6
ao volume de trabalho	☐	☐	☐	☐	☐	☐
às tarefas burocráticas e administrativas	☐	☐	☐	☐	☐	☐
ao prestígio da profissão docente, devido à informação veiculada pela comunicação social	☐	☐	☐	☐	☐	☐
ao controlo sobre o seu trabalho profissional	☐	☐	☐	☐	☐	☐
à exigência da prestação pública de contas	☐	☐	☐	☐	☐	☐
à autonomia e poder de decisão dos professores	☐	☐	☐	☐	☐	☐
ao tempo e condições que os professores têm para refletir sobre as suas práticas educativas	☐	☐	☐	☐	☐	☐
ao trabalho colaborativo entre professores	☐	☐	☐	☐	☐	☐
à partilha regular de ideias e materiais pedagógicos	☐	☐	☐	☐	☐	☐
ao individualismo do trabalho docente	☐	☐	☐	☐	☐	☐

11. Qual é o seu grau de concordância/discordância com as seguintes afirmações.

Para responder, por favor considere a seguinte escala:

1) Discordo totalmente 2) Discordo bastante 3) Discordo um pouco 4) Concordo um pouco 5) Concordo bastante 6) Concordo totalmente

	1	2	3	4	5	6
Sinto-me motivado para ensinar	☐	☐	☐	☐	☐	☐
A sociedade valoriza os professores	☐	☐	☐	☐	☐	☐
O Ministério da Educação valoriza o trabalho dos professores	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os alunos valorizam o trabalho dos professores	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os pais dos alunos valorizam o trabalho dos professores	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Os alunos deste estabelecimento de ensino saem academicamente bem preparados	☐	☐	☐	☐	☐	☐

II – A Educação e o Sistema Educativo atual

12. Como considera que a educação, em Portugal, evoluiu na última década?

- ☐ Piorou muito
- ☐ Piorou
- ☐ Piorou pouco
- ☐ Melhorou pouco
- ☐ Melhorou
- ☐ Melhorou muito

13. Quando se anuncia alguma reforma ou mudança educativa, como a encara à partida?

- ☐ Não vai mudar nada
- ☐ Outra ideia dos que há muito tempo não dão aulas
- ☐ Uma possibilidade interessante
- ☐ Um risco de criar mais problemas
- ☐ Vamos a ver!
- ☐ Desde que não afete o meu trabalho, tudo bem!

14. Qual é para si, entre os fatores abaixo indicados, o mais importante para o sucesso dos alunos?
(Pode escolher até dois fatores)

- ☐ O funcionamento da escola
- ☐ O trabalho dos professores na sala de aula
- ☐ A personalidade do professor
- ☐ A colaboração e o apoio das famílias
- ☐ Os recursos disponíveis na escola
- ☐ A existência de exames no final de cada ciclo

15. Em termos gerais, para si, qual tem sido o impacto das reformas educativas empreendidas, nos últimos anos, em relação à:

Para responder, por favor considere a seguinte escala:

1) Muito grande 2) Grande 3) Algum 4) Pequeno 5) Muito pequeno 6) Nenhum

	1	2	3	4	5	6
qualidade da educação	☐	☐	☐	☐	☐	☐
equidade na educação	☐	☐	☐	☐	☐	☐
democratização do acesso à educação	☐	☐	☐	☐	☐	☐
melhoria das práticas docentes	☐	☐	☐	☐	☐	☐
melhoria dos métodos e conteúdos usados no ensino	☐	☐	☐	☐	☐	☐
concorrência entre estabelecimentos de ensino	☐	☐	☐	☐	☐	☐

III – Satisfação profissional

16. Se tivesse que eleger o que lhe dá maior satisfação no seu trabalho, o que escolheria?

- ☐ Afeto dos colegas
- ☐ Reconhecimento de ser um bom professor
- ☐ Reconhecimento de ser uma pessoa íntegra
- ☐ Reconhecimento de ser um bom colega
- ☐ Reconhecimento do seu trabalho ser bem valorizado
- ☐ Apoio nos momentos difíceis

17. E o que lhe causa maior insatisfação no seu trabalho?

- ☐ Conflitos habituais
- ☐ Isolamento
- ☐ Falta de reconhecimento profissional
- ☐ Críticas pessoais
- ☐ Críticas profissionais
- ☐ Críticas da direção

18. As melhorias do seu trabalho docente a que se devem principalmente?

- ☐ Ao seu próprio esforço
- ☐ À ajuda dos seus colegas de escola
- ☐ À ajuda de colegas de outras escolas
- ☐ À formação promovida pela Administração educativa
- ☐ À formação promovida pelos Centros de Formação das Associações de Escolas e outras instituições formadoras
- ☐ A outro tipo de ajudas

19. Qual destes problemas lhe colocam mais dificuldades?

- ☐ A indisciplina na sala de aula
- ☐ O trabalho com os colegas
- ☐ A utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC)
- ☐ A utilização de novas metodologias
- ☐ A extensão dos programas curriculares
- ☐ A mudança das metas de aprendizagem

20. E entre estas situações?

- ☐ A convivência com os colegas
- ☐ Dar atenção ao desenvolvimento afetivo e social dos alunos
- ☐ As relações com os alunos
- ☐ As relações com as famílias
- ☐ A avaliação dos alunos
- ☐ A avaliação do desempenho docente

21. Como valoriza o trabalho em equipa com os colegas?

(Pode escolher até duas opções)

- ☐ É fundamental para o ensino melhorar
- ☐ É a minha forma normal de trabalhar
- ☐ É necessário mas só por vezes se consegue fazer
- ☐ É necessário mas impossível de realizar
- ☐ Não é necessário
- ☐ Acaba por ser frustrante

IV – Relação com alunos, pais e colegas

22. Na relação com os seus alunos, o que lhe causa maior insatisfação?

- ☐ Falta de respeito
- ☐ Falta do merecido agradecimento
- ☐ Falta de reconhecimento profissional
- ☐ Relações frias com os alunos
- ☐ Não conseguir motivar os alunos
- ☐ Os seus antigos alunos não o saudarem

23. Na sua relação com os pais dos seus alunos o que lhe dá maior satisfação?

- ☐ Que me estejam agradecidos
- ☐ Que me dêem valor
- ☐ Que confiem em mim
- ☐ Que mantenham comigo uma relação positiva
- ☐ Que sigam os meus conselhos
- ☐ Que me respeitem

24. E o que lhe causa maior insatisfação?

- ☐ Que pensem que sabem tudo sobre o ensino
- ☐ Que não sigam os meus conselhos
- ☐ Que me dêem conselhos
- ☐ Que não se preocupem com a educação dos seus filhos
- ☐ Que me critiquem ou me desautorizem
- ☐ Que me faltem ao respeito

25. Fala normalmente com algum colega sobre os problemas que encontra no seu ensino?

- ☐ Nunca
- ☐ Raramente
- ☐ Por vezes
- ☐ Com frequência
- ☐ Quase sempre
- ☐ Sempre

V – Autoconceito e autoestima

26. Como define a sua relação com o seu trabalho docente?

- ☐ Positiva
- ☐ Negativa
- ☐ Exausta
- ☐ Desesperada
- ☐ Desiludida
- ☐ Baralhada

27. Selecione a opção que melhor reflete o seu estado de espírito mais habitual quando está na escola.

- ☐ Estou animado
- ☐ Apesar dos problemas esforço-me, e por vezes, estou animado
- ☐ Vivo tudo de longe e com alguma indiferença
- ☐ Estou cansado com tantos problemas
- ☐ Estou desanimado
- ☐ Estou infeliz

28. Entre as opções seguintes, escolha a que considera ser a maior virtude do seu trabalho docente.

- ☐ Tenho os meus conhecimentos atualizados
- ☐ Uso metodologias variadas
- ☐ Tenho boas relações com os alunos
- ☐ Giro bem as minhas aulas
- ☐ Preocupo-me com todos os meus alunos
- ☐ Cumpro os programas e as recomendações superiores

VI - Opinião sobre os atuais alunos

29. Em geral, os atuais alunos em relação aos de há uma década:

- ☐ têm mais conhecimentos
- ☐ têm mais sentido de justiça
- ☐ estão mais desmotivados
- ☐ são mais felizes
- ☐ são mais responsáveis
- ☐ não são melhores nem piores

30. Para si, quais os principais problemas dos alunos de hoje:

(Pode indicar até dois problemas)

- ☐ estão desorientados
- ☐ são desatentos
- ☐ têm falta de apoio da família
- ☐ consomem drogas e álcool
- ☐ estão desmotivados para o estudo
- ☐ têm más relações com os docentes

O questionário termina aqui. Obrigado pela sua colaboração!

